

Revista **a**

EVOLUÇÃO

Ano III - nº 24 - Janeiro/2022 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573



EVOLUINDO SEMPRE COM VOCÊ

DESTAQUES

UMA PROPOSTA PARA RECONHECER AS CATEGORIAS DO SISTEMA DE ARTES VISUAIS: MUSEU E ARTISTAS

Adriana Santos Morgado



PROPOSTA E POSSIBILIDADE DE MUDANÇA NA ESCOLA

Alexandre Passos Bitencourt



O JORNAL COMO UM RECURSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM INTERDISCIPLINAR

Luis Venâncio



POIESIS

Elias Alves

J. Wilton

Manuel Francisco Neto



www.primeiraevolucao.com.br

Revista **EVOLUÇÃO**

Ano III - nº 24 - Janeiro de 2022

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Ana Paula de Lima

Andréia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Thais Thomas Bovo

Vilma Maria da Silva

Organização:

Andréia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Adelina Ursula Correia de Lima

Adriana Santos Morgado

Alexandre Passos Bitencourt

Diego Daniel Duarte dos Santos

Elaine Cristina Reis de Lemos

Evelice de Souza Evangelista

Juliana Aparecida Pinheiro de Araujo

Luís Venâncio

Marta Batista Justino Caetano

Vanda de Lima Rodrigues

Vilma Maria da Silva



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.24>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 24 (jan. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

78 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Denise Mak

Patrícia Tanganelli Lara

Thaís Thomas Bovo

Veneranda Rocha de Carvalho

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Me. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Me. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Profa. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Edição, Web-edição e projetos:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887

Whatsapp: (11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com

https://primeiraevolucao.com.br

São Paulo - SP - Brasil

netomanuelfrancisco@gmail.com

Luanda - Angola

Imagens, fotos, vetores etc:

https://publicdomainvectors.org/

https://pixabay.com

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Filiada à:



www.primeiraevolucao.com.br

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof. Antonio R. P. Medrado

COLUNAS

6 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

77 POIESIS

Elias Alvez

J. Wilton

Manuel Francisco Neto

Agradecimento especial às alunas:
Nathy e Eloah Santos.

ARTIGOS

* Destaque

1. A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS CANTADAS NA ESCOLA Adelina Ursula Correia de Lima	11
★ 2. UMA PROPOSTA PARA RECONHECER AS CATEGORIAS DO SISTEMA DE ARTES VISUAIS: MUSEU E ARTISTAS Adriana Santos Morgado	15
★ 3. PROPOSTA E POSSIBILIDADE DE MUDANÇA NA ESCOLA Alexandre Passos Bitencourt	23
4. O PRINCÍPIO DA SEGREGAÇÃO INDEPENDENTE DOS GENES PRESENTES EM LIVROS DIDÁTICOS Diego Daniel Duarte dos Santos	33
5. CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS Elaine Cristina Reis de Lemos	37
6. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO INFANTIL Evelice de Souza Evangelista	43
7. A IMPORTÂNCIA DE UMA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA Juliana Aparecida Pinheiro de Araujo	47
★ 8. O JORNAL COMO UM RECURSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM INTERDISCIPLINAR Luís Venâncio	51
9. A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA INFÂNCIA Marta Batista Justino Caetano	61
10. A ARTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL Vanda de Lima Rodrigues	65
11. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL Vilma Maria da Silva	71

O ano é 2022.

Há dois anos estávamos a elaborar um projeto de revista que se tornaria realidade no mês seguinte, fevereiro de 2020. Assim, esta edição finaliza um ciclo: 2 anos; 24 edições; e centenas de textos publicados, entre artigos, poemas, entrevistas, colunas com especialistas e homenagens.

Foram necessários meses de muito trabalho até conseguirmos atingir uma determinada qualidade nas publicações. Ganhamos forma, colunas mensais, poesia e novos colaboradores, da mesma maneira que os perdemos, porém, prevaleceram as contribuições e a dedicação de nossos colaboradores. Todos que passaram por esta revista deixaram a sua marca, são partes deste projeto, mesmo que por ventura não estejam mais colaborando.

Desde o início, nossa única preocupação foi a de ajudar os profissionais da educação, propiciando que publicassem seus estudos, vivências, pesquisas etc. Temos cumprido este papel de forma legal e acessível, graças ao trabalho voluntário dos professores/as.

A simplicidade de nosso trabalho, aliado à competência de professoras/es, mestras/es e doutoras/es, bibliotecária e técnicos fizeram desta revista uma publicação discutida, respeitada e recomendada. O fato de sermos uma publicação totalmente elaborada e produzida por professores/as é o nosso grande mérito.... E orgulho.

Aos poucos fomos ganhando a confiança do professor/autor, da professora/autora e também das instituições que reconhecem e validam publicações acadêmicas. Além disso, estendemos nosso abraço até o continente africano, onde contamos com colaboradores em Angola, tornando-nos uma publicação internacional.

Hoje, sabemos o que é evoluir. Tornamo-nos sinônimo de evolução, aliás, evolução é o nosso sobrenome, e essa foi uma conquista, sobretudo, coletiva.

Parabéns, vocês construíram uma revista maravilhosa!

Deixo aqui o convite a você professor e professora, junte-se a nós nessa jornada educacional.

Forte abraço



Medrado
Editor Responsável



Antônio R. P. Medrado

Professor/autor

Formado em Letras, Pedagogia e História.

dantonmedrado@gmail.com

<https://dantonmedrado.com.br>



FORMAS QUE SE TRANSFORMAM NO PAPEL: EXPERIÊNCIAS DO DESENHAR INFANTIL¹

Por intermédio das propostas gráficas embasadas em determinados temas, as crianças manifestam seu ponto de vista a partir de seu repertório gráfico, de sua capacidade criadora; uns são nutridos e manifestam seu grafismo com propostas mais voltadas para os Mangás, outros mais para os super-heróis contemporâneos e outros, mais pelos desenhos padrões, sem uma característica própria.

Ao passarem pelas etapas do desenho, de acordo com alguns estudos sobre a neuropsicogênese do desenho infantil, elas se aventuram por todas as fases de desenvolvimento do grafismo, porém o que as diferencia umas das outras é o tempo de permanência que existe em cada uma. Algumas ficam fadadas à somente uma forma de desenhar, de se expressar, coisa que já não acontece com outras, que cada vez mais buscam se apropriar de todo o arcabouço imagético com que tem contato para reconfigurarem suas imagens.

Vale lembrar também que, a depender do contexto cultural no qual estão inseridas, suas composições podem expressar de maneiras diferentes os repertórios imagéticos. Se os pais ou os cuidadores das crianças propiciam, inserem uma cultura de promover variedades de experiências e vivências com o entorno, com a Arte, com os acontecimentos mais atuais e significativos, o repertório infanto-juvenil será diferente.

Todavia, face a todas essas confirmações, o que importa mesmo para a criança é o agir, acordar e ser livre ao desenhar e/ou, até mesmo pintar. Seus dedos, mãos e corpos por completo deslizam pelo espaço... Incrivelmente, pode até parecer estranho para alguns adultos, mas de fato, a experiência em dançar com as cores e formas sobre superfícies valeu e vale muito mais do que o que se apresenta em forma de desenho ou pintura.

Abaixo, coloco duas obras; a primeira (Estudante de 8 anos), um desenho feito a lápis, tentando compor toda sua singularidade de artista brincante; a segunda (Estudante de sete anos), uma pintura, que de forma muito mais fluida propiciada pelo material tinta, escorrega nossos olhares em cores e gestos... Mais uma vez, a criança esteve a criar mundos.



¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 para o primeiro autor da presente coluna.



E aí?!? Como foi começar o ano passeando por essas obras? Ótimo ano a todos e aguardamos vocês no decorrer do mesmo com nossas colunas sobre o desenho e pintura da criança.

Isac dos Santos Pereira

Doutorando e Mestre em Comunicação audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM com pesquisa sobre Naruto na sala de aula. Especialista em Arte/Educação: teoria e prática, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP. Especialista em Neurociências Aplicada à Educação pela Universidade Anhembi Morumbi -UAM. Licenciado em Artes visuais pela Faculdade Paulista de Arte -FPA. Professor atuante de Arte no Ensino Fundamental I da rede Municipal de São Paulo, na Emef Paulo Setúbal.
E-mail: [mailto: isacsantos02@hotmail.com](mailto:isacsantos02@hotmail.com)

Baixe e leia, gratuitamente.

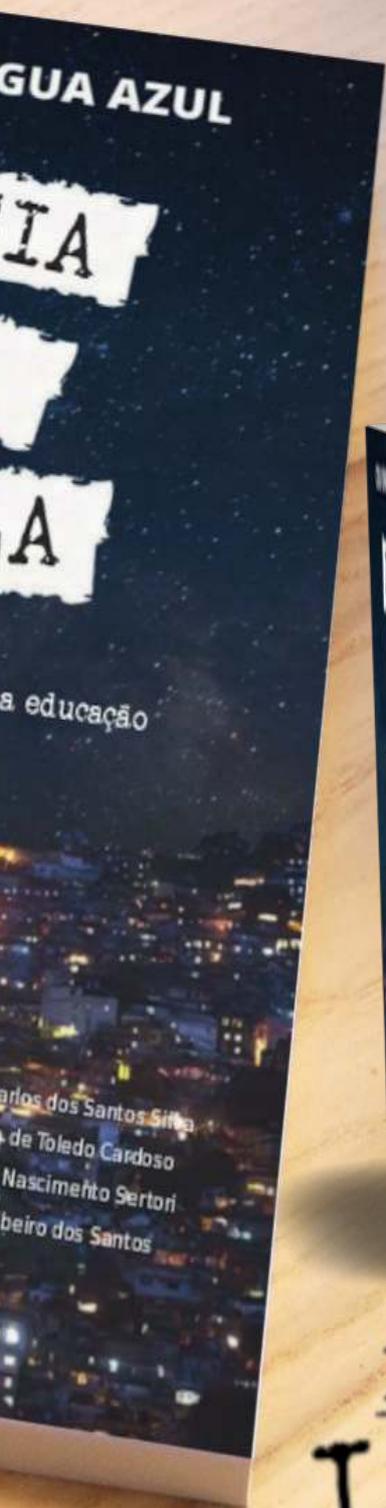


O Projeto e 2º Concurso Poesia na Escola do CEU EMEF Água Azul foi idealizado por um grupo de professores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. O público-alvo desse trabalho são estudantes de 6º a 9º ano da nossa unidade escolar.

O Projeto Poesia na Escola tem como principais objetivos: incentivar a produção literária dos estudantes, dando visibilidade ao material inédito produzido, e valorizar os estudantes escritores, proporcionando formas de expressão por meio da escrita em tempos de pandemia e distanciamento social causados por Covid -19.

A ação importante para esse segundo ano do Projeto foi estabelecer a Comissão Organizadora, que passou a ser composta pelos docentes Anísio Carlos dos Santos Silva, Fernando de Toledo Cardoso, Rodrigo Ribeiro dos Santos e Henrique Nascimento Sertorio (todos pertencentes ao CEU EMEF Água Azul).





Edições
Livro Alternativo



A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS CANTADAS NA ESCOLA

ADELINA URSULA CORREIA DE LIMA

RESUMO: Pretende-se através deste artigo analisar como brinquedos cantados ou brincadeiras cantadas podem auxiliar para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor das crianças. Visto que é uma atividade completa de grande valor educativo, onde a criança se envolve integralmente. A dança e a música no ensino fundamental forma uma dupla indispensável para o desenvolvimento da criança, representam a natural expressão de uma infância feliz, e contribui para o desenvolvimento rítmico, corporal, da lateralidade, respiração, percepção visual e auditiva, ajuda também a desenvolver a organização temporal e espacial. As brincadeiras cantadas são apresentadas de acordo com o desenvolvimento e a maturidade da criança, brincando de roda exercita o raciocínio e a memória, estimula o gosto pelo canto e desenvolve naturalmente os músculos. As atividades devem ser realizadas de forma lúdica, respeitando o nível de compreensão das crianças.

Palavras-chave: Brinquedo. Dança. Desenvolvimento. Lúdico. Música.

INTRODUÇÃO

Pensar em criança, é pensar em movimento. Tudo é motivo para mexer o corpinho. Tudo tem que virar brincadeira para ser divertido. Como dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade: "Brincar com a criança não é perder tempo, é ganhá-lo". Nada é mais encantador para a criança do que brincar. Através desta linguagem ela se expressa, demonstra seus interesses, necessidades e se mobiliza para aprender e se desenvolver.

As crianças desde bem pequenas, demonstram um interesse natural pela música. De maneira geral, expressam suas emoções com maior facilidade através das canções do que pelas palavras. Mas para que a criança possa usufruir dos benefícios que a música oferece, é importante que seja oferecido a ela um repertório de canções e brincadeiras específicas à faixa etária, além de um espaço seguro e arejado, material sonoro rico e ao mesmo tempo, próprio para ser manipulado.

Esse processo musical na primeira infância é chamado de musicalização infantil, que são propostas que tem como objetivo principal, contribuir com o desenvolvimento global da criança, onde ela terá a oportunidade de vivenciar a linguagem musical através de brincadeiras, jogos musicais, em um espaço de sensibilização, construindo seu próprio conhecimento, através de práticas e reflexões musicais.

BRINCADEIRAS CANTADAS

O objetivo principal do trabalho com a música na Educação Infantil, não é formar músicos, mas oferecer ferramentas que colaborem no desenvolvimento da criança de forma integral.

As canções tradicionais estão repletas de simbolismos e de entusiasmo. Elas expressam a força da história advinda de expressões espontâneas da oralidade que foram transmutadas e adicionadas às narrativas e melodias do cancionário popular e erudito, mesclando passado e presente. Não há limite de idade para brincar! A ludicidade presente nessas canções une as diferentes fases do desenvolvimento humano e traz para o grupo o humor e a alegria.

A criança se comunica principalmente por meio do corpo e, ao cantar e brincar, ela é o seu próprio instrumento. Os brinquedos com música fazem parte de seu universo. Com eles e com os jogos, as crianças movimentam seus músculos (respiram, caminham, saltam, correm e, assim alcançam um grande desenvolvimento rítmico), imaginam, improvisam e ganham flexibilidade e fluidez em seu pensamento musical.

Praticamente todas as brincadeiras cantadas da tradição oral são de fácil assimilação para as crianças. Há muita repetição, melodias com perguntas e respostas curtinhas, uma métrica bem marcada e letras que fazem parte do cotidiano.

Além da importância de sua ludicidade, que já justificaria seu ensinamento, elas trabalham outros aspectos importantes para o desenvolvimento das crianças:

Aspectos emocionais

No momento em que a criança está brincando, ela vivencia diversos papéis, como na brincadeira de “faz de conta”, imagina personagens e traz à tona seus medos, angústias, alegrias, vergonha, timidez. Quando a criança brinca, ela organiza, na sua linguagem simbólica, o mundo em que vive, reelaborando-o para seu entendimento.

Aspectos físicos/motores

Todas as brincadeiras cantadas integram canção e movimentos corporais em que são trabalhados noções de ritmo, lateralidade, coordenação motora, temporalidade, espaço, planos (baixo, médio e alto), consciência corporal, entre outros.

Aspectos cognitivos

Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934), psicólogo bielorrusso, afirmava que o brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois os processos de simbolização e de representação a levam ao pensamento abstrato. Brincar de roda estimula a criatividade, desenvolve os sentidos, o potencial criativo, a capacidade de improvisação e tomada de decisão e, assim, permite uma formação mais humanizada.

Aspectos sociais

Brincando em grupo, as crianças entram na sociedade regada. Além de exercitar técnicas e estratégias, elas também treinam o convívio social e as diversificadas formas de lidar com os conflitos que surgem durante a execução. As brincadeiras de roda trabalham as relações humanas, valores e trocas de solidariedade.

Aspectos culturais

Ao apresentarmos canções da tradição cultural, vivemos a sensação de permanência e pertencimento, mergulhando na história e aprendendo sobre a nossa cultura e a de outros povos, criando um bom ambiente para o desenvolvimento do respeito pela diferença. Além disso, essas brincadeiras nos colocam em contato com o patrimônio lúdico cultural da humanidade.

Alguns acreditam que uma boa aula de música na primeira infância, tem que ter basicamente instrumentos musicais. Podemos sim oferecer objetos e instrumentos sonoros nas aulas, mas essa é uma parte da aula. É importante que a criança tenha a oportunidade de vivenciar a música em suas diversas formas, seja cantando, dançando, dramatizando e se movimentando.

Uma das atividades que, sem dúvida, mais interessam e mais promovem a aprendizagem nas aulas de música, são as brincadeiras cantadas, que são atividades ligadas ao movimento e representações. Quando utilizamos estas atividades nas aulas, estamos indo ao encontro das necessidades e interesses da criança, que é brincar e se movimentar. Sendo assim, ela terá foco e atenção nas atividades, terá prazer em repetir e assim, consolidará sua aprendizagem de forma prazerosa. Explorando seu corpo, através de movimentos, a criança é capaz de vivenciar os elementos musicais como ritmo, andamento, pulso, dentre outras habilidades essenciais para prática musical, contribuindo para o desenvolvimento psicomotor da criança, o que a auxiliará quando for utilizar e tocar um instrumento musical no futuro.

Através de atividades coletivas, a criança vai formando sua identidade, aprende a se relacionar e a cooperar com os demais. Brincadeiras de roda com cantigas do folclore, por exemplo, são atividades que promovem um grande estímulo no cérebro, pois necessitam de diferentes coordenações. É necessário cantar, dançar, sincronizar o movimento para a roda girar no andamento adequado, prestar atenção nos comandos sugeridos durante a canção, além da parceria entre todos os amigos que estão brincando e se socializando. Desta forma, a criança exercita sua criatividade e imaginação, sua desinibição e aprende também a respeitar as regras do jogo e a cooperar, além de apresentar à criança valores culturais do seu meio.

Como afirmavam duas grandes referências da educação musical Emile Jaques Dalcroze (1865-1950) e Carl Orff (1895-1982), a música deve ser aprendida pela prática e vivência corporal. Em seus métodos, eles sempre afirmaram que é através dos movimentos, interagindo em grupo, através de uma escuta ativa, que as crianças percebem a melodia, o fraseado, o ritmo e a forma da música, formando a chamada consciência rítmica, o que ajudará a criança no futuro a ser um adulto com facilidade para perceber e executar ritmos musicais.

A música é poderosa, envolvente e acima de tudo, deixa memórias boas e inesquecíveis. Quem não se lembra de sua infância brincando de roda? As memórias geralmente são tão positivas, que geralmente são as músicas que cantamos para nossos filhos quando são pequenos, para brincar com eles.

Como pais, desejamos que nossos filhos se desenvolvam, mas acima de tudo queremos que cresçam felizes e com boas recordações em relação a sua infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão, coloco que a vida é feita de momentos. Por isso devemos estar atentos as vivências que estamos oferecendo a nossas crianças.

As brincadeiras cantadas são, sem dúvida, uma forma acessível, barata e poderosa para deixar memórias cheias de risos e divertimentos a seu filho, além de contribuir para que ele se desenvolva de forma plena e feliz. Não é toa que essas canções existem á centenas de anos, ultrapassando diversas gerações. É cultura, é aprendizado, é diversão!!!

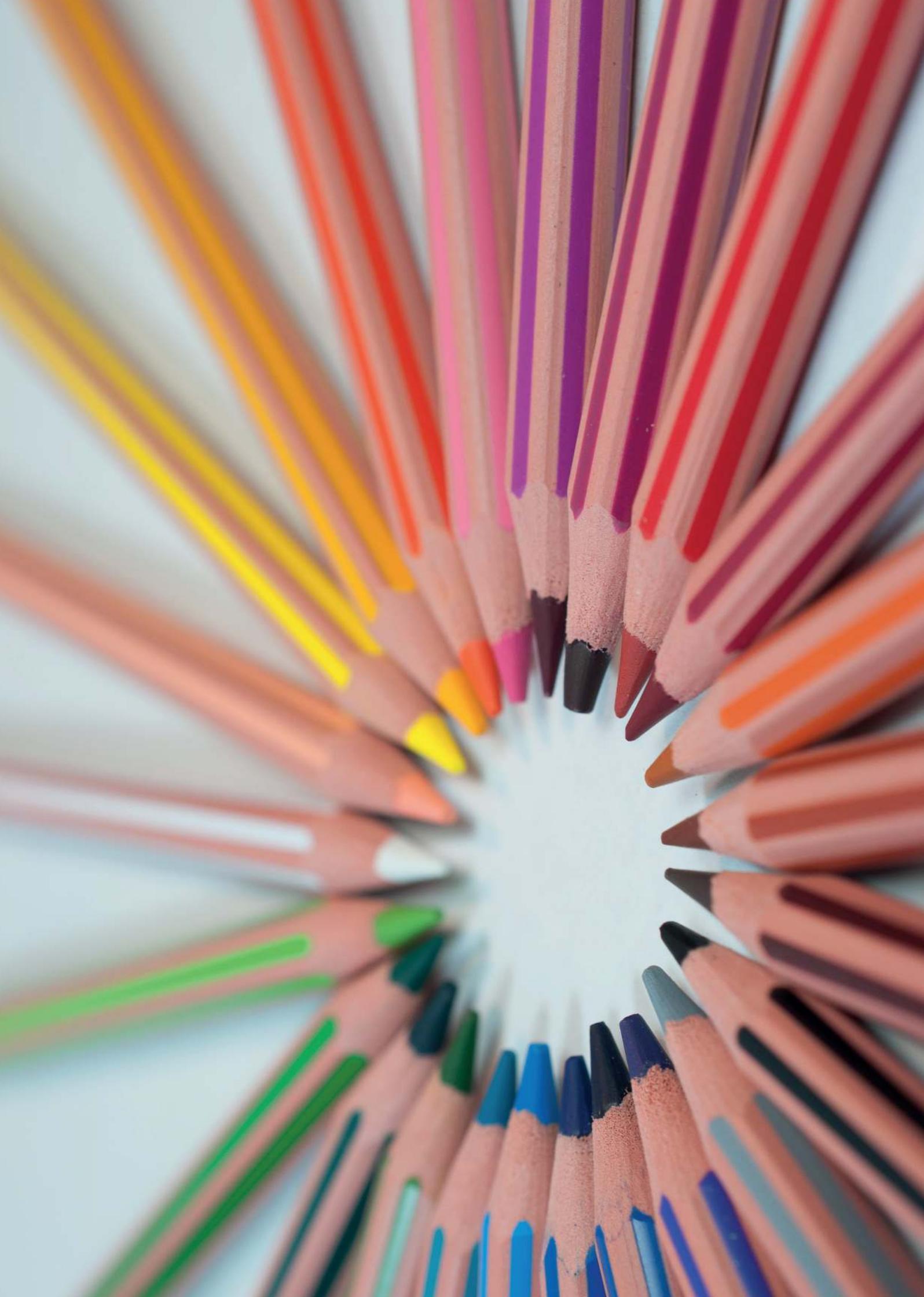
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- DINELLO, Raimundo Ángel. **Pedagogia da Expressão**. Trad.: Luciana F. Cauhí Salomão. Ed. rev. Uberaba, MG: Universidade de Uberaba, 2007
- DELVAL, Juan. **Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças**. Porto Alegre : Artmed, 2002.
- JOURDAIN, Robert. **Música, cérebro e êxtase: como a música captura nossa imaginação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- LACERDA, Osvaldo. **Compendio de teoria elementar da música**. 9.ed. São Paulo: Ricordi Brasileira S.A., 1966.
- LARA, Larissa Michelle; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; RIBEIRO, Deiva Mara Delfini. Brincadeiras cantadas: educação e ludicidade na cultura do corpo. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 10 - N° 81 - Febrero de 2005. Acesso em 27/08/2009. <http://www.efdeportes.com/efd81/brincad.htm>
- LINO, Dulcimarta Lemos. Barulhar: a música das culturas infantis. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v.24, 81-88, set.2010.
- MACEDO, Lino de. **Ensaio construtivistas**. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- _____; PETTY, Ana Lúcia Sicoli; PASSOS, Norimar Christe. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005/2008.
- MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. A dimensão lúdica da música na infância. In: **XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 2008, Porto Alegre, RS. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículo e cultura. Porto Alegre, RS:EDIPUCRS, 2008.
- PAIVA, Ione Maria R. de. **Brinquedos cantados**. Dissertação Universidade Federal de Santa Catarina, Mestrado em Engenharia de Produção. Orientador: Profº. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho. Florianópolis, 2000.
- PIAGET, Jean. **A noção de tempo na criança**. Rio de Janeiro: Record Cultural, (1946/2002).
- _____. **A representação do mundo na criança**. Ed. Record:Cultural, 1926.
- REVISTA NOVA ESCOLA** - O ensino da Música em Sete Notas – 09/2018



Adelina Ursula Correia de Lima

Pedagoga (Faculdade Renascença, 2008), também formada em Matemática (Universidade Camilo Castelo Branco, 2014). Especializada em Educação Gênero e Diversidade (UNIFESP, 2016) e Educação Infantil (Faculdade Campos Sales, 2017). Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo.



UMA PROPOSTA PARA RECONHECER AS CATEGORIAS DO SISTEMA DE ARTES VISUAIS: MUSEU E ARTISTAS

ADRIANA SANTOS MORGADO

RESUMO: Este artigo traz uma proposta para reconhecer as categorias do sistema de Artes Visuais: museus e artistas, e apresenta como exemplo uma visita virtual à exposição OSGEMEOS: Segredos, na Pinacoteca de São Paulo. Destaca-se a relevância em se problematizar que sem opção de visita virtual muitos estudantes brasileiros não teriam a oportunidade de desfrutar de algumas exposições, por falta de condições financeiras, por termos um país de dimensões continentais e o deslocamento ser impraticável. Fundamenta-se teoricamente nas habilidades apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pretende-se com as reflexões desta pesquisa incentivar mais ações de promoção social de estudantes ao meio das Artes Visuais, no contexto de exposições, museus, artistas, o que pode mostrar com clareza como acontecem artes integradas. Tendo em vista os aspectos desta proposta, as visitas virtuais em museus viabilizam a aproximação de estudantes com a riqueza cultural exposta nos museus.

Palavras-chave: Artes. Exposição virtual. Museu virtual. Oportunidades culturais.

INTRODUÇÃO

Muitas mudanças ocorrem na educação brasileira ao longo dos anos, a todo momento em busca de uma educação de qualidade, que atenda às necessidades dos estudantes e, ao mesmo tempo, permitam reflexões e aprimoramento das práticas pedagógicas realizadas por todos os atores presentes na escola, acompanhando as mudanças tecnológicas.

Em um outro momento na educação brasileira, é de conhecimento de todos, que os professores tiveram a oportunidade de planejar aulas que seriam ministradas com foco no conteúdo tendo como objetivos as aprendizagens, e para o objetivo do ensino era conseguir esgotar o conteúdo, dividido por componente curricular, até o final do ano letivo.

As escolas que levavam estudantes aos museus mobilizaram esforços para conhecer as programações anuais dos museus com antecedência, confrontar tais programações com os conteúdos que iriam ser abordados durante o ano letivo nas várias disciplinas, e quando encontrava-se ali uma relação, iniciava-se um processo de verificação de outras possibilidades.

Essa nova verificação incluía sair da escola com os estudantes em data favorável, que não prejudicasse as atividades do calendário escolar, esta data deveria também estar disponível para visita de escolas no museu, pois os museus tinham datas específicas para visita de escolas e esta tinha o custo do valor da entrada.

Após a conclusão desta etapa, contratava-se empresas de transporte para cotar os valores dos ônibus que transportariam os estudantes, os valores deveriam ser acessíveis ao público que estava sendo atendido.

Por fim, os responsáveis pelos estudantes eram avisados sobre as datas e valores da entrada no museu e do transporte, com meses de antecedência, de forma a dispor do valor a ser pago e organizar o lanche que deveria ser levado, na data da visita.

O desgaste causado por todos esses processos de verificação de possibilidades, algumas vezes, era tão penoso ao ponto de deixar em segundo plano, ou até mesmo ser esquecido, o objetivo principal da visita que estava incutido no processo de ensino e de aprendizagem, e que fora estabelecido nos momentos iniciais de todo este processo.

Do objetivo principal de todo este processo, nem todos os estudantes participavam, por não disporem de condições financeiras para custear o transporte, a visitação e o lanche, e para este tipo de visitação não havia alternativa, principalmente quando o museu é distante da escola, e então outro objetivo planejado no início do processo era perdido.

Como visitar museus e exposições com informações específicas de forma que todos os estudantes possam participar? Como visitar exposições que possam dialogar com temas que os professores almejam explorar em determinado ano escolar? Como desenvolver a habilidade de reconhecer as categorias do Sistema de Artes Visuais: museus e artistas de forma virtual?

Em revisão bibliográfica realizada no banco de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), realizada de 04 de maio de 2021 a 19 de maio de 2021, nos idiomas português, inglês e espanhol, foram considerados os artigos publicados de 2019 a 2020, este período foi escolhido por ter a BNCC sido publicada em 2018 e a partir de então as possibilidades de pesquisas direcionadas a este documento, os descritores de busca foram aula de arte em/no museu virtual, visita ao/no museu virtual e BNCC e museu virtual, com o uso do operador booleano AND para cruzar os descritores anteriormente informados.

Para análise dos dados, os artigos foram registrados em uma planilha contendo nome do artigo, palavras-chaves, endereço eletrônico onde encontra-se o artigo e o resumo. Dentre os 24 resumos de artigos lidos e analisados, nenhum contemplava a aula de Arte e as habilidades propostas na BNCC para este componente curricular, porém alguns trouxeram informações sobre visitas virtuais a museus, e em uma nova seleção de acordo com os descritores anteriormente explicitados, sobraram três publicações sobre museus virtuais, os quais foram considerados neste artigo.

Propõe-se então um planejamento para o componente curricular de Arte, que foque na habilidade a ser desenvolvida possibilitando a integração da área de linguagens não somente de Arte, mas criando outras possibilidades sem que seja subdividida esta área em pequenos compartimentos curriculares.

A proposta deste trabalho é apresentar uma possibilidade de desenvolvimento da habilidade de reconhecer as categorias do Sistema de Artes Visuais: museus e artistas, utilizando como objeto principal a exposição OsGemeos: Segredos, realizada na Pinacoteca de São Paulo, disponibilizada de forma presencial e também virtual.

O objetivo é dispor de um planejamento de aula voltado a desenvolver a habilidade, proposta na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) de 2018, que é de reconhecer as categorias das Artes Visuais: museus e artistas, partindo de uma visita virtual que possibilitará conhecer a Pinacoteca de São Paulo, Os gêmeos e a exposição OsGemeos: Segredos, tendo como público-alvo os estudantes do Ensino Fundamental I e para isso acompanharemos como a BNCC apresenta Artes Visuais e como se dá essa abordagem no Ensino Fundamental I, posteriormente conheceremos um pouco sobre museus e exposições virtuais e, por fim, conheceremos a exposição OSGEMEOS: Segredos.

ARTES VISUAIS NA BNCC

Com o lançamento e o início da implementação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) em 2018, o foco na formação integral do estudante com o desenvolvimento de habilidades e competências, as quais são apresentadas neste documento, organizadas por área de conhecimento, foi reforçado, pois esta necessidade já havia sido apresentada em documentos anteriores.

Desta forma, as aulas podem ser planejadas apoiando-se na BNCC, com foco nas habilidades apresentadas visando uma maior abrangência de abordagens, isto é, as aulas que são ministradas no Ensino Fundamental I podem integrar várias áreas de conhecimento, como por exemplo, o componente curricular de Arte que está inserido na área de linguagens.

Não será discutido neste artigo se a forma mais adequada para um processo de aprendizagem significativa é a abordagem e o desenvolvimento das habilidades propostas pela BNCC, apenas traz-se uma possibilidade de abordagem com foco em uma determinada habilidade, a de reconhecer categorias do sistema de Artes Visuais.

Ter um processo de aprendizagem significativa utilizando os recursos tecnológicos que fazem parte do cotidiano da maioria dos estudantes é uma forma de aproximarmos a escola dos estudantes do século XXI e esta reflexão vai ao encontro a proposta de MARIA (2019):

[...]século XXI nos trazem a necessidade de repensar as estratégias de ensino e aprendizagem utilizadas pela escola e buscar um novo modelo de educação que não fique restrito apenas a sala de aula, como no

modelo tradicional, mas que vise um ensino mais significativo ao aluno. (MARIA, 2019, p. 4)

Apesar desta habilidade direcionar para categorias do sistema de Artes Visuais o tipo de abordagem escolhido, visita a um museu virtual, propõe a percepção de várias expressões de linguagens artísticas como música, desenho, pintura, escultura e grafite, o que remete a BNCC (2018, p. 197) quando esclarece o papel das Artes Integradas.

[...], explora as relações e articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação. (MARIA, 2019, p. 4)

ARTES VISUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

A habilidade de indicada na BNCC é (EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.), refere-se a unidade temática de Artes Visuais, tem como objetos do conhecimento os sistemas de linguagem e está direcionada ao público do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Os processos de ensino e de aprendizagem caminham paralelos e por este motivo trazemos aqui a importância da compreensão dos objetivos do ensino de Artes Visuais no Ensino Fundamental I como componente principal e integrador, que possibilita conhecer outras culturas e contextos sociais, independente da cronologia, assim como nos é apresentado na BNCC.

As Artes Visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. (BRASIL, 2018, p.195)

O processo de ensino no Ensino Fundamental I dos estudantes nas Artes Visuais em muitos momentos, podem ser objeto principal da construção do conhecimento dos estudantes, trazendo uma abordagem que valorize o contexto que eles vivenciam, mostrando outros contextos culturais do passado e do presente e permitindo a criação de novas ideias a ponto de colaborar transformando o contexto em que está inserido.

Na BNCC, o componente curricular de Arte é parte da área de linguagens combinado a outros componentes como Língua Portuguesa e Educação Física, de forma a proporcionar ao estudante o conhecimento, a vivência e a forma de se expressar em vários tipos de linguagens.

A Arte é uma linguagem ampla que é constituída por outras linguagens: Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, as quais permitem que os estudantes expressem seus pensamentos e sensações explorando esses diversos tipos de linguagens de forma diversificada e, muitas vezes, integrada.

As Artes Integradas são associações entre as diversas linguagens artísticas sem que sejam experienciadas de modo compartimentado, percebendo que em uma mesma obra ou expressão cultural as linguagens artísticas podem aparecer articuladas, possibilitando inúmeras vivências artísticas, usufruindo dos diversos tipos de tecnologias, como por exemplo, projetores, computadores, celulares.

Além da integralidade, a BNCC também propõe a articulação de seis dimensões do conhecimento, os quais não apresentam hierarquia entre si, aparecem simultaneamente e interpenetrados na constituição do conhecimento de Arte na escola, são eles: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.

Nesta proposta, pode ser explorada as dimensões do conhecimento de fruição, que trabalha o envolvimento dos estudantes com as obras, crítica, que pode partir do visitante ou até mesmo ser estimulada pelo professor com perguntas provocativas, estesia, pois cada estudante terá um jeito particular de sentir as obras e reflexão, momento em que o estudante pode analisar o quanto de tudo que ele viu faz parte da sua vida, quais as mudanças de posicionamento a visita pode ter causado e se esta forma de visita agregou conhecimento.

Os processos de ensino, que partem dos professores e da forma que planejam as aulas e os processos de aprendizagens, construídos pelos estudantes e da forma que se mobilizam para compreender o que está sendo abordado, caminham paralelos e por este motivo salientamos a importância da compreensão das habilidades para o ensino e aprendizagem de Arte no Ensino Fundamental I.

As habilidades apresentadas pela BNCC para o componente de Arte propõe uma inter-relação com outros componentes curriculares, que possibilita conhecer diversidades culturais e sociais, construindo uma consciência crítica de modo a respeitar as diferenças. Como por exemplo, podemos

conferir nos trabalhos de Ana Mae Barbosa e Jayse Ferreira, que contribuem para uma educação integral com tais propósitos.

A proposta do processo de ensino de Arte no Ensino Fundamental I é não ter linearidade, mas sim uma relação entre conhecimentos já adquiridos e novos conhecimentos a cada experiência, com abordagens que valorize o contexto que os estudantes vivenciam, mostrando outros contextos culturais do passado e do presente e permitindo a criação de novas ideias para transformar ou não o contexto em que está inserido.

O processo de aprendizagem parte do estudante, no momento em que ele compreende que já tinha alguns conhecimentos e que novos conhecimentos lhe foram propostos, e realizando uma autoavaliação perceber-se se conseguiu ou não tomar para si as novidades. Neste processo, o estudante pode visualizar e vivenciar a Arte de modo a colocar, às vistas, seus novos conhecimentos agregados com os antigos conhecimentos, permitindo que a Arte faça parte do seu cotidiano, contribuindo para mobilizar a sua criatividade e sua formação integral, tornando-se um cidadão crítico e participante da sociedade.

Abrir os horizontes para a Arte que o mundo possui, ver, ouvir, sentir a Arte que existe na história passada, na presente e na futura, reconhecer a Arte que está presente na vida de cada um e na sua própria vida.

Conhecer a multiplicidade artística permite que transpareça a nossa tendência para a uma ou mais das linguagens artísticas (dança, música, teatro e artes visuais) disponíveis para conhecermos, quando despertarem o interesse na criança, ou se se não despertar para um aprofundamento ao menos que possam contar por aí que conhecem.

Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações (BRASIL, 2018, p.198)

A Arte pode ser utilizada para instruir as crianças ampliando a visão que elas têm de mundo e humanizando-as, com um olhar mais cuidadoso para as produções artísticas que encontrarem no decorrer de suas vidas, pois elas saberão que ali existe um trabalho de criatividade, elaboração e construção, que foi realizado durante algum tempo, dias, meses e até mesmo anos.

MUSEUS VIRTUAIS

A possibilidade de acessar museus utilizando ferramentas on-line torna possível as interações virtuais com obras de arte que aproximam os estudantes do conhecimento histórico e artístico, de forma a apropriar sentidos e inserir novas linguagens.

Além de ser uma forma de inserção de novas linguagem, as visitas virtuais podem promover a inclusão social e artística, pois temos um país de grande extensão territorial em que nem todos podem se deslocar para realizar visitas presenciais aos museus e tais visitas são formas de estarmos distanciados fisicamente e próximos virtualmente.

O cotidiano nos apresenta situações diversas e, muitas delas, são negativas, o que para as crianças muitas vezes não é diferente, mas temos que considerar que também nos são proporcionadas situações de positividade e toda essa experiência do dia a dia faz parte da nossa vida, construindo o ser humano que somos e que ainda nos tornaremos, sendo assim, trazer este tipo de vivência em Arte favorece o positivismo do cotidiano e reforça a inclusão social.

A localização geográfica está deixando de ser um limitador para apresentar a Arte presente nas exposições, esta Arte que oportuniza conhecimento de cores, imagens, sons, gestos e de inúmeras possibilidades artísticas que os estudantes podem praticar e desenvolver, se quiserem, ou somente desfrutar desta vivência que fica marcada e pode ser lembrada a qualquer momento.

De acordo com Nascimento (2018)

“essas ferramentas devem estar alinhadas com a prática de ensino que possibilite um novo olhar e criação de uma nova perspectiva do universo no qual os participantes estão inseridos, proporcionando um vasto campo de saberes através das artes visuais e da tecnologia a fim de levantar novas oportunidades e vivências”.(NASCIMENTO, 2018, p.63-64)

Atualmente o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), através do Google Arts&Culture disponibiliza a visita a 6 museus brasileiros de forma virtual são eles: Museu Histórico Nacional (MHN), Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), Museu Lasar Segall (MLS), Museu Imperial (MI), Museus Castro Maya e Museu Villa-Lobos.

Também é possível visitar virtualmente, acessando o site de cada museu o Instituto Ricardo Brennand, Recife, Pernambuco; Museu da língua portuguesa, São Paulo, São Paulo; Inhotim, Brumadinho, Minas Gerais; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Paraná; Museu do Futebol, São Paulo, São Paulo; Museu Imperial, Petrópolis, Rio de Janeiro; Museu de Artes de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, São Paulo; Museu de Ciências e Tecnologia da PUC-RS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul; Catavento Cultural e Educacional, São Paulo, São Paulo; e Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

Pode existir outros museus que não estão listados aqui, ou até mesmo serem disponibilizadas exposições posteriormente.

A EXPOSIÇÃO NA PINACOTECA

A Pinacoteca foi fundada em 1905, possui uma coleção de arte brasileira e faz exposições temporárias de artistas nacionais e internacionais, de forma educativa e inclusiva.

É formada por dois edifícios, Pinacoteca Luz e Pinacoteca Estação, a primeira foi projetada no final do século XIX pelo arquiteto Ramos de Azevedo e passou por uma reforma no final da década de 1990, com o projeto do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, este edifício comporta um dos principais laboratórios de conservação do país.

O segundo edifício, Pinacoteca Estação, também projetado por Ramos de Azevedo, abrigava os armazéns e escritórios da Estrada de Ferro Sorocabanos e posteriormente foi reformado pelo arquiteto Haron Cahen em 2004, abriga exposições temporárias. Neste prédio, está a biblioteca Walter Way com um grande acervo de artes visuais, o centro de Documentação e Memória, ambos abertos à consulta pública, e o Memorial da Resistência de São Paulo.

Apesar de ser um museu de artes visuais, expõe obras brasileiras desde o século XIX e, atualmente, permite ao público uma experiência com artes integradas como é o caso da exposição OSGEMEOS: Segredos, que além de expor as obras reproduz um fundo musical relacionado com as histórias dos artistas durante a visitação.

Ter esta exposição disponível e acessível de forma digital facilita a visita das pessoas de um modo geral, mas, principalmente, dos estudantes que necessitam do acompanhamento de um responsável para sair de sua casa.

Consideramos também, que quando criança nos encantamos facilmente com tudo que nos é contado e mostrado, e esta é uma oportunidade de aproximar os estudantes da Arte em um mundo em que elas fazem parte, desfrutando de uma exposição realizada no Brasil em que as obras são de artistas brasileiros.

Assim como MARIA (2019) também descrevo aqui as formas de acesso à exposição virtual OSGEMEOS: Segredos, da Pinacoteca de São Paulo:

- 1º acessar o link: <http://pinacoteca.org.br/>
- 2º clique em Exposições
- 3º clique em OSGEMEOS: Segredos
- 4º clique em Tour Virtual, neste ambiente é possível movimentar o mouse e clicar nas marcas brancas para visitar os espaços, também é possível clicar em “i” para mais informações e nas câmeras para assistir aos vídeos disponibilizados.

O período de disponibilidade desta exposição é de 15 de outubro de 2020 a 9 de agosto de 2021, ela possui mais de 1.000 itens expostos, entre obras de arte e objetos que fizeram parte do percurso criativo e da constituição dos artistas que os irmãos Gustavo e Otávio Pandolfo são atualmente.

Os irmãos nasceram em 1674 na cidade de São Paulo, passaram a infância e juventude no bairro do Cambuci, localizado na região central da cidade de São Paulo, onde até hoje possuem o seu ateliê, onde mantém objetos, desenvolvem suas obras e fazem pesquisas, são reconhecidos internacionalmente, mas não perdem de vista o desejo de manter-se acessível ao grande público, tanto que existem muitos de seus painéis em locais públicos da cidade de São Paulo.

Nos anos 80, quando os artistas começaram a produzir, imergiram na influência da cultura hip-hop, da dança, da música e da cultura popular o que fez com que desenvolvessem um estilo singular exposto em espaços urbanos no Brasil e no mundo. Nos anos 90, os artistas além das obras em grafitti começaram a produzir pintura em telas e esculturas, obras que relacionam sonhos e realidade.

Entre os itens expostos estão pinturas, desenhos, esculturas e cadernos de anotações, são materiais que guardam desde a adolescência e que eles acreditam fazer parte e serem importantes na formação dos artistas que são. Entre os materiais expostos como parte do processo de amadurecimento dos artistas está um livro de alfabetização, Cartilha Caminho Suave e um caderno dos tempos de escola com a anotação da professora “não fez nada. Estudar”.



Figura1. A Escola Presente na Vida dos Artista. Fonte: Visita Guiada com os artistas Gustavo e Otávio Pandolfo

Esta exposição pode ser motivo de reflexão para os estudantes que possuem suas produções artísticas, pode servir como alerta sobre a importância da escola, quando os artistas expõem os desenhos de infância, seus cadernos e modelos de desenhos em diversas escalas, desde a mais pequenas que acabam se tornando as pinturas das laterais de prédios.

É um jeito de perceber a construção da própria realidade, em uma forma de inclusão social por meio das artes e da tecnologia, reconhecendo que dentro dos museus podem existir inovações e surpresas.

Dentre as surpresas é possível encontrar-se nas obras expostas e para que isso ocorra é necessário a visita não só a esta, mas a outras exposições e museus, o que pode estar deixando de ser um fato, assim como explicita Nascimento (2018) após visitas realizadas com jovens de 19 a 29 anos em museus do Rio de Janeiro nos anos de 2014, 2015 e 2017, em que “a maior parte dos participantes nunca entrou em museus”.(NASCIMENTO, 2018, p.62-63)

Os artistas inseriram formas, cores, imagens, textura, com a influência de situações vivenciadas desde a infância com, desta maneira o processo criativo dos artistas foi se constituindo e fica marcado na fala do artista PANDOLFO, G., 2021, quando explica “... tudo o que vivíamos servia como inspiração...”

Entre as vivências dos artistas eles trazem a importância da família, dos desenhos do irmão e da mãe, o quadro de Nicanour Ferracciu pendurado na parede da casa dos avós, todas essas informações nos permitem supor que a formação da criança dá-se a partir de tudo que ela vivencia. Para a Arte podemos acreditar que toda essa exposição, incentivo, por parte principalmente da família, e vivências dos artistas influenciaram seus gostos e suas criatividadees.

No início, os artistas utilizam o quarto em que dormiam como *studio*, neste espaço eles produziam suas obras, sem muito espaço e sem muitos recursos.

Os primeiros materiais utilizados pelos artistas, após os cadernos de desenho da escola, foram os encontrados na rua como telas, caixas de madeiras, desmontadas e remontadas no formato desejado, lonas de caminhão, doadas pelos feirantes da feira próxima a residência e cadernos que eles próprios montavam e costuravam, com folhas doadas pelas gráficas da região.

Dentre as obras dos artistas, eles expõem um desenho idealizado e feito em uma folha de papel, que posteriormente foi desenhado em um avião da companhia Gol Linhas Aéreas, mostrando mais uma vez que é possível sonhar, acreditar e concretizar sonhos, tirando a Arte do imaginário e trazendo para a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arte está apresentada na BNCC de forma a incentivar a utilização da tecnologia, e as exposições virtuais podem ser abarcadas neste incentivo, e ao mesmo tempo que aborda o desenvolvimento da habilidade de reconhecer as categorias de sistema de Artes Visuais: museus e artistas podem ser utilizados pelas outras linguagens.

Acredita-se também que as visitas virtuais às exposições não acabem na sala de aula, mas despertem o desejo de conhecer tais espaços presencialmente, até mesmo sendo o *'convidante'* de outras pessoas, amigos, conhecidos, familiares.

A exposição OSGEMEOS: Segredos não é a única exposição possível, mas uma propositura de abordagem para o desenvolvimento da habilidade de reconhecer as categorias do Sistema de Artes Visuais: museus e artistas, apoiado pela tecnologia, neste caso o computador conectado à internet realizando uma visita a uma exposição virtual, em que os artistas apresentam o caminho percorrido desde a infância, com o incentivo da família para conviver com Arte, a importância da presença da escola, das brincadeiras, do bairro onde moraram e até hoje possuem seu atelier e da música, o Hip-Hop.

Espera-se que este artigo possa incentivar outros planejamentos de aula dinâmicas e atrativas, fazendo com que os estudantes sintam-se próximos do que é apresentado na escola, neste caso, museu e artistas.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. Palestra proferida no Ted Talks The danger of a single story | Chimamanda Ngozi Adichie; 3 de ago. de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ&ab_channel=BrunoAlvesBrunoAlves. Acesso em: 13 mai. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- MARIA, F.G.S. **Vou alí visitar museus**. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2019. Disponível em: <https://www.fc.unesp.br/Home/ensino/pos-raduacao/programas/mestradoprofissionalemDOCENCIAparaaeducacaobasica/produto.pdf>. Acesso em 18 mai. 2021.
- NASCIMENTO, E. Museus virtuais: novas abordagens e complexidades de aproximação. In: LIMA, J.C.P.(org.). **Conectando Patrimônios: pensando Museus e Educação**. São Paulo: Pontocom, 2018. p.55-64, 2018. Disponível em: http://www.editorapontocom.com.br/livro/60/conectando-patrimonios_60_5bec1a389a302.pdf#page=55. Acesso em: 01 mai. 2021.
- PANDOLFO, Gustavo & Otávio. **SGEMES: Segredos** | Visita Guiada com os artistas Gustavo e Otávio Pandolfo. 21 de jan. De 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_fRTGMnZ3xk&t=3s. Acesso em: 29 mai. 2021.



Adriana Santos Morgado

Pedagoga pela Faculdade São José, Licenciada em Artes Visuais pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro, Licenciada em Matemática pela Universidade Bandeirantes, Pós Graduada em Matemática para as Séries Iniciais pela Unicamp e Mestre em Educação Matemática pela PUC-SP. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura de São Paulo.



MADE IN GERMANY

MADE IN GERMANY

10

10

MADE IN GERMANY

MADE IN GERMANY

PROPOSTA E POSSIBILIDADE DE MUDANÇA NA ESCOLA¹

ALEXANDRE PASSOS BITENCOURT

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar e discutir o Projeto Duarte², como expressão do fazer pedagógico na sua totalidade. Criado em 2017, a partir de inúmeras discussões sobre as práticas pedagógicas da escola, realizadas entre membros da comunidade escolar, o Projeto Duarte, tem como objetivo romper com o currículo conservador/tradicional, para tanto, como forma de resposta aos anseios e desejos dos estudantes e professores, implementa-se na escola outra forma de organização curricular, configurada a partir de áreas de conhecimento. Faz parte da discussão deste texto, a Instrução Normativa SME nº 50/2021, que institui os Projetos de Fortalecimento das Aprendizagens e reorganiza o Projeto de Apoio Pedagógico. Tendo em vista o pensamento crítico de práticas pedagógicas transgressoras, com base em teóricos que discutem a inovação, mudanças educacionais e o desenvolvimento de ações educativas com projetos de trabalho, os resultados evidenciam que o Projeto Duarte possui elementos caracterizadores da inovação educacional sustentável.

Palavras-chave: Projeto Duarte; Inovação educacional; Escola; Aprendizagens.

INTRODUÇÃO

Na medida em que as sociedades se modernizam, tornam-se cada vez mais complexas as suas relações. E a educação como parte intrínseca das sociedades modernas não escapa despercebida aos movimentos sociais, como elemento fundamental às transformações exigidas pelos inúmeros movimentos sociais contemporâneos. Atenta a tal perspectiva, a comunidade escolar da EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida³, localizada no Parque Guarani, mais precisamente, no Bairro de Itaquera na Zona Leste da Cidade de São Paulo, decidiu, após longas discussões internas sobre a realidade educacional local, transgredir com a organização curricular, estruturada de forma disciplinar (GOODSON, 2019), com aulas geralmente fixas e fragmentadas num tempo/espço rígido, controladas por um sinal sonoro para indicar mudança a cada 45 minutos. No contexto educacional tal mudança de aula significa a interrupção violenta de determinado componente curricular para o início de outro sem relação com o atual. Perspectiva que nem sempre ocorre de maneira tranquila para os atores sociais envolvidos no processo educacional, nesse caso, estudantes e professores.

A literatura que trata da questão da mudança educacional é bastante extensa. Considerando sua dimensão, torna-se impossível abordá-la na sua integralidade aqui. Em tese, este é um estudo descritivo de uma mudança estrutural curricular específica. Para tanto, apresentar-se-á como fundamento teórico, no que diz respeito às mudanças internas e externas, o trabalho de Goodson (2019), sobre o significado da mudança (FULLAN, 2009), inovação educacional (PACHECO, 2019; GARCIA, 1995), entre outros que abordam o conceito de inovação e mudança educacional. Para discutir o Projeto Duarte, objeto deste texto, tomou-se como base o trabalho de Bitencourt, Silveira e Costa (no prelo), Alves (2018), além do Projeto Político Pedagógico (2021) da escola.

Segundo Fullan (2009) é importante e necessário que se compreenda o “quê” e o “como” da mudança educacional. Diante de tal constatação, é possível afirmar que o processo de mudança educacional que desencadeou na criação do Projeto Duarte, ocorreu a partir de inquietações e descontentamento da comunidade escolar, devido a lacunas no fazer pedagógico no contexto da escola. Com o intuito de buscar alternativas que dialogassem com os estudantes, alguns professores realizaram

1 Apresentado inicialmente sob o título: “Projeto Duarte na perspectiva da educação integral” no “II Congresso Brasileiro de Educação Integral - IV Seminário Mineiro de Educação Integral”. Foram discutidos outros aspectos neste texto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=afrdob-QObs> Acesso em: 24 de dezembro de 2021.

2 No tópico: “Projeto Duarte: organização, áreas de conhecimento e princípios”, apresentar-se-á brevemente alguns elementos do Projeto Duarte, início e configuração.

3 Em virtude do PPP da escola se encontrar disponível na revista digital da escola (www.revistaduarte.com.br), optou-se por usar neste texto o nome da escola.

uma consulta para saber quais eram as suas impressões/perspectivas da escola. Para tal empreitada realizaram uma escuta a partir de duas questões, quais sejam: “qual é a escola ideal?”, “qual é a escola real?”, na concepção deles. No sentido de apresentar uma possível resposta para o que os estudantes sinalizaram que desejavam, bem como, frente ao descontentamento do diretor que anunciou ao grupo que nada mais poderia fazer. O coletivo de professores iniciou um longo processo de discussão em busca de alternativas práticas.

Frente a tal conjuntura, em 2016, no segundo semestre letivo, o coletivo de professores realizou inúmeras discussões em busca de encontrar caminhos para melhorar a situação do fazer pedagógico, que parecia não haver mais sentido aos estudantes, que expressavam todo tipo de negação às atividades. As discussões culminaram numa considerável mudança no Ensino Fundamental (EF) II, visto que era onde os conflitos ocorriam com mais intensidade. Em 2017, portanto, iniciou-se o ano letivo com uma mudança na configuração estrutural do currículo do EF II (BITENCOURT; SILVEIRA; COSTA, no prelo), com a organização do currículo por áreas de conhecimento a partir do “currículo por projetos de trabalho” (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998), que pretendo descrever na sequência com enfoque de alguns elementos que marcaram a mudança na escola, antes é importante conhecer-se algumas características locais.

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO LOCAL

Inaugurada no dia 16 de fevereiro de 1972, a EMEF Professor Antônio Duarte de Almeida se encontra localizada no distrito de Itaquera, região leste da Cidade de São Paulo, mais precisamente no Parque Guarani, região que sofreu grandes transformações urbanas nos últimos anos, com a ocupação de uma grande área vizinha à escola, que pertence ao território da Cidade A E Carvalho, com mais de 10 mil famílias, provenientes de diversas regiões do país. Atualmente tem chegado bastante imigrantes africanos, além dos imigrantes bolivianos que habitam na região, trabalham com costura de roupas e ocupam as quadras da escola nos finais de semana como espaço de lazer.

Basicamente hoje a escola fica no centro de um imbricamento de três áreas que formam a complexidade de urbanização da cidade, em regiões periféricas pouco assistidas pelo poder público. De um lado se encontra uma área notadamente urbanizada, com ruas largas e casas planejadas. Essa área fica na parte de cima onde se encontra a escola e vai até a Avenida do Imperador. Do lado oposto, tem-se uma grande área com moradias irregulares, construídas ao lado do córrego Jacupeval, em que residem uma considerável quantidade de estudantes da escola, essa área se estende da Avenida Jacú Pêssego à rua Terra Brasileira onde fica o campo de futebol conhecido como “X do Morro”.

A terceira parte é formada pela ocupação de uma área extensa que se inicia na Avenida Caititu e se espalha pela Avenida Ernesto de Sousa Cruz. Embora se encontre mais ou menos urbanizada, foi construída sem planejamento urbano, ou seja, com construções irregulares de forma que é possível encontrar-se casas com a formação de miniprédios. Pois além do dono, outros *puxadinhos* são construídos para serem alugados, visto que “querem a reforma agrária, não para se libertarem, mas para passarem a ter terra e, com esta tornar-se proprietários ou, mais precisamente, patrões de novos empregados” (FREIRE, 2015, p. 45). Significa, portanto, que o número de pessoas que habitam a região da ocupação excede a capacidade territorial, fato que pode ser um complicador na prestação dos serviços públicos e privados à região, dado que a demanda excede o limite da oferta.

Dentro desse complexo de irregularidade urbana, encontra-se a escola que, em certa medida, tem sido lugar de encontro dos estudantes para práticas de atividades culturais, esportivas de leitura e escrita através de programas bem-sucedidos como, por exemplo, “Mais Educação MEC” e “Mais Educação São Paulo”, que têm contribuído com a formação Integral dos estudantes, uma vez que, “todo indivíduo aspira pela totalidade [...]” (BENJAMIM, 2009, p. 35). Frente ao contexto a qual se encontra a escola, na opção de aceitar a situação do fracasso escolar ou, buscar alternativas de mudanças, o coletivo da comunidade escolar foi motivado a escolher a segunda opção, que culminou na criação do Projeto Duarte, o qual será descrito a seguir.

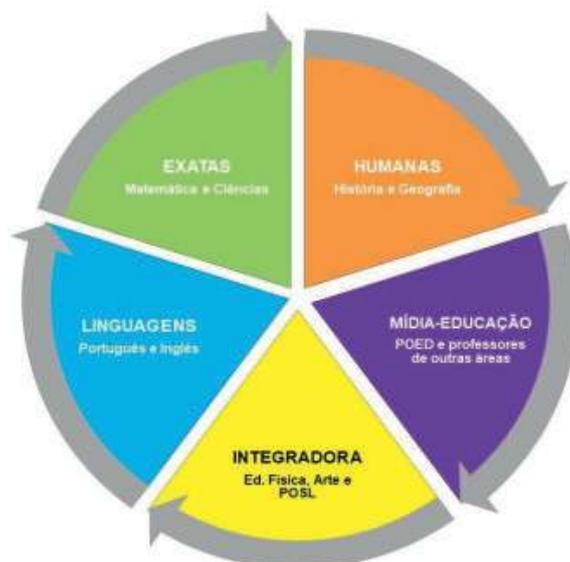
PROJETO DUARTE: ORGANIZAÇÃO, ÁREAS DE CONHECIMENTO E PRINCÍPIOS

Com início em 2017 e amplamente aprovado pela comunidade escolar, o Projeto Duarte, tem como objetivo central romper com a fragmentação do ensino-aprendizagem baseado em disciplinas estanques, rígidas e fragmentadas com aulas de 45 minutos. Para tanto, a escola ao romper com a organização do currículo por disciplinas, propõe a configuração de seu currículo por áreas de conhecimento (BITENCOURT; SILVEIRA; COSTA, no prelo). Tendo como proposta de trabalho dos conteúdos escolares, o “currículo por projeto de trabalho” (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998). A Figura 1 apresenta as áreas de

conhecimento no Projeto Duarte, a partir de mudança na composição da área de mídia-educação, após discussão do coletivo de professores do EF II.

Figura 1: áreas de conhecimento no Projeto Duarte

Fonte: Adaptada do PPP (2021) da EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida



A Figura 1 ilustra a organização curricular no Projeto Duarte. As setas de cor cinza que se conectam, dizem respeito ao caráter complementar das áreas de conhecimento, sem preceitos hierárquicos. Significa, portanto, que as áreas são complementares e interdependentes, na formação de um todo, que agrega e dialoga continuamente. A formação das áreas ocorreu com a proximidade dos componentes curriculares como: HUMANAS: história e geografia; LINGUAGENS: português e inglês; EXATAS: matemática e ciências; INTEGRADORA: arte e educação física. Exceto a área de MÍDIA-EDUCAÇÃO que por não haver no currículo oficial nem no da cidade de São Paulo um componente para o estudo das mídias, nesse caso, foi formada inicialmente com Professor Orientador de Educação Digital (POED), Professor Orientador de Sala de Leitura (POSL) e outros professores.

As cores apresentadas na Figura 1 representam no contexto do Projeto Duarte a identidade das áreas, que são reconhecidas e validadas pelos sujeitos que nele transitam continuamente. Cada área é identificada por uma cor, como pode ser visualizado na Figura 1. Segundo Heller (2013), a cor é muito mais do que um mero fenômeno ótico, ou um instrumento técnico, ela pode produzir efeitos diversos, dependendo do lugar ou percepção do visualizador. “A cor num traje será avaliada de modo diferente do que a cor num ambiente, num alimento, ou na arte” (HELLER, 2013, p. 18). No Projeto Duarte, a cor, tem como propósito provocar efeito identitário, hoje cada área é reconhecida por sua cor específica. Tal reconhecimento ocorre no contexto escolar aqui referido, independente do aspecto linguístico, culturalmente utilizado para poder nomear algo.

Recentemente, como aparece na Figura 1, o POSL deixou de compor a área de Mídia-educação. Após inúmeras discussões, o coletivo de professores apoiou a mudança do POSL à área Integradora. Em sua pesquisa recente sobre o (re)descobrir o prazer da leitura, Siqueira (2020) sinaliza a importância do fortalecimento do vínculo nas práticas de leitura. Uma vez que o estudante estabelece vínculo com o professor pode aumentar a chance dele se identificar, por exemplo, com a leitura. Aqui é importante ressaltar que o Projeto Duarte tem como conceitos e princípios a Educação Integral. Portanto, a proposta de inclusão do POSL na área de Mídia-educação tinha como princípio a formação de uma rede ampla de professores e estudantes leitores na escola, dado que quanto mais professores leitores se tem na escola, mais estudantes serão incluídos na prática leitora. Além disso, o espaço de leitura poderia passar a ser compreendido de acordo com o preceituado por Fullan (2009), como “nosso” e não mais como “meu”. No entanto, parece que a opção do coletivo de deslocar o POSL à área Integradora reforça o caráter simplista e fragmentado de organização do currículo, no que se refere às práticas de leitura na escola.

Além da inserção de Mídia-educação no PPP da escola, a nova configuração do Projeto Duarte dispõe de um dia da semana para que os professores da mesma área/ano de conhecimento se reúnam na escola para planejarem suas atividades em conjunto. “Essa opção deu-se a partir da necessidade dos

professores deixarem de agir de forma isolada para se implicarem conjuntamente” (ALVES, 2018, p. 147). No dia do planejamento os professores não assumem turmas/anos, quem assume a turma/ano de cada professor é a área Integradora. Essa realiza seu planejamento semanal todas as segundas-feiras. No Ensino Fundamental II cada área de conhecimento é responsável por uma turma/ano durante 25 dias. Fato que tem contribuído para fortalecer o vínculo entre professor/estudante, ou seja, seis aulas durante quatro dias da semana no decorrer de 25 dias com a mesma turma/ano, o professor pode fortalecer vínculo afetivo com os estudantes. Tal perspectiva pedagógica tem corroborado para a melhoria das relações entre professor/estudante.

A organização do Projeto Duarte por áreas de conhecimento, como sinalizado anteriormente, está voltado ao EF II. O EF I, por sua vez, especificamente, no Ciclo Interdisciplinar, 4º e 5º ano, trabalha-se com as áreas de: LINGUAGENS; HUMANAS e EXATAS, cada área de conhecimento fica responsável por um ano/turma durante uma semana. O Ciclo de Alfabetização do 1º ao 3º ano, por sua vez, segue a organização da rede, contudo, tem sido fortalecida a ideia dos grupos, ou seja, as professoras dos 1º, 2º e 3º anos trabalham de forma colaborativa. O planejamento semanal, tanto no Ciclo Interdisciplinar como no de Alfabetização, ocorre de forma coletiva, nesse caso quem assume cada ano/turma são os professores “especialistas” (inglês, arte, ed. física, POED e POSL). Todo o trabalho da escola é pautado em torno de cinco princípios: democracia; autonomia; autoria; investigação e corresponsabilidade.

A proposta de trabalhar os conteúdos curriculares a partir do “currículo por projetos de trabalho” tem como viés a ressignificação dos conteúdos de cada componente curricular, isto é, criar sentido para os estudantes. Tal perspectiva parece ainda não ter sido compreendida na sua potencialidade. Aqui é importante apresentar dois fatores que, em certa medida, podem explicar a suposição. 1) O primeiro está relacionado com o fato do tempo de existência do Projeto Duarte associado ao período de pandemia da Covid-19, que de certa forma alterou a dinâmica das escolas como um todo. 2) O outro está associado à crise de representatividade pedagógica do Projeto Duarte, com a inexistência de uma equipe pedagógica coesa, forte, dinâmica e desapegada dos vícios da rede, para ajudar na formação docente como apontado por Nóvoa (2001).

O ponto de partida para a implementação do Projeto Duarte foi de um lado a escuta dos professores aos estudantes sobre o que seria para eles: “a escola ideal” e “a escola real”. Do outro, a crítica do diretor sobre o estado real da escola, que segundo ele, não fazia mais sentido, sentia-se esgotado e que já não podia mais contribuir para mudar o rumo das perspectivas pedagógicas, portanto, anunciou numa reunião coletiva que no final de 2016 estaria deixando a escola. Dadas as potencialidades de gestão da escola, das condições oferecidas ao coletivo de professores (democráticas e humanizadas), esses resolveram se mobilizar no sentido de inovar as práticas pedagógicas. Segundo Pacheco (2019), o que caracteriza uma inovação educacional é a garantia do direito à educação a todos, que no Projeto Duarte se insere no conceito da educação de qualidade social.

PANDEMIA DA COVID-19 E O PROJETO DUARTE

Uma das características da inovação educacional para Pacheco (2019) é a sustentabilidade. Significa que para que a mudança proposta seja efetivamente reconhecida como uma inovação no campo educacional, na transgressão duma prática pedagógica, no sentido de se criar alternativas inovadoras, deve estar ancorada na sua sustentabilidade. De acordo com Fullan (2009), o centro da sustentabilidade se encontra na liderança, principalmente, quando tais líderes são capazes de formar outros líderes, no Projeto Duarte, tal conceito tem se mostrado coerente. Visto que o processo de liderança da gestão da escola tem sido fundamental para a formação descentralizada e ampliada de novos atores sociais aptos a assumirem e darem continuidade à liderança e apoio na sustentabilidade do projeto da escola.

Tendo iniciado em 2017, e passado em pouco tempo por uma crise de representatividade na parte pedagógica, como relatado anteriormente, o Projeto Duarte, ainda assim, se mostrou potencial na mudança do fazer pedagógico na escola, inovador e com características sustentáveis. Em 19 de dezembro de 2019 foi aprovado pelo Parecer CME nº 18/19⁴, como Projeto Pedagógico Especial/Experimental. A aprovação do projeto pelo Conselho Municipal de Educação (CME), em linhas diretas, trouxe esperança e alegria à comunidade educacional, pois foi uma resposta rápida ao trabalho desenvolvido através do esforço de cada um que acreditou na sua potencialidade.

Em meados de março de 2020, como todo o país, todos na escola aderiram ao isolamento social, devido à pandemia causada pela Covid-19. Atenta ao cenário contextual, a equipe gestora, ainda em período de recesso escolar antecipado pela Secretaria Municipal de Educação (SME), convidou os professores para uma reunião online através da plataforma do Google Meet, pois, acreditava-se que a

4 Publicado no DOC de 19/12/2019 – pp. 15 e 16

pandemia seria duradoura. Na ocasião foi apresentado como proposta a continuidade das atividades no período de pandemia através do ensino remoto a ferramenta do Google Sala de Aula. A ideia inicial era que a organização do Projeto Duarte seria preservada, por isso, foram criadas as salas para o atendimento remoto de acordo com a configuração do projeto (Quadro 1):

Quadro 1: organização das salas na plataforma Google Sala de Aula no Projeto Duarte

Salas do EF I: três turmas do 1º ano (A, B, C); três turmas do 2º ano (A, B, C); três turmas do 3º ano (A, B, C); duas turmas do 4º ano (A, B); três turmas do 5º ano (A, B, C) – Total: 14 salas				
Salas do Google Sala de Aula para o EF I				
Uma sala 1º ano	Uma sala 2º ano	Uma sala 3º ano	Uma sala 4º ano	Uma sala 5º ano
Salas do EF II: quatro turmas do 6º ano (A, B, C, D); quatro turmas do 7º ano (A, B, C, D); três turmas do 8º ano (A, B, C); três turmas do 9º ano (A, B, C) – Total: 14 salas				
Salas do Google Sala de Aula para o EF I				
Uma sala 6º ano	Uma sala 7º ano	Uma sala 8º ano	Uma sala 9º ano	
Outras salas: SRM foi criada uma sala para todos os estudantes; SALA INTEGRADORA , uma sala para todos os estudantes do EF II.				
Sala de Recursos Multifuncionais (SRM)			Sala Integradora	

Fonte: Organizado pelo autor

O Quadro 1 ilustra a síntese da organização que se criou para o atendimento no ensino remoto no Projeto Duarte. Diferentemente da forma como a SME organizou as salas no Google Sala de Aula para atender a rede, o Projeto Duarte manteve sua organização própria. Além de mostrar a coerência do projeto, essa forma de organização corroborou para o sucesso pedagógico, visto que cerca de 80% dos estudantes da escola entraram na sua sala específica e realizaram alguma das atividades propostas em 2020. Das 14 salas existentes no EF I, subdivididas em turmas: A; B; C, foram criadas apenas cinco salas do Google Sala de Aula, nesse caso, os professores e estudantes de um determinado ano foram inseridos na mesma sala. Tal perspectiva facilitou o acesso dos estudantes às salas e às atividades.

No EF II foram criadas quatro salas subdivididas em A, B, C e D. Os estudantes de todas as turmas foram inseridos na mesma sala de acordo com o ano, 6º, 7º, 8º ou 9º. Os professores de cada área de conhecimento foram inseridos numa sala durante 25 dias, conforme organização do Projeto Duarte (PPP, 2021). Como mostra o Quadro 1, foram criadas ao todo 11 salas na Plataforma do *Google Sala de Aula*. Para a comunicação entre os estudantes e seus familiares, a escola disponibilizou na Revista Duarte com links em suas redes sociais o Quadro 2 com o código da sala específica de cada estudante.

Quadro 2: códigos das salas de aula

SALA DE RECURSOS	CÓDIGO DAS TURMAS	
1º ANO	CÓDIGO DAS TURMAS	Awzrzrn
2º ANO	CÓDIGO DAS TURMAS	q75w54z
3º ANO	CÓDIGO DAS TURMAS	Fuqsdpe
4º ANO	CÓDIGO DAS TURMAS	wxqns6
5º ANO	CÓDIGO DAS TURMAS	Emvirdm
6º ANO	CÓDIGO DAS TURMAS	dzq4k4h
7º ANO	CÓDIGO DAS TURMAS	4tny4gi
8º ANO	CÓDIGO DAS TURMAS	2r3fbo3
9º ANO	CÓDIGO DAS TURMAS	ussd4py
ÁREA INTEGRADORA	CÓDIGO DAS TURMAS	Uddobzv
		Roidoyi
OBS: Na Área Integradora devem se inscrever todos os estudantes do 6º ao 9º ano.		

Fonte: Revista Duarte⁵

⁵ Disponível em: <https://www.revistaduarte.com.br/2020/04/orientacoes-de-acesso-ao-google-sala-de.html> Acesso em: 29 de dezembro de 2021.

O Quadro 2, em certa medida, contribuiu para o acesso dos estudantes à sua sala específica, nele estudantes e familiares puderam entrar na sala e realizar as atividades. Para auxiliar os estudantes com pouca familiaridade com a plataforma, a escola criou e disponibilizou um manual com o passo a passo⁶ para baixar e entrar no aplicativo do *Google Sala de Aula*, ou para quem preferia acessar pela *Web*. Para os estudantes que não tinham acesso à internet, foi disponibilizada atividades impressas que poderiam ser retiradas na secretaria da escola, além disso os professores de cada grupo/área/ano criaram grupos no *WhatsApp* (Figura 2), pois, percebeu-se que era a forma de comunicação mais rápida com estudantes e familiares. Através dos grupos de *WhatsApp* eram realizadas atividades de interações com os estudantes e indicações de leituras, atividades na plataforma do *Google Sala de Aula* e/ou atividades impressas.

Figura 2: exemplo de grupo do *WhatsApp*



Fonte: reproduzida do grupo do 6º pelo autor

Meramente ilustrativa, a Figura 2 é apresentada como exemplo dos grupos de *WhatsApp* criados pelos professores das áreas/anos de conhecimento, como estratégia de contato direto e rápido com estudantes e familiares. Na parte superior da Figura aparece o ano específico seguido da palavra “Duarte” que se refere ao nome da escola (EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida), e a data de criação do grupo (09/07/2020). No centro é possível ver a descrição do grupo, com a finalidade, horário de atendimento da unidade no período da pandemia e os telefones da escola. Na parte inferior aparece o item à esquerda (*Mídia, links e docs*) e à direita o número (232) que representa a quantidade de itens compartilhados no grupo até o momento de reprodução da Figura 2 como é possível ser verificado nas duas imagens na parte inferior à esquerda da Figura.

Wanderley (1995) apresenta quatro dimensões para a inovação, que segundo ele é de fundamental importância para a compreensão dos seus fundamentos, no que se refere a inovação educacional, que pode fornecer exemplos à realidade brasileira: “quem inova”, “como se inova”, “ao que é inovado”, “por que se inova” (WANDERLEY, 1995). A associação das dimensões “como se inova” e “ao que é inovado”, com a inovação do PPP da escola, pode evidenciar a relevância do Projeto Duarte, que transgride com o estabelecido, contudo é capaz de criar estratégias para garantir o direito ao acesso à educação de qualidade social aos estudantes, mesmo diante de um contexto adverso, com escassez de recursos. Ainda, a equipe gestora e docente não cruzam os braços à espera de soluções da rede, ou seja, propõem possibilidades e mostram como e o que inovou.

INSTRUÇÃO NORMATIVA SME Nº 50 DE 2021 E O PROJETO DUARTE

O objetivo deste tópico é discutir o papel relevante e ao mesmo contraditório da Instrução Normativa (IN) SME nº 50/2021, tendo em vista o que pode ter representado o período de pandemia às aprendizagens dos estudantes. “Em síntese, a Instrução Normativa é um ato administrativo o qual deve estar em consonância com todo o ordenamento jurídico”⁷. O volume de IN utilizado pela SME tem sido bastante significativo, sua efemeridade pode estar associada ao caráter de liquidez social discutido

⁶ Disponível em: https://drive.google.com/file/d/17_cHwLkZ996Lylso9nvaFwMPRJabqSS/view Acesso em: 29 de dezembro de 2021.

⁷ Lenice Iolanda de Oliveira. Disponível em: <http://www.rochamarques.com.br/site/wp-content/uploads/pdf/a-lei-e-a-instrucao-normativa.pdf> Acesso em: 30 de dezembro de 2021.

por Bauman (2001) ou, a ausência de políticas públicas sólidas e duradouras. Para a equipe gestora das escolas vinculadas à rede municipal, acompanhar todo esse volume de legislação anual requer acentuada atenção e malabarismo. Diante da IN supracitada, aponta-se como questão na escola: como fica o Projeto Duarte que teve como indutor programas bem-sucedidos como, “Mais Educação MEC” e “Mais Educação São Paulo”? Visto que ele se insere e é dependente de políticas públicas externas.

A IN em discussão aqui tem como objetivo instituir os “Projetos de Fortalecimento das Aprendizagens” (PFA) e reorganizar o “Projeto de Apoio Pedagógico” (PAP). Em sua nomenclatura, tanto os PFA, quanto o PAP dialogam com os preceitos da Educação Integral, pois a ideia de fortalecer e apoiar as aprendizagens é salutar. Embora sejam, em tese, políticas públicas de caráter compensatório, ou seja, tentam apresentar compensação à ineficiência pedagógica primária, que geralmente não tem sido enfrentada com seriedade em toda a sua dimensão epistemológica. Outro fator que ecoa como contradição à concepção virtuosa dos PFA e PAP na IN, é a existência de conceitos como, “recuperação contínua”, “recuperação paralela” e “recuperação das aprendizagens”. Vale destacar que a obrigatoriedade de “recuperação dos estudos”, encontra-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96, no art. 24, inciso (v) e alínea (e).

Segundo Norcia (2008), programas voltados a “recuperação” das aprendizagens enfrentam inúmeros fatores dificultadores como, por exemplo, falta de metas, formação do professor, burocratização no desenvolvimento da recuperação, propostas abrangentes sem fortalecimento e acompanhamento regional etc., além disso os estudantes “frequentemente confundiram a recuperação com um castigo, que é o estigma sofrido pelas crianças que em algum momento tiveram de passar por classes de recuperação paralela ou de ciclo” (NORCIA, 2008, p. 85). Significa que a ideia de “recuperar” soa mal aos olhos dos estudantes, nesse caso, seu resultado pode ser inverso ao seu princípio.

Vale compreender-se o significado do léxico “recuperar”, que como aparece na primeira definição do dicionário Houaiss (2011) quer dizer: “voltar a ter (o que estava perdido)”, ora, etimologicamente contrasta com o propósito da ação educativa. Uma vez que não se recupera o que, a princípio, não se adquiriu ou não foi garantido ao estudante. Portanto, talvez a desassociação da carga negativa, estigmatizante do léxico “recuperar” aos PFA e PAP pode contribuir para melhor sucesso nas aprendizagens dos estudantes. Óbvio que apenas o deslocamento linguístico sem mudanças nas práticas pedagógicas, pode surtir pouco efeito no que se pretende, seria como “chover no molhado”.

Outro aspecto presente na IN, que parece ser reducionista, diz respeito ao foco recair apenas em língua portuguesa e língua portuguesa/matemática. Segundo Goodson (2019), o Relatório Taunton de 1868 classificou a escolarização secundária em três categorias. 1) Os filhos de homens com renda considerável recebiam um currículo clássico; 2) o das classes mercantis tinha certa inclinação prática; 3) dos pequenos locatários de terra, pequenos comerciantes e artesãos o currículo era baseado em três “Rs” que na língua inglesa significa (Reading, wRiting and aRithmetic) leitura, escrita e aritmética (GOODSON, 2019, p. 52-53). Significa que historicamente o currículo escolar voltado à classe trabalhadora tem sido reduzido ao simples conhecimento de determinados elementos da língua e/ou aritmética, não em caráter holístico. Em projetos que se apresentam como salvadores outros saberes construídos pela humanidade simplesmente são anulados e tal atitude é aceita pela sociedade. Como constatação a tal hipótese, vale retomar o que propôs Santaella (2007), enquanto é questionada sobre o estudo da Semiótica: “que importância tem isso para nós? Nós que temos a resolver um problema muito mais prioritário e urgente, o da miséria e da fome?”

Há duas espécies de fome: a da miséria do corpo, esta, mais fundamental e determinante, visto que interceptadora de quaisquer outras funções, necessidades e realizações humanas; mas há também a carência de conhecimento, este, outro tipo de fome. Nossa luta tem de ser travada sempre simultaneamente em ambas as direções. A Semiótica está rapidamente se desenvolvendo em todas as partes do mundo. Por que haveremos nós de cruzar os braços, ficando à espera dos restos de sopa científica que os outros poderão, porventura, nos deixar de sobra? (SANTAELLA, 2007, p. 9).

A experiência da EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida de trabalhar com projetos tem mostrado que os estudantes desejam aprender português e matemática, no entanto, há tempos eles têm sinalizado que podem aprender através de projetos de música, futsal, capoeira, jogos de tabuleiro, dança, mídias, xadrez, leitura, slam, imprensa jovem etc. No entanto, é necessário que tais projetos dialoguem com o PPP da escola. Desafio que na escola tem sido assumido com responsabilidade ao enfrentamento à superação dos índices de avaliações externas.

Por consequência da ampliação ao retorno das atividades presenciais no segundo semestre de 2021, o Decreto nº 60.389 de 20 de julho de 2021 e a IN SMEnº 29, de 21 de julho de 2021, dispunham sobre os procedimentos para a organização das unidades educacionais da rede municipal de ensino, com possibilidade de revezamento de turmas. Embasado no Decreto e na IN, a escola organizou seu retorno através de grupos (1 e 2), em que cada grupo vinha dois dias no ensino presencial (cf. Figuras 3 e 4). A possibilidade de organização da escola em forma de revezamento, embora em curto prazo, mostrou-se adequado às aprendizagens dos estudantes. É possível afirmar que com um número menor de estudantes por sala o trabalho tende a ser mais qualificado e humanizado aos estudantes e professores.

Figura 3: organização dos grupos do EF II

AMPLIAÇÃO DAS AULAS PRESENCIAIS 2º SEMESTRE 2021 CRONOGRAMA DE REVEZAMENTO DAS TURMAS EF II			
DIA DA SEMANA	AGRUPAMENTOS ANO	TURMAS GRUPO	Média de estudante
Segunda-feira	6º, 7º, 8º, 9º Anos (Grupo 1)	A, B, C e D	210
Terça-feira	6º, 7º, 8º, 9º Anos (Grupo 1)	A, B, C e D	210
Quarta-feira	6º, 7º, 8º, 9º Anos (Grupo 2)	A, B, C e D	210
Quinta-feira	6º, 7º, 8º, 9º Anos (Grupo 2)	A, B, C e D	210
Sexta-feira	6º, 7º, 8º, 9º Anos (Atendimento aos estudantes conforme Art. 42 da IN nº 29)	A, B, C e D	90

Fonte: reproduzida do plano de retorno da escola

A Figura 3 mostra a organização dos grupos no EF II, para o atendimento presencial de 100% dos estudantes na forma de revezamento, de acordo com o Decreto supracitado. Dos cerca de 440 estudantes no EF II, compareciam à escola de segunda a quinta 50%, na sexta o atendimento era de 90 estudantes. O atendimento, portanto, era híbrido e funcionava, pois com o número reduzido de estudantes no ensino presencial, os professores conseguiam se organizar para garantir o atendimento remoto. Com o número menor de estudantes por sala a escola ficava mais silenciosa, logo os estudantes podiam se concentrar melhor nas atividades e os professores ao mesmo tempo podiam garantir um atendimento mais qualificado às atividades e dúvidas dos estudantes.

Figura 4: organização dos grupos do EF I

AMPLIAÇÃO DAS AULAS PRESENCIAIS 2º SEMESTRE 2021 CRONOGRAMA DE REVEZAMENTO DAS TURMAS EF I			
DIA DA SEMANA	AGRUPAMENTOS ANO	TURMAS GRUPO	Média de estudantes
Segunda-feira	1º, 2º e 3º Anos	A, B e C - Grupo 1	135
Terça-feira	1º, 2º, 3º, 4º e 5º Anos	A, B e C - Grupo 1	210
Quarta-feira	1º, 2º, 3º, 4º e 5º Anos	A, B e C - Grupo 1 e 2	210
Quinta-feira	1º, 2º, 3º, 4º e 5º Anos	A, B e C - Grupo 2	210
Sexta-feira	4º e 5º Anos	A, B e C - Grupo 2	64

Fonte: reproduzida do plano de retorno da escola

Na Figura 4 é apresentada a configuração estrutural dos grupos 1 e 2 do EF I. Nela é possível perceber que em três dias da semana são atendidos 50% dos estudantes no ensino presencial. Na segunda são atendidas no presencial somente as turmas do Ciclo de Alfabetização, totalizando 135 estudantes e na sexta o Ciclo Interdisciplinar, com cerca de 64 estudantes. Do ponto de vista pedagógico é possível afirmar que essa forma de organização refletiu favoravelmente nas aprendizagens dos estudantes, principalmente, porque o desafio foi enorme no ensino remoto para as turmas de Alfabetização, visto que os estudantes por ainda não terem familiaridade com o sistema de escrita, dependiam dos pais para auxiliá-los na realização das atividades propostas por meio das plataformas digitais.

De acordo com que sinalizou Zabala (1998), nosso argumento, consiste numa atuação profissional a partir de um pensamento prático, porém, com capacidade crítica e reflexiva do contexto aqui descrito. As Figuras 3 e 4 ilustram claramente que o Projeto Duarte tem elementos sólidos de organização e criação de estratégias pedagógicas para garantir o direito à educação dos estudantes. Numa simples visualização, é possível perceber pelo menos duas hipóteses que podem justificar o baixo desempenho nas aprendizagens dos estudantes. 1) O número excessivo de estudantes por turma que ainda é um desafio a ser enfrentado, como uma questão ética de qual educação se pretende à sociedade. Nossa experiência evidenciou que a redução de estudantes por turma no ensino presencial reflete nas aprendizagens. 2) Melhorar as condições de trabalho dos professores que pela quantidade de estudantes que atendem se torna impossível realizá-lo dignamente.

Para Hernández (1998), os projetos são a constituição de um “lugar”, compreendido numa dimensão simbólica, que pode permitir: “a) aproximar-se da identidade dos estudantes [...]”; b) “revisar a organização do currículo [...]”; c) “levar em conta o que acontece fora da escola, nas transformações sociais e nos saberes [...]” (HERNÁNDEZ, 1998, p. 61). De fato, pela experiência com a implementação da cultura dos projetos na escola, é possível afirmar que as dimensões apontadas por Hernández (1998) constituem possibilidades evidentes de mudanças na comunidade escolar. Através da cultura dos projetos, chegou-se à construção e implementação do Projeto Duarte que, basicamente, melhorou as relações, consolidou o vínculo entre professor/estudante, fortaleceu o papel do professor em situação de módulo, do professor como sujeito do processo de construção de aprendizagens, do estudante como sujeito social e histórico etc. Acredita-se que tais fatores são relevantes às práticas pedagógicas e à garantia do direito à aprendizagem integral dos estudantes, inclusive, do domínio em português e matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudar práticas pedagógicas se faz necessário e urgente, dado que não é mais recomendado a continuidade de práticas pedagógicas que pereniza apenas o conservadorismo tradicionalista. As sociedades são dinâmicas e as transformações sociais e no campo tecnológico, principalmente, no que tange às tecnologias digitais, exigem cada vez mais pessoas atentas e aptas a interpretar tais mudanças, sejam no trabalho, na escola, na igreja, nas comunidades em que o sujeito se insere, a partir de análises heurísticas profundas. Ao discutir o trabalho de Little (1981), Fullan (2009, p. 97) sinaliza que a mudança na escola é alcançada em sua plenitude, a partir do momento em que os professores conversam com mais concretude e precisão sobre as práticas de ensino, “e não sobre as características e falhas dos professores, as vidas sociais dos professores, as fraquezas e falhas dos estudantes e suas famílias, e as desastrosas demandas da sociedade sobre a escola”. A mudança requer, sobretudo, reflexão crítica e planejamento do que se pretende mudar.

Os desafios colocados frente a escola após o período da pandemia causada pela Covid-19 são árduos, principalmente, em comunidade como a do Parque Guarani, onde se encontra o Projeto Duarte, em que crianças e adolescentes pulsam por oportunidades, que parecem ter sido subtraídas à revelia de seus desejos. Na obscuridade do período pandêmico em que se quer tiveram assegurados o direito de se juntarem aos privilegiados nas correntes midiáticas que cotidianamente ecoavam a expressão “fica em casa”. Sejamos honestos, ficar em casa parece um ato justo e necessário em tempos de pandemia, não fosse a injustiça perpetuada pelo poder público em níveis, federal, estadual e municipal, de não garantir o que está expresso como direito a todo cidadão no Art. 6 de sua Carta Magna.

Além do desejo de aprender português e matemática, como propõe a IN SME nº 50/2021, os estudantes do Projeto Duarte esperam poder continuar tendo o direito de escolher qual projeto querem participar, como forma complementar do estudo expresso no conteúdo de cada componente curricular. Entre tantos desafios da escola, coloca-se urgente neste século o de criar sentido às aprendizagens dos estudantes. Hernández (1998, p. 64) preceitua que os projetos supõem dado enfoque no ensino para “ressituar a concepção e as práticas educativas na Escola, para dar resposta (não “A resposta”) às mudanças sociais [...]”. Portanto, conclui-se com uma citação direta como expressão de sentimento desejoso da busca ininterrupta à marcação de um lugar garantidor de aprendizagens na sua totalidade que parece ameaçado, tal citação se encontra presente em Benjamin (2009, p. 37): “a totalidade do indivíduo ativo e desejoso não encontrou expressão, porque nessa comunidade a sua vontade não podia estar direcionada para a totalidade”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C.L.R. **A Formação Docente Na Contemporaneidade: do sintoma à possibilidade.** Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Psicologia e Educação) - Faculdade de Educação

da Universidade de São Paulo, 2018.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari. Posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

BITENCOURT, A.P.; SILVEIRA, J. dos S.; COSTA, J.S. **Projeto Duarte: utopia e possibilidades de mudanças na escola**. (no prelo).

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL. **Lei nº 9.394**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. De 20 de dezembro de 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FULLAN, M. **O significado da mudança educacional**. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARCIA, W.E. **Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

GOODSON, I.F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Tradução Henrique Carvalho Calado. Revisão da tradução, Maria Inês Petrucci-Rosa José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

HELLER, E. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HERNÁNDEZ, F. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Fernando Hernández e Montserrat Ventura. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2011.

NORCIA, M.J. **A recuperação no processo de ensino-aprendizagem: legislação e discurso de professores**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NOVOA, A. Professor se forma na escola. **Revista Nova Escola**, ano XVI, n. 14, maio 2001.

PACHECO, J. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SÃO PAULO (SP). **DECRETO Nº 60.389**, DE 20 DE JULHO DE 2021. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-60389-de-20-de-julho-de-2021> Acesso em: 30 de dezembro de 2021.

SÃO PAULO (SP). EMEF Professor Antônio Duarte de Almeida. **PPP**, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1QNhOJRORtERJcTYxaSxHdmhJLpj9n_bX/view Acesso em: 30 de dezembro de 2021.

SÃO PAULO (SP). **INSTRUÇÃO NORMATIVA SME Nº 50**, DE 09 DE DEZEMBRO DE 2021. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/instrucao-normativa-secretaria-municipal-de-educacao-sme-50-de-9-de-dezembro-de-2021> Acesso em: 30 de dezembro de 2021.

SÃO PAULO (SP). **INSTRUÇÃO NORMATIVA SME Nº 29**, DE 31 DE JULHO DE 2021. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/instrucao-normativa-secretaria-municipal-de-educacao-sme-29-de-21-de-julho-de-2021> Acesso em: 30 de dezembro de 2021.

SIQUEIRA, T.B. **(Re)descobrir o prazer de ler: o incentivo à prática de leitura entre estudantes do ensino fundamental 2**. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2020.

WANDERLEY, L.E.W. Parâmetros sociológicos da inovação. In: GARCIA, W.E. (coord.). **Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995, p. 33-60.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.



Alexandre Passos Bitencourt

Professor da escola pública desde 2009, atua na EMEF Prof. Antônio Duarte de Almeida desde 2014, atualmente na função de Assistente de Direção. Mestre em Letras pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP - Campus Guarulhos). Possui Licenciatura em Letras Português/Inglês (UNICASTELO) e Pedagogia (UNIMES). Tem interesse na pesquisa de práticas educativas inovadoras, escreve e administra o blog *Letras inacabadas*. É autor do livro *“Relatos existenciais e outras impressões”*, publicado pela Soul Editora (2021).
Email: alexandreletras@hotmail.com

O PRINCÍPIO DA SEGREGAÇÃO INDEPENDENTE DOS GENES PRESENTES EM LIVROS DIDÁTICOS

DIEGO DANIEL DUARTE DOS SANTOS

RESUMO: A evolução tecnológica sem precedentes exige um grande conhecimento técnico e a educação básica possui um papel primordial nesse processo. Muitos países têm se saído melhor em tempos de crise como esse devido ao seu "know-how" acumulado ao longo de gerações. Citamos como exemplo a atual crise de semicondutores em que poucos países da Ásia mantêm-se como os únicos fabricantes mundiais devido a alta tecnologia e o baixo custo de produção. Os países europeus que necessitam dessas peças possuem capacidade de produção, e uma vez que não está sendo possível comprar em países com material uma de menor valia, terão que retomar essa elaboração. Assim como qualquer conceito técnico por mais elaborado que seja começa nos princípios como por exemplo o estudo das conclusões de Gregor Mendel e o desenvolvimento da Genética a partir de suas pesquisas que são de suma importância para o ensino e desenvolvimento das Ciências Naturais. Assim como a observação crítica desse conteúdo nos livros didáticos presentes nas salas de aula e como são apresentados aos alunos da Educação Básica.

Palavras-chave: Ciências Naturais. Ensino. Desenvolvimento. Genética. Tecnologia.

INTRODUÇÃO

É consenso entre praticamente de todos os segmentos atuantes na educação básica que ela necessita de mudanças.

Atualmente, as pessoas dependem de tecnologia para quase todas as atividades cotidianas, seja trabalhar, estudar, marcar uma consulta, pedir uma refeição ou qualquer outra atividade por mais corriqueira que pareça há a intervenção da tecnologia que na maioria dos casos está no nosso bolso.

Por isso, desejamos que nossas crianças se tornem produtoras de tecnologia e não somente consumidoras devemos pensar em resultados como esses, que traduzem o despreparo de nosso país para competir em um mundo globalizado, marcado pela competitividade. E nós professores, frente a resultados como esses, não podemos nos manter inertes.

Subtraindo todas essas variáveis negativas que diminuem as possibilidades do sucesso escolar, resta ainda a responsabilidade do professor na atualização do seu saber e na busca de novas formas de ensinar de modo que atenda a ampla heterogeneidade educandos. Tendo isso em vista, trabalhos, pesquisas e ideias que facilitem a aprendizagem são sempre úteis.

Transmitir conhecimentos adquiridos em alguns séculos do estudo da vida em três anos é algo que se todas as condições fossem favoráveis, o que não é o caso, seria uma tarefa muito difícil de ser feita. Some-se a isso, um sistema de ensino que dificulta qualquer ideia nova, colocando o profissional da educação preso a um cotidiano pouco flexível, cheio de horários, conteúdos e todo tipo de condições homogeneizantes para um público muito heterogêneo e que não acha vantajoso adaptar-se ao sistema.

O tema "Genética", sempre desperta o interesse dos educandos, uma vez que mesmo que não tenham contato direto com a disciplina na sala de aula, participam de um mundo onde diariamente surgem novas notícias, sobre os inúmeros benefícios obtidos ou poderão advir a partir das pesquisas genéticas. Assim, ampliar as abordagens que podem ser feitas sobre esse tópico, utilizando livros do ensino médio, soma-se a possibilidades na busca de um aumento da qualidade na educação básica.

Este trabalho teve como principal objetivo colocar em discussão, a partir da análise do cotidiano escolar e da análise bibliográfica pertinente, a dificuldades de muitos alunos em resolver problemas ligados a primeira lei de Mendel enfatizando alternativas para minorar essa carência.

O presente estudo foi realizado através de revisão bibliográfica. Pesquisa em livros, artigos e teses especializadas no assunto.

HISTÓRICO DE MENDEL

Johan Gregor Mendel foi um monge da Morávia, nascido em uma vila na atual República Tcheca em 22 de julho de 1822 em uma família de humildes camponeses que cultivavam principalmente árvores frutíferas. Esse cultivo e reprodução de vegetais mais tarde influenciaram umas das experiências mais importantes que já existiram e colocaria o nome de Mendel na posteridade.

Para estudar, o jovem moraviano, enfrentou dificuldades financeiras, levando-o a ingressar em um mosteiro agostiniano em Brunn (atual Brno), no final da adolescência. Com essa oportunidade conseguiu estudar e ao mesmo tempo garantir a sua subsistência.

Nesse mosteiro havia um jardim com uma pequena variedade de flores da região que despertaram o interesse do noviço, que como muitos dos estudantes e pesquisadores da época já sabiam sobre a existência dos gametas. Entretanto a combinação entre essas duas estruturas (óvulo e espermatozoide), para o nascimento de um novo ser com características próximas a de seus ancestrais, era algo que não poderia ser explicado com clareza.

Entre as teorias mais populares, estava a que defendia a existência de uma fusão, uma "mistura" das características do pai e da mãe que seriam transmitidas aos filhos no momento da concepção. Essa ideia apesar de ser incorreta, pode explicar a maioria dos casos de herança, uma vez que aparentemente possuímos características intermediárias de nossos genitores.

Entretanto, algo como o nascimento de uma criança de olhos claros, filho de um casal de olhos castanhos, ou seja, como pais podem gerar filhos que não pareçam com eles mesmos, mas com um antigo ancestral, era algo inexplicável.

Para responder a essa questão, Mendel apoiou-se no "ombro" de outros "gigantes" e estudou Física, Matemática, Botânica e História Natural em Viena, aplicando esses conteúdos em aulas de Ciências que ministrava.

Paralelamente, o naturalista Charles Darwin prosseguia em suas pesquisas sobre evolução, mas a forma como ela acontecia ainda era um mistério, mas, alguém com habilidades em Física e Matemática, como Mendel, abriu o caminho para esse entendimento. Uma vez que não há "misturas", como se acreditava na herança de características, os conhecimentos conquistados na época em que foi demonstrado na Universidade de Física em Viena contribuíram de sobremaneira para sua descoberta.

ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

No livro intitulado Introdução a Genética, o tema inicia-se no segundo capítulo deste livro a partir da página 25, com questões como; "Como são identificados os genes individuais"?

Que princípio de herança Mendel descobriu? Qual é a base cromossômica do princípio de Mendel? E como o princípio de Mendel é aplicado à herança humana?

Com base nessas questões, observa-se a riqueza do assunto e porque ele atrai a atenção dos estudantes.

Conceitos como "tipo selvagem", ou seja, a forma mais comum das diferentes propriedades dos organismos e da forma como eles podem ser cruzantes com outros espécimes mutantes é abordada na introdução e na sequência a um relato da biografia de Mendel, seus estudos, experiências e conclusões.

Já no livro Genética; Evolução e Ecologia, no primeiro capítulo do livro, página 10. Tem início com a biografia do renomado cientista, que leva o epíteto de "Pai da Genética" e as diferentes aplicações dessa ciência. O conceito de herança monogênica é acrescido de informações como meiose, mitose e a terminologia usada nessa disciplina. A partir da página 19, o autor usa exemplos de probabilidades, como os já citados no presente trabalho para posteriormente aplicá-los no conceito de herança monogênica propriamente dita. O livro não se estende muito pela teoria, enfatizando a aplicação do conceito na resolução de exercícios pré-vestibulares.

E no livro Bio, volume 2, segue a mesma sequência didática do livro citado anteriormente, entretanto, os tópicos são abordados de uma maneira mais aprofundada, uma vez que o livro dedica um maior número de páginas ao tema. O estudo da herança de uma característica tem início a partir da página 259.

DISCUSSÃO

Os livros direcionados para o público universitário abordam o tema herança monogênica de maneira direta, não se preocupando se os alunos conhecem a terminologia utilizada no assunto, se possuem conhecimentos fora da área específica pertencente a biologia, como o de probabilidade.

Essa postura justifica-se, uma vez que necessariamente o aluno já deveria pelo menos ter esse conteúdo, que tem que ser abordado no ensino médio.

Há também um estudo mais aprofundado, relacionando diferentes anomalias humanas, por exemplo, relacionando-a a genes específicos, ou seja, assuntos que seriam abordados ao longo de um ano no ensino médio, por exemplo. São estudados em um capítulo do livro universitário.

Todos os livros direcionados para o Ensino Médio que foram pesquisados, possuem a preocupação de apresentar algumas noções de probabilidade antes de entrar no conteúdo pertencente ao domínio da genética. Mais especificamente, todos os livros, utilizam os mesmos exemplos, como o lançar de moedas, cartas de baralho, o lançar de dados, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mendel, o "pai da genética", contemporâneo do naturalista Charles Darwin foi um estatístico. As teorias de ambos influenciaram o estudo da vida no que se refere à evolução e a hereditariedade. Afinal: "Nada em biologia faz sentido senão sob a luz da evolução" (Theodosius Dobzhansky).

Mas se Darwin foi um observador da vida no literal sentido da palavra, Mendel realizou um trabalho, exato, com critérios científicos capazes de serem repetidos. O reagente biológico de seu trabalho foi uma ervilha (*Pisum sativum*), um vegetal com centenas de variedades. Todavia, outras espécies com as mesmas características favoráveis a esta experiência poderiam substituí-la sem prejuízo. Ou seja, a observação do desenvolvimento deste ser vivo, foi uma ferramenta para um trabalho de estatística.

Na menção e análise dessa teoria para o Ensino Médio, o trabalho desse monge ressurgiu como parte integrante do estudo da biologia. Mas não há um cronograma disponível e condições materiais que permitam a repetição desse experimento.

Assim, quando se torna aprendizagem em sala de aula, o estudo da herança monogênica, distancia-se do estudo dos seres vivos e amplia sua face exata, como um estudo estatístico contextualizado.

Esse direcionamento serve propósitos menos complexos, mas de grande utilidade. Afinal, os eventos aleatórios pertencentes à primeira lei de Mendel são instrumentos que serão utilizadas pelo aluno no decorrer do Ensino Médio e em outros tantos momentos de sua vida, uma vez que estamos rotineiramente cercados de avanços científicos em todas as áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Griffiths et al; **Introdução à genética**, 9ed. Rio de Janeiro Guanabara Koogan, 2009.

Bizzo, N; **Novas Bases da Biologia**, 1a Ed. São Paulo. Ática editora, 2011.

Lopes, S. Rossi S. **Bio Volume 2**. 1a Ed. São Paulo. Saraiva editora, 2010. 272p.

Fabrício M. Jófili Z., Semen L., Leão M. **A compreensão das leis de Mendel por alunos de biologia na educação básica e na licenciatura**. Disponível em: < <https://www.scielo.br/jj/epec/a/d8JbvnPgSNyVwMLKT9j5WrL/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 3 jun. 2011.

FALCÃO, R.A; LEÃO, M.B.C. A Utilização de Multimídias Educacionais na Construção de Modelos Mentais no Ensino das Leis de Mendel. **Genética na Escola**, ano 2, v. 1, p. 25-27, 2007. Disponível em: < https://www.geneticaescola.com/_files/ugd/b703be_be3a8877c548475693beac19bf6ee644.pdf > Acesso em: 10 jun. 2011.

Brockington G. Pietrocola M. 2005; **Serão as regras da transposição didática aplicáveis aos conceitos de física moderna**. Disponível em: < <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/512/309> > Acesso em: 26 jun. 2011.

Silva, C; Sasson S; Caldini, N. **Biologia**, 9a ed. São Paulo. Saraiva editora, 2010.

Pezzi, A; Gowdak, D; Mattos, N. **Biologia**, 1a ed. São Paulo. FTD editora, 2010.

R. Silva; R. C. Frenedo; 2006. **Mudanças e simplificações do saber científico ao saber a ensinar: Uma análise da transposição didática do ciclo do nitrogênio em livros didáticos de biologia do ensino médio**. Disponível em: < http://www.gpeqsc.com.br/guaipira/artigos/2009_7_ENPEC.16.pdf > Acesso em: 13 jul. 2011



DIEGO DANIEL DUARTE DOS SANTOS

Graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Ciências Biológicas pela UNIB, Universidade Ibirapuera (2007), Licenciatura Plena em Matemática (2016) e Pedagogia (2017) pela UNICSUL, Universidade Cruzeiro do Sul; Especialista em Ensino da Biologia pela USP, Universidade de São Paulo (2012); Especialista em Gestão e Organização Escolar pela FCE, Faculdade Campos Elisios (2019). Professor de Ensino Fundamental II - Ciências, na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

ELAINE CRISTINA REIS DE LEMOS

RESUMO: A Literatura Infantil surgiu na Europa, com o intuito de trazer lições de moral e com contexto pedagógico a fim de direcionar e doutrinar as crianças da época, de acordo com o que os adultos esperavam do comportamento das mesmas. Assim, o presente artigo teve por objetivo discutir a respeito do surgimento da Literatura Infantil e sobre as contribuições do gênero literário Contos de Fadas na Educação Infantil. Com o tempo, esse tipo de literatura ganhou novos olhares e perspectivas de acordo com o desenvolvimento da sociedade. Atualmente, a sociedade do conhecimento resultou na criação de diferentes gêneros literários. No caso dos contos, estes estimulam a imaginação, a emoção, a afetividade e a criatividade das crianças, contribuindo para a resolução de conflitos internos e externos trazendo o contato com possíveis soluções. Fadas, príncipes, princesas, reis, rainhas, monstros e bruxas carregam entre os personagens as diferenças entre o bem e o mal, prendendo a atenção das crianças. Sabe-se da importância do desenvolvimento pelo gosto e hábito da leitura, uma vez que o Brasil sofre com as desigualdades incluindo a área da Educação, em que muitos brasileiros não tem sequer acesso aos livros ou mesmo foram alfabetizados.

Palavras-chave: Educação Básica. Competências e Habilidades. Literatura Infantil. Futuros leitores.

INTRODUÇÃO

Os gêneros textuais podem ser definidos pelo contexto em que são utilizados no cotidiano da sociedade e de acordo com as relações que desenvolve, contemplando diferentes características sociais e comunicativas, conteúdos, propriedades funcionais, além da construção composicional.

Os gêneros podem ser diferenciados segundo o assunto que abordam como é o caso da literatura infantil, dos textos jornalísticos, científicos, religiosos, entre tantos outros.

No caso da área da Educação, as escolas atuais precisam gerar conhecimento rapidamente, principalmente depois do surgimento da internet, apropriando-se dos diferentes gêneros textuais, não só daqueles que estão disponíveis na biblioteca, mas também dos textos que circulam fora dela.

Essa nova competência leitora engloba o estudo dos gêneros textuais, auxiliando os educandos na aquisição da escrita e na ampliação do seu vocabulário. Além disso, o educando que tem contato com a literatura desde pequeno se torna capaz de reconhecer no texto o caráter narrativo, descritivo, expositivo e argumentativo quando estiver sendo alfabetizado.

Pensando especificamente na Educação Infantil, podemos discutir sobre a Literatura Infantil, tão importante para o desenvolvimento das crianças. A literatura surgiu a partir dos primeiros escritos na ascensão da burguesia na Europa, trazendo consigo intenções morais e práticas pedagógicas explícitas, com o intuito de disciplinar as crianças como um todo, de acordo com o pensamento dos adultos da sociedade em questão.

LITERATURA INFANTIL

Mais especificamente quanto a Literatura Infantil, os primeiros textos escritos surgiram na burguesia da Europa, trazendo consigo lições morais e práticas pedagógicas com o intuito de disciplinar as crianças de acordo com o pensamento adulto da sociedade em questão.

No caso dos contos de fadas, sua origem ocorreu entre os povos celtas, onde as mulheres idosas contavam histórias fatídicas ou relacionadas ao amor. As primeiras obras direcionadas ao público infantil foram os "Contos da Mamãe Gansa", também chamada de "Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades", de Perrault, em 1717 e que trazia dentre os contos: O Gato de Botas; A Gata Borralheira;

A Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; entre outros contos conhecidos até os dias atuais (SCHNEIDER e TOROSSIAN, 2009).

Os contos às vezes vinham na forma de poemas e eram finalizados através de lições de moral, doutrinando as crianças e a sociedade como um todo. No caso do Brasil, esse gênero literário passou a ser utilizado a partir do Século XIX. No caso dos autores brasileiros, apesar de escreverem para o público infantil, os textos ainda ficavam defasados em relação aos provenientes da Europa, já que boa parte dos escritos eram adaptações e traduções estrangeiras. A escola também integrava esse tipo de literatura, mas não de forma igualitária: “a destinatária prevista para estes livros, que nela circulam como leitura subsidiária ou como prêmio para os melhores alunos” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1993, p.19).

Já no início do século XX, Olavo Bilac, Manuel Bonfim, Adelina Lopes Vieira, entre outros autores, passaram a escrever livros baseados na convicção de que a literatura serviria como forma de instrumentalizar o ensino no desenvolvimento das capacidades leitora e escritora (AGUIAR, 1999).

Assim, o Brasil passou de tradutor de contos estrangeiros para a produção de livros infantis, inicialmente trazendo lições de moral como ocorria nos textos europeus, passando a dar para a escola um espaço para trabalhar esses assuntos.

Atualmente, a comunicação verbal pode ser trabalhada a partir de gêneros textuais, a fim de desenvolver a língua não só nos seus aspectos formais e estruturais, mas também, a partir das diferentes competências cognitivas:

Conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados. (BAKHTIN, 2011, p. 262)

Nos dias atuais, os gêneros textuais variam de acordo com a sua utilização no dia a dia da sociedade do conhecimento, a fim de contemplar diferentes características sociais e comunicativas, conteúdos e propriedades funcionais. Por isso, as escolas devem estar atualizadas e preparadas para o surgimento de informações rápidas, o que ocorre desde o surgimento da internet, a fim de se apropriar dos diferentes gêneros textuais.

Ainda, nos dias atuais ocorre o surgimento de novos gêneros textuais a todo momento já que a demanda da sociedade se mostra voraz para criar novas informações, a partir de novas tecnologias com o uso de notebook, tablet, celulares, redes sociais, entre outros. A comunicação agora ocorre em tempo real, como se as pessoas estivessem uma ao lado da outra, onde diferentes aplicativos contribuem para que isso ocorra:

Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2003, s/p.)'

Trabalhar a competência metagenérica nas escolas, contribuem para que os educandos comecem a compreender melhor os gêneros textuais, facilita a aquisição da escrita, bem como a ampliação do seu vocabulário. Além disso, o educando se tornará capaz futuramente de reconhecer no texto seu caráter narrativo, descritivo, expositivo e/ou argumentativo, adquirindo uma base sólida, e utilizar diferentes tipos de gêneros textuais contribui em muito nesse processo.

Os docentes sabem da força que a literatura tem para desenvolver as crianças, assim, é preciso planejar suas práticas pedagógicas, pois, no caso da Educação Infantil ela serve de mediação entre a criança e o mundo literário.

Os contos de fadas, por exemplo, auxiliam nesse processo, pois, desenvolvem diferentes competências e habilidades nas crianças como é o caso da imaginação. Ao contar histórias, o docente propicia momentos de contato da criança com diferentes formas de viver, agir, pensar, valores, costumes e conhecimento sobre outras culturas. (BASTOS, 2015)

Desta forma:

Os livros infantis devem atender às necessidades fundamentais da infância. Assim é importante que os assuntos escolhidos correspondam ao mundo da criança e ao seu interesse; facilitem progressivamente suas descobertas e sua entrada social e cultural no mundo dos adultos... (GÓES, 1991, p. 23)

Na Educação Infantil a criança pode aprender a lidar com diferentes situações, contemplando inclusive o desenvolvimento do imaginário. Os contos de fadas são textos e histórias excelentes do ponto de vista pedagógico, pois, carregam consigo novas e diferentes experiências, contribuindo para o enriquecimento das experiências pessoais desses pequenos educandos:

[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constituiu o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. (VIGOTSKY, 2009, p.22)

Assim, os contos de fada propiciam para as crianças experiências pessoais necessárias ao seu desenvolvimento. O docente deve estabelecer e criar espaços de leitura que sejam prazerosos, pois, a literatura infantil contribui para a aquisição de valores, trazendo diferentes ideias e informações variadas. Dar liberdade para que a criança escolha o livro a ser lido para a turma também contribui para desenvolver a autonomia da mesma (PAÇO, 2009).

O docente deve ainda ser um bom contador de histórias, incentivando toda a turma em relação ao mundo da leitura, realizando-as constantemente, oportunizando inclusive a coparticipação das crianças na história, para que a criança de fato se enxergue como parte dela. A literatura infantil é considerada um agente transformador na vida das mesmas. O docente deve estar atento às mudanças da sociedade, levando em consideração: a literatura; a realidade social; e o educando, atraindo os pequenos leitores.

APLICAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O contato com a literatura, muitas vezes ocorre ainda na barriga da mãe. Ao nascer, as histórias continuam sendo contadas pelos familiares:

O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais... Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador, embalado por uma voz amada... É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação. (ABRAMOVICH, 2003, s/p.)

Quando a criança passa a frequentar a escola, a sua visão de mundo e o contato com diferentes adultos e crianças contribui para o aumento do seu repertório cultural. A escola deve dar continuidade ao trabalho iniciado em casa, ampliando o contato com a literatura já na Educação Infantil. Os livros infantis devem atender às necessidades de cada faixa etária, onde a sua escolha deve permear o contexto do mundo que as cerca, facilitando suas descobertas e as suas relações sociais.

A Educação Infantil é um período de suma importância para o desenvolvimento infantil, proporcionando através da leitura o interesse pelas histórias, buscando a interação entre o educando e a história: "Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo..." (ABRAMOVICH, 2003, p. 16)

Os contos de fadas preparam para os acontecimentos da vida, pois, possuem a capacidade de ensinar através de seus enredos a como lidar com determinados fatos de forma implícita. Assim, despertar o interesse das crianças envolve a realidade dos mesmos questionando a moral da história para ver se eles compreendem o que o conto quer dizer.

Ainda, os contos possibilitam a descoberta da sua identidade pessoal. Eles deixam explícito que ser feliz e ter uma boa vida boa dependem do caminho escolhido independentemente das dificuldades. Portanto, a leitura é vista como:

Uma maneira de despertar os interesses da criança é partir da sua realidade e das suas necessidades pessoais. A leitura vista com um valor em si mesma como “um desafio em direção a uma experiência pessoal mais rica” pode ser um instrumento extremamente rico. A criança confronta com sua realidade com a realidade dos livros, ela pode interferir nos fatos descritos e assumir seu papel como sujeito da história, em comunhão com seus semelhantes. (PAÇO, 2009, p. 25)

Numa outra visão, Abramovich afirma que:

Para contar uma história seja qual for é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acero das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... é tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 2003, p. 18)

Ou seja, o docente deve trazer a história do imaginário para o mundo real. Pode-se utilizar diferentes possibilidades como sentar no chão com as crianças a fim de se aproximar das mesmas: “que cada um encontre um jeito gostoso de ficar: sentado, deitado, enrodilhado, não importa como... cada um a seu gosto... E depois, quando todos estiverem acomodados, aí começar “Era uma vez” ... (ABROMOVICH, 2003, p. 22)

As histórias incentivam diferentes sensações nas crianças como emoção, tristeza, medo, a alegria, insegurança, tranquilidade, dentre outras sensações, vivenciando mesmo que na imaginação o que a narrativa proporciona: “pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário”. (ABRAMOVICH, 2003, p. 22)

O docente também pode recorrer a recursos que não fazem parte do livro, mas que se relacionam com o texto como imagens, fantoches e músicas, envolvendo ainda mais as crianças. Outra questão importante é a entonação da voz, que pode ser adaptada para cada personagem em questão, prendendo ainda mais a atenção das mesmas. Dramatizar a história com fantoches, máscaras e outros recursos se tornam elementos mágicos e estimulantes no momento da leitura.

Assim, o docente contribui para a formação de futuros leitores, incentivando a continuidade da leitura em casa pelas famílias. É importante que o docente também utilize livros que ensinem as crianças através do lúdico colocando em prática o hábito da leitura desde a Educação Infantil:

Os contos de fadas são ímpares, não só como forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande obra de arte, o significado mais profundo do conto de fada será diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fada, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. (BETTELHEIM, 2008, p. 20)

Quer dizer que a criança ao escutar uma história começa a conversar consigo mesma, desenvolvendo seu intelecto, além de outras habilidades que serão levadas para a sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo trouxe reflexões a respeito da utilização dos gêneros literários como instrumento facilitador para a formação de futuros leitores, incentivando as crianças desde pequenas a adquirirem o gosto e o prazer pela leitura, o que desenvolverá diferentes competências e habilidades e contribuirá para que elas encontrem possíveis soluções para conflitos internos e externos.

Um importante gênero literário que deve ser trabalhado são os Contos de Fadas. Esse tipo de texto traz personagens que contextualizam e problematizam diferentes situações cotidianas, como é o caso das relações interpessoais, e os conflitos centrais que ao longo da história acabam sendo solucionados.

Por fim, a sua utilização desde a Educação Infantil contribui pedagogicamente trazem inúmeras possibilidades e diferentes práticas que podem ser desenvolvidas com a turma para que adquiram o prazer e o gosto pela leitura, o que no futuro facilitará o trabalho do docente alfabetizador, já que a criança carrega um vocabulário mais rico em função do contato que teve com a literatura desde essa etapa escolar.

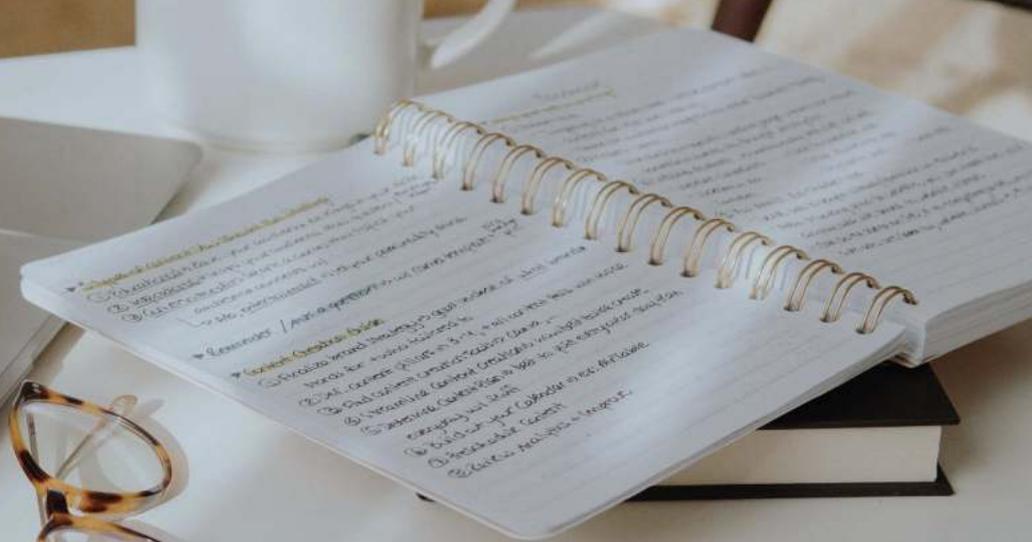
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil - Gostosuras e Bobices*. 5ª edição. São Paulo: Editora Scipione, 2003.
- AGUIAR, R.C. *O Rebelde Esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, p.387.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo/SP: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BASTOS, G.M. *A importância dos contos de fadas na educação infantil*. Brasília: UnB. 55 p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2015.
- BETTELHEIM, B. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. 21º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- GÓES, P.L. *Introdução à Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1991.
- MARCUSCHI, L.A. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade: In DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros Textuais; Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.
- PAÇO, G.M.A. O encanto da literatura infantil no cemei CARMEM montes paixão. 2009. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mesquita/RJ, 2009. Disponível em: http://www.ufrrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra_PACO.pdf Acesso em: 10 jan. 2022.
- SCHNEIDER, R.E.F.; TOROSSIAN, S.D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 15, n. 12, p. 132 – 148, 2009.
- VIGOTSKY, L.S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores*. São Paulo: Ática, 2009.
- ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira, história, autores e textos*. São Paulo: Global. 1993.



Elaine Cristina Reis de Lemos

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Morumbi Sul; Especialista em gestão Escolar pela Faculdade Morumbi Sul; Cursando Docência do ensino superior pela Faculdade São Luís. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo.



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO INFANTIL

EVELICE DE SOUZA EVANGELISTA

RESUMO: Este artigo tem por finalidade discutir a utilização da Literatura Infantil, em especial os Contos de Fadas como uma forma de desenvolver o hábito e o gosto pela leitura nas crianças. A literatura infantil, quando utilizada de modo adequado e na idade certa torna-se um instrumento importante na construção do conhecimento, fazendo com que as mesmas despertem para o mundo da leitura, de forma prazerosa e duradoura. A escola é o lugar ideal para o desenvolvimento desta competência, pois, traz o caráter multidisciplinar da leitura relacionando-se às inúmeras formas de manifestação e expressão que formam as habilidades de comunicação da criança desde os primeiros anos durante a Educação Infantil. A metodologia utilizada foi a qualitativa a partir de revisão bibliográfica. Os resultados encontrados demonstraram a importância de desenvolver a competência leitora nas crianças desde essa etapa escolar, oportunizando para aqueles que até então não tiveram acesso em casa e dando continuidade para aqueles que já tiveram contribuições através da família.

Palavras-chave: Contos de Fadas. Educação Infantil. Literatura Infantil.

INTRODUÇÃO

Buscando-se sobre o tema, temos que a Literatura Infantil surgiu a partir da burguesia europeia, onde os textos iniciais vinham repletos de intenções morais e pedagógicas com a intenção de direcionar e doutrinar as crianças de acordo com o que os adultos esperavam do comportamento das mesmas.

Com o passar do tempo, a Literatura Infantil ganhou novos olhares e perspectivas de acordo com o desenvolvimento da sociedade em questão. Nos dias atuais, existem diversos gêneros literários, em especial, os contos de fadas que estimulam à imaginação, a emoção, a afetividade e a criatividade das crianças, promovendo ainda a resolução de conflitos internos. No caso, fadas, príncipes e princesas, reis e rainhas, monstros e bruxas carregam consigo a diferença entre o bem e o mal, prendendo assim a atenção das crianças.

Em especial, sabe-se da importância do desenvolvimento pelo gosto e hábito da leitura, uma vez que no caso do Brasil existem muitas desigualdades inclusive no campo educacional, onde muitas crianças não tem sequer acesso a livros.

LITERATURA PRESENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No Brasil, muitas vezes o contato que a criança tem com os livros ocorre no momento em que ela passa a frequentar a escola. A história contada pelo docente costuma ter relação com o mundo que a cerca. Assim, a aprendizagem da linguagem vai fazendo parte desse processo, sendo as palavras e símbolos representantes do mundo real comparando-as com o imaginário (HUIZINGA, 1988).

Quanto à competência leitora, as crianças vivem em um mundo com letras, palavras, frases e histórias que se complementam. Quando passam a estudar, o docente precisa transformar esse momento em algo mais lúdico, a fim de que elas possam desenvolver o prazer ao escutarem, aprendendo e brincando ao mesmo tempo a fim de enriquecer seu vocabulário tornando o aprendizado mais significativo e agradável (MARAFIGO, 2012).

Para isso, as crianças devem ser estimuladas a ter interesse pelos livros treinando assim a linguagem. Esse estímulo torna-se fundamental uma vez que isto ocorra, a criança desperta o interesse pela leitura e pratica maior assiduidade à narrativa de histórias. Desta forma, a escola deve dar continuidade ao trabalho iniciado em casa, ampliando o contato com a literatura ao longo da Educação Infantil, oportunizando para aquelas crianças que ainda não tiveram a oportunidade dentro de casa.

Os docentes precisam ter em mente a importância que a leitura tem para o desenvolvimento das mesmas, refletindo assim sobre suas práticas pedagógicas, pois, na Educação Infantil é importantíssimo fazer a mediação entre a criança e o mundo literário. Ainda, é preciso ter consciência de que as crianças dependem do seu trabalho e que o uso da literatura oportuniza aprendizagem significativa. No caso da leitura de contos de fadas, a aprendizagem se torna ainda mais efetiva, pois, apesar de muitos contos usarem a imaginação, os mesmos apresentam a capacidade de desenvolver outras habilidades junto as crianças. (LEE, 2014)

Quando o docente utiliza a contação de histórias, ele está propiciando momentos em que a criança entra em contato com diferentes formas de viver, agir, pensar, resultando em novos conhecimentos e valores, resultando em conhecimento sobre diferentes culturas:

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo das obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outros, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO, 1995, p. 18)

No caso específico da Educação Infantil, a contação de histórias possibilita a aprendizagem em lidar com situações diferentes ou mesmo do cotidiano, contemplando o desenvolvimento da imaginação. Os contos de fadas tratam-se de textos e histórias que do ponto de vista pedagógico, contribuem com novas e diferentes experiências, enriquecendo suas experiências pessoais:

Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas sim o fato de o herói ser extremamente atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a essa identificação, ela imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações inteiramente por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói lhe imprimem moralidade. (BETHELHEIM, 2008, p.16)

O docente deve ser um bom contador de histórias, incentivando as crianças durante a leitura, realizando-as cotidianamente, oportunizando inclusive a coparticipação das crianças ao longo da história, para que elas se sintam pertencentes a ela, desenvolvendo assim a sua imaginação. Ainda segundo o autor, os livros infantis devem atender às necessidades das crianças apresentando relação com o mundo que a cerca, a fim de facilitar suas descobertas e a sua entrada no mundo social e cultural dos adultos.

Ou seja, a Educação Infantil torna-se crucial para o desenvolvimento da criança, proporcionando através da leitura o seu desenvolvimento global:

[...] é possível perceber que os contos de fadas são histórias muito atuais, porque todas elas são alimentadas de sabedoria prática que não envelhece, pois se fundamenta na natureza humana, nos sentimentos, medos, angústias, esperanças, alegrias e esses aspectos continuam os mesmos, independente do século. (OLIVEIRA, 2010, p. 20)

O autor ao discutir sobre o desenvolvimento da criança está totalmente correto. Isso porque a contação de histórias observada de perto na escola, faz com que o docente exercite um olhar diferenciado, conseguindo elencar as diferentes competências e habilidades que são desenvolvidas pelas crianças a partir dessa escuta e assim, pode traçar novos caminhos a serem percorridos. A ideia é que no futuro se tenham novos leitores, desenvolvendo dentre outras questões, a criticidade daquilo que se lê.

Ainda, a literatura auxilia as crianças na formação da sua identidade. As histórias deixam claro que ser feliz depende da escolha a ser feita ao longo da vida:

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provocações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa. (BETHELHEIM, 2008, p.15)

Ainda, as histórias podem proporcionar diferentes sensações e emoções nas crianças como tristeza, raiva, alegria, felicidade, medo, tranquilidade, entre outras, vivenciando mesmo que na imaginação o que a narrativa proporciona, sentindo e enxergando-se no imaginário.

Desta forma, o docente pode utilizar recursos diversos que não fazem parte das histórias, mas que se relacionam com elas e que vão chamar a atenção das crianças. Dramatizar a história pode tornar a leitura muito mais estimulante.

CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS

Os Contos de Fadas podem ser utilizados de forma prazerosa já que a contação de histórias estimula o desenvolvimento da imaginação e da fantasia, além de desenvolver valores morais, despertando o interesse das crianças pela leitura.

O ato de contar histórias pode estimular o pensar, o encenar, o imaginar, o brincar, o ler, o escrever, entre outros conceitos, contribuindo ainda para que a criança compreenda o mundo a sua volta, podendo ainda ser desenvolvida a partir do lúdico:

Se é importante para o bebê ouvir a voz amada e para a criança pequena escutar uma narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e calidez (numa relação a dois, para a criança da pré-escola ouvir histórias também é fundamental (agora numa relação a muitos: um adulto e várias crianças). (ABRAMOVICH, 1995, p.22)

Utilizar os contos de fadas proporciona às crianças além de uma atividade lúdica prazerosa, o desenvolvimento da capacidade e gosto pela leitura, o que contribuirá posteriormente para a aquisição da escrita. Assim, é fundamental que os docentes pratiquem a contação de histórias na Educação Infantil, pois apesar de ainda não dominarem a escrita, eles já são capazes de compreender a linguagem oral, as imagens e gestos. (STEINER, 2012)

Ou seja:

É na infância pré-escolar que se formam as atividades fundamentais diante do livro. A criança que toma contato com o livro pela primeira vez ao entrar na escola, costuma associar a leitura com a situação escolar, principalmente se não há leitura no meio familiar. Se o trabalho escolar é difícil e pouco compensador, a criança pode adquirir aversão pela leitura e abandoná-la completamente quando deixar a escola. É conveniente então que o livro entre para a vida da criança antes da idade escolar e passa a fazer parte de seus brinquedos e atividades cotidianas. (BARKER e ESCARPIT, 1975, p. 122)

Quer dizer, assim, que durante a contação de histórias, não se deve perder a essência da mesma. Durante a escolha de um conto ou de um livro é necessário se preocupar com a qualidade da história pensando no desenvolvimento das crianças. Assim, deve-se levar em consideração o objetivo que se quer atingir e a faixa etária em questão:

Deve ser proporcionado para cada faixa etária na educação infantil. Ela classifica as crianças de até 3 anos estão na fase pré-mágica, em que deve ser enfatizado histórias de bichinhos, brinquedos, objetos e seres da natureza. Dos 3 a 6 anos, as crianças se encontram na fase mágica, neste período deve ser trabalhado histórias acumulativas e com repetição; contos de fadas; ela relata que em primeiro momento as crianças preferem histórias curtas, depois optam por enredos mais longos. Para a autora, ambas as fases devem conter um enredo simples, vivo e atraente. (COELHO, 2003, s/p.)

Assim, a leitura dos contos de fadas podem contribuir com a ludicidade, para o desenvolvimento da imaginação e para resultar no gosto pela leitura já na Educação Infantil, a partir do contato diário com a literatura. Ainda, os contos de fada trazem consigo experiências pessoais importantes para o desenvolvimento infantil, pois, estabelecem prazer, facilitam a aquisição de valores, contribuindo para a formação de diferentes ideias e o acesso a informações variadas. (CHISTENSEN, 2014)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, incentiva-se as crianças desde esse momento importante a adquirirem o gosto e o prazer pela leitura possibilitando a aquisição de conhecimentos, desenvolvendo e externalizando sentimentos e ainda encontrando possíveis soluções para conflitos, principalmente em se tratando dos contos de fadas.

No caso dos Contos de Fadas, esse gênero literário contribui para o desenvolvimento psicológico da criança, fazendo com que ela imagine, sonhe, pense e participe, lidando inclusive com os próprios conflitos. Os personagens dramatizam situações do cotidiano e relações interpessoais, através de conflitos que serão solucionados ao longo da história. Desta forma, contribui para a ampliação do repertório infantil, geralmente com enredos que retratam formas diferentes de ser, agir e pensar.

Por fim, o docente deve utilizar técnicas e materiais que estimulem e prendam a atenção da criança para que ela escute e participe da história que está ouvindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil - Gostosuras e Bobices*. 5ª edição. São Paulo: Editora Scipione, 1995.
- BARKER, R.E.; ESCARPIT, R. *A Fome de ler*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas - Editora, 1975.
- BETTELHEIM, B. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- CHISTENSEN, P. Lugar, espaço e conhecimento: crianças em pequenas e grandes cidades. In: Müller, F. (Org.). *Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições*. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- COELHO, N.N. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- LAJOLO, M. *O que é literatura*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 17ª ed., 1995.
- LEE, N. Vozes das crianças, tomada de decisão e mudança. In: Müller, F. (Org.). *Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições*. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- MARAFIGO, E.C. *A importância da Literatura Infantil na formação de uma sociedade de leitores*. Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba. Artigo Científico apresentado ao curso de Pós-Graduação, São Joaquim, 2012, 13 p.
- OLIVEIRA, P.S.T. *A construção dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças*. Trabalho de Conclusão de Curso – UNEB, Salvador, 2010, 62 p.
- STEINER, R. *A educação da Criança segundo a Ciência Espiritual*. Tradução de Rudolf Lanz. 5. ed., São Paulo: Antroposófica, 2012.



Evelice de Souza Evangelista

Licenciada em pedagogia pela Universidade Paulista, (UNIP); Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UNIP); Pós graduação em Práticas Educativas Faculdade de Educação Paulistana (FAEP). Professora de Educação Infantil (CEI) da Prefeitura de São Paulo (PMSP).

A IMPORTÂNCIA DE UMA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA

JULIANA APARECIDA PINHEIRO DE ARAUJO

RESUMO: Esse artigo tem como objetivos decorrer a respeito da importância de se fazer uma Gestão Democrática nas escolas. As escolas devem ser vistas não apenas como instituições que transmitem certos conhecimentos e habilidades aos alunos, mas também como ambientes que os socializam. As habilidades e disposições necessárias para participar ativamente em todos os aspectos da vida democrática incluem: a capacidade de pensar criticamente, um senso de eficácia, um compromisso com a ação compassiva e um desejo de participar ativamente da vida política, engajando-se em processos locais de tomada de decisão, lobby, votação, etc., bem como a necessidade básica de saber ler, escrever e fazer contas. A relevância desse artigo é de que profissionais que atuam na gestão podem conhecer mais a respeito da importância da Gestão Democrática. Esse artigo foi realizado por meio de um método de pesquisa bibliográfica, contando com a corroboração de autores pertinentes ao tema. Conclui-se que uma Gestão Democrática deve ser pautada em uma participação geral nas questões de governança e formulação de políticas.

Palavras-chave: Decisões. Educação. Escolas. Processos Democráticos.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como tema “A importância de se fazer uma Gestão Escolar Democrática”. Embora existam vários estudos existentes de escolas que foram deliberadamente criadas para serem democráticas, há poucas escolas que se propuseram a democratizar suas estruturas existentes, principalmente autoritárias.

Para desenvolver este estudo, utiliza-se a abordagem metodológica de cunho bibliográfico, com o objetivo de compreender a importância de se fazer uma Gestão Escolar Democrática Escolar.

A gestão democrática é descentralizada, sua forma de administrar é participativa tornando-se essencial para a implementação do processo de democracia e a coletividade de todos que compõem a escola (direção, corpo docente, aluno, pais e comunidade). Uma abordagem sobre o conceito de gestão escolar, possibilitando um pouco do seu contexto histórico. E um novo direcionamento na forma de gerir a escola, que pode observar os modelos de gestão escolar que são: técnico-científico, sociocrítico, autogestionário, interpretativo e democrático-participativo. Modelos que é foco do estudo, será retratado especificamente o modelo de gestão democrático-participativa, a construção do conceito, o que é gestão democrática e gestão participativa.

Ao longo da história da educação brasileira, homens e mulheres vêm buscando a melhoria na educação, lutando por uma escola para todos, um exemplo foi o movimento pioneiro da escola nova em que seus representantes exigiam uma escola com uma nova visão em que alcançasse o público de todos e ao longo do tempo foi atualizando o processo educacional, revisando suas práticas, seus conceitos, seus métodos e em que o diretor tinha total responsabilidade da instituição.

Este artigo está dividido em três títulos que decorrem sobre a importância da Gestão Democrática. O primeiro descreve-se a respeito das Concepções de Gestão Escolar. O segundo denota-se a respeito das concepções de avaliação, opiniões e inúmeras verdades que uma Gestão Democrática pode trazer. O terceiro e último título descreve-se a respeito da Gestão Democrática.

Através de muitos debates e conquistas, hoje tem-se a proposta de uma escola focada em um trabalho de parceria de responsabilidade junto direção, corpo docente, funcionários, alunos, pais e comunidade, para juntos realizarem uma gestão democrática, pois antes a gestão era centralizada e devido a esta nova abordagem o gestor tinha a responsabilidade de gerir não só os recursos pedagógicos,

como também os recursos financeiros. Bastos (2005, p.28) traz uma ressalva sobre este assunto que "Fortalece a autoridade do dirigente escolar como gestor de Recursos". Essa frase lembra um trecho do texto de Saviani (1997, PP.151-167) que diz: "A exigência da escola se estende tanto na vertical quanto na horizontal, é o que se chama de hipertrofia escolar".

A responsabilidade da escola com o aluno tem sido cada vez mais abrangente, a Secretaria de Educação por sua vez entrelaça ainda mais essas atividades escola, saúde e lazer, por meio dos projetos parceiros educacionais como: mais educação, escola aberta, escola de bairro e saúde escolar. Com todas essas atividades citadas acima, com as funções pedagógica, administrativa e financeira, o aumento dessa demanda é quase impossível de se gerenciar sozinho, então observa-se que havia um motivo para implantar um novo paradigma educacional: a gestão escolar.

CONCEPÇÕES DE GESTÃO ESCOLAR

Libâneo (2001) refere-se a cinco concepções de organização e gestão: técnico-científica, sociocrítica, autogestionária, interpretativa e democrático-participativa. Vejamos a seguir como esse autor define cada uma dessas concepções.

a) Técnico-científico: prevalece na escola uma divisão burocrática e técnica, onde a direção é centrada em uma pessoa, as decisões vêm de cima para baixo e apenas cumprem um plano previamente elaborado, sem a participação de professores, especialistas, alunos e funcionários. É uma gestão tida como neutra e técnica, pois pode ser planejada, organizada e controlada. Dando muito peso à estrutura organizacional, baseada na hierarquia de cargos e funções, as regras e procedimentos administrativos, para a racionalização do trabalho e a efetividade dos serviços escolares

b) Sociocrítica: em que a organização escolar é concebida como um sistema que agrega as pessoas, considerando o caráter intencional de suas ações e as interações sociais que estabelecem entre si e com o contexto sociopolítico, nas formas democráticas de tomada de decisão.

c) Autogestão: baseia-se no trabalho coletivo, em ações resultantes das decisões de todos os segmentos que compõem a comunidade escolar. Portanto, esse tipo de gestão é marcado pela forte participação de todos os membros da instituição e enfatiza as relações entre as pessoas em detrimento das tarefas. O poder é o coletivo da escola e visa a preparação de formas de autogestão no nível político. Também é marcada pela ênfase na responsabilidade coletiva e pela recusa de normas preestabelecidas. Como podemos ver, esse modelo de gestão é caracterizado pela ausência de poder centralizado na escola e pela experiência democrática, com vistas à conquista e ampliação da mesma experiência na sociedade.

d) Interpretativa: considera como elementos prioritários na análise dos processos de organização e gestão os significados subjetivos, intenções e interação das pessoas.

Contrapondo-se fortemente à concepção técnico-científica, por sua rigidez normativa e por considerar as organizações como realidades objetivas, a abordagem interpretativa considera as práticas organizacionais como uma construção social baseada em experiências subjetivas e interações sociais. a busca de objetivos comuns como responsabilidade de todos que fazem a escola. Nesse tipo de gestão está a busca de relações solidárias e de formas participativas; porém, também valoriza a organização interna cujo principal instrumento é o planejamento participativo – este "constitui um processo político". (LUCK, 2008, p. 51)

Todas essas concepções de gestão escolar são bastante interessantes. Portanto, encontramos as concepções de gestão com foco no democrático e participativo, sendo enfatizadas no decoro deste estudo. Este assunto nos anos anteriores já havia sido mencionado na Constituição de 1988 nossa Carta Magna que diz: seu artigo 206, cuja forma de gestão da educação brasileira deve ser democrática e participativa, como atesta o inciso VI "a gestão democrática da educação pública, na forma da lei".

CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO, OPINIÕES E INÚMERAS VERDADES

Precisa-se compreender o significado de gestão que vem da palavra *gestio* em latim e se refere à ação de gerenciar ou administrar. Vários estudiosos conceituaram a palavra gestão em diversos resorts, mas vale ressaltar o conceito de gestão escolar. Apontado por Lück, gestão da escola:

Constitui uma dimensão e uma abordagem de ação que visa promover a organização, mobilização e articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos

sociocientíficos dos estabelecimentos de ensino orientados para a promoção efetiva da aprendizagem dos alunos, para torná-los capazes de enfrentar adequadamente os desafios da sociedade globalizada e da economia centrada no conhecimento. (LÜCK, 2008, p.11)

Todo esse processo posiciona um novo rumo na forma de gerir uma escola, segundo o conceito colocado por Luck (2000) é uma relação mais complexa que envolve a participação de todas as pessoas inseridas na escola e na sociedade buscando atingir os objetivos de uma sociedade globalizada. Sem passar despercebido sobre a aquisição da aprendizagem preparando o aluno para os desafios da sociedade atual. Ferreira também define Gestão Escolar como:

A gestão democrática da educação é hoje um valor já consagrado no Brasil e no mundo, embora ainda não plenamente compreendido e incorporado à prática social global e à prática educacional brasileira e global. A sua importância como recurso de participação humana e formação para a cidadania é, sem dúvida, importante. Há, sem dúvida, a necessidade da construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Sua importância como fonte de humanização é indubitável. (FERREIRA, 2002, p.305)

Os autores relatam que a gestão escolar está entrelaçada com a articulação de todos que a compõem, a fim de avançar na aprendizagem dos alunos, buscando sua formação como cidadão com um censo crítico, numa concepção mais justa e humanizada.

GESTÃO DEMOCRÁTICA

O democrático como mencionado no início deste artigo tem como significado que o governo emana do povo, por isso a parceria no trabalho é um compromisso de todos que compõem a comunidade escolar. Sobre a gestão democrática nas escolas públicas brasileiras, a Lei nº 9.394/1996 se posiciona da seguinte forma: No artigo 3º, inciso VIII, destaca a gestão democrática da educação pública, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino.

Ele também ressalta que "toda vez que falamos em gestão democrática, parece uma utopia, que não existe, mas não quer dizer que não possa existir". Segundo o mesmo autor, na medida em que é visto como algo de valor do ponto de vista da resolução dos problemas da escola pode se tornar desejável. É o primeiro passo para decisões concretas é viabilizar um projeto de democratização e conscientização das relações humanas dentro da escola. (PARO, 2001, p. 7)

É preciso nos posicionarmos diante das transformações da educação brasileira, na nova direção que está sendo direcionada buscando a melhoria da educação, a gestão democrática traz um novo olhar para as atividades realizadas nas escolas, levando em consideração as relações humanas que Paro retrata acima. No entanto, a ação de construção da gestão precisa abranger todos os que compõem a comunidade escolar, a fim de contribuir para o desenvolvimento educacional da escola.

A possibilidade de uma ação administrativa na perspectiva da construção coletiva exige a participação de toda a comunidade escolar nas decisões do processo educativo, o que resultará na democratização das relações que se desenvolvem na escola, contribuindo para o aprimoramento administrativo-pedagógico. (LUCK, 2009, p. 49)

Um fator importante nessa implementação é o seu funcionamento no cotidiano escolar, diante dessas inovações, das novas propostas, dessa autonomia concedida. Segundo Libâneo(2009) "uma escola bem organizada e gerida é aquela que cria e garante condições didáticas organizacionais, operacionais e pedagógicas".

De acordo com o princípio da gestão democrática, a realização do processo de gestão inclui também a participação ativa de todos os professores e da comunidade escolar como um todo, a fim de contribuir para a implementação de uma gestão democrática que garanta qualidade para todos os alunos. (LUCK, 2009, p.23).

A educação neste novo século vem com maior abrangência na área administrativa. Sobre a gestão democrática, Paro diz:

A possibilidade de uma administração democrática no sentido de sua articulação, na forma e no conteúdo, com os interesses da sociedade como um todo, tem a ver com os fins e a natureza da coisa administrada, pois: a) os objetivos que buscam alcançar a escola; b) a natureza do processo que envolve essa busca. Esses dois aspectos não são de forma alguma independentes um do outro. A apropriação do conhecimento e o desenvolvimento da consciência crítica, como objetivo de uma educação transformadora, determinam, [...], a própria peculiaridade do processo pedagógico escolar. (PARO, 2001, p.151-152)

Os objetivos apontados por Paro (2001) seguem um caminho paralelo, sendo a combinação desses objetivos para a realização de uma educação para a sociedade, com capacidade de transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi realizado com o intuito de aprofundar o conhecimento no tema abordado, buscando a luz do conceito de gestão dos teóricos, tendo como objetivo decorrer por meio de pesquisas bibliográficas como pode se fazer uma Gestão Escolar Democrática e a importância da mesma dentro das Instituições Escolares.

Todo esse processo bibliográfico foi de grande enriquecimento para o trabalho proposto. Mostrando a importância do seu papel através da implementação da gestão democrática. Sensibilizar todos os que compõem a comunidade escolar para a importância da sua participação no contributo do desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem na formação de cidadãos críticos.

Atualmente, a gestão escolar democrática é um tema amplamente discutido no campo educacional brasileiro, mesmo com tantos debates é um projeto novo, na busca de enfrentar o desafio de uma educação de qualidade e igualitária para todos.

A gestão escolar democrática participativa tem criado atitudes que levam cada integrante a ações de autonomia nesse processo, que é construído a cada dia a partir dos objetivos definidos coletivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, João Baptista (Org.). **Gestão democrática**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, SEPE, 2005.
- FERREIRA, Naura Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Ângela da S. (Org.) (2001). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.
- LÜCK, Heloise. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. Heloisa Luck. Curitiba: Editora Positivo, 2009.
- LÜCK, Heloisa; Siqueira, Kátia; Girling, Roberto; e Keith, Sherry. **Escola participativa: gestão escolar**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PARO, Vitor H. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 1997.



Juliana Aparecida Pinheiro de Araujo

Graduada em Pedagogia, em 2008 pela Universidade Nove de Julho. Pós-Graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade Campos Elíseos. Assistente de Direção no CEU/CEMEI Horizonte Azul na Prefeitura Municipal de São Paulo.

O JORNAL COMO UM RECURSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM INTERDISCIPLINAR

LUÍS VENÂNCIO

RESUMO: O presente artigo traz em discussão a problemática do jornal como um recurso de ensino-aprendizagem interdisciplinar. Um recurso de ensino bastante valioso e que pode ser explorado como recurso de ensino em qualquer disciplina mas que, infelizmente é muito menos usado sobretudo na nossa realidade angolana pelo facto de muitos dos professores ainda desconhecerem o quão valioso é este recurso que pode ser usado em qualquer disciplina independentemente do tema/assunto ou classe. O artigo tem como base a pesquisa bibliográfica, já que consta da busca de diferentes livros, revistas, brochuras, entre outros documentos. O uso do jornal em sala de aula como recurso de ensino-aprendizagem indica um novo contorno do pensar e agir por meio da leitura e manipulação do jornal na escola, com resultados admiravelmente positivos. A ideia de utilizar o jornal como um instrumento pedagógico e levá-lo para dentro da sala de aula, transforma-o em uma ferramenta prática para a motivação do ensino visto que em muitos casos dentro de um contexto pedagógico do conteúdo, chega a ser mais bem-sucedido do que o simples livro didático, pois esse instrumento pedagógico forma um conjunto de cidadãos mais informados e participantes. O uso do jornal na escola serve de base para o desenvolvimento dos temas transversais trabalhando-se, por exemplo, a questão da ética e da cidadania nos enfoques e tendências, que dão aos factos e notícias.

Palavras-chave: Jornal. Recurso de Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o jornal é um meio de comunicação actualizado e contextualizado cujo o conteúdo abrange as mais variadas áreas do saber e pode ser utilizado no contexto educacional para concretizar o conteúdo que está a ser ministrado e para induzir os alunos a reflectirem de forma activa crítica e contextualizada. O jornal é um veículo de informação que utiliza a língua escrita e a comunicação visual, num registo diário e dinâmico da realidade, atendendo às diferentes necessidades do homem quanto a sua sintonia com o mundo, constituindo-se, assim, num importante recurso pedagógico de registo das transformações realizadas pelo homem Machado (2004). Ainda de acordo com Machado (2004), "O jornal, pela sua agilidade, pela permanente sintonia com a realidade imediata, pelas características da linguagem que utiliza, pode constituir-se em um instrumento fundamental para uma sintonia entre a escola e a realidade" O uso do jornal na sala de aula leva o aluno a informar-se de forma quase instantânea.

E olhando para a prática das nossas escolas, percebe-se claramente que o jornal, ainda não é um recurso de ensino-aprendizagem muito utilizado nas salas de aulas, embora alguns professores venham reconhecer a importância do seu uso para actualização permanente dos conteúdos, análise crítica dos factos e fenómenos, bem como para o professor que tem a missão de facilitar o ensino.

Neste contexto, percebe-se que as escolas têm uma intrínseca relação com a sociedade em que estão inseridas, e devem enfrentar o desafio de formar cidadãos que compreendam as dinâmicas e acontecimentos sociais, sendo participantes activos desta sociedade. Por isso, o professor ao utilizar o jornal como recurso de ensino-aprendizagem terá acesso a conteúdos contextualizados com a realidade do aluno, favorecendo assim, um ensino-aprendizado realmente significativo, tornando-o mais atractivo e participativo. O professor deve intervir e auxiliar na construção de uma opinião isenta de sensacionalismo, exageros, distorções, distrações e equívocos noticiosos. Por isso o jornal vai jogar um papel importante no ensino-aprendizagem pois permitirá aos alunos terem acesso a uma informação mais actualizada, criando-se o hábito de leitura e análise das reportagens, o aprimoramento do conhecimento e ampliação da visão sobre a disciplina que estiver em estudo, repercutindo tudo isto na capacidade a atitude dos alunos de criar e expressar suas próprias opiniões.

Ao longo da pesquisa foi feito um colhido histórico sobre os conceitos de jornal e recurso de ensino-aprendizagem, bem como buscou-se perceber de que maneiras os professores podem beneficiarem-se desse rico recurso de ensino-aprendizagem nas suas aulas. Posteriormente, foram realizadas reflexões sobre como elaborar um recurso de ensino utilizando o jornal e que importância tem para o professor e o aluno sendo o jornal um recurso de ensino-aprendizagem interdisciplinar e contextualizado.

O JORNAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO

GRUBLE (2012) define jornal como meio de comunicação que divulga periodicamente de forma organizada e hierarquizada as informações para o público. Neste caso, as matérias publicadas em jornais constitui uma fonte rica de informações e colecta de dados que dão ao estudante a chance de analisar, discutir, apropriar-se de conceitos e estabelecer seus próprios conceitos. O jornal é um recurso pedagógico que promove a interdisciplinariedade na sala de aulas.

Noutra posição, LOZZA (2009), defende que o jornal é um meio de comunicação, geralmente um produto derivado do conjunto de actividades denominado jornalismo. O jornal é o principal meio de comunicação da linguagem escrita e sua circulação pode ser nacional, regional ou local. É um meio de comunicação actualizado e contextualizado cujo o conteúdo abrange as mais variadas áreas do saber.

No processo educativo é necessário a busca de recursos que auxiliem na apresentação de um conteúdo escolar contextualizado. De acordo com a Lei de Bases do Sistema de Educação em Angola, recursos educativos são "todos os meios utilizados que contribuem para o desenvolvimento do sistema de educação e ensino." (Diário da República; I Serie – Nº 170, Lei nº 17/16, artigo 97º nº1 de 07 de Outubro de 2016). Para Libânio (1996), recurso de ensino-aprendizagem são "todos os meios e recursos materiais utilizados pelo professor e pelos alunos para a organização e condução metódica do processo de ensino e aprendizagem". Recursos de ensino auxiliam os educandos/educadores a tornarem nítidas as ideias levando os alunos a compreenderem o que está sendo estudado, favorecendo a eles a observação da realidade através da visualização e manuseio de instrumentos que oferecem informações e dados que permitem uma melhor assimilação dos conteúdos.

Pilletti (2003) reforça o conceito de recursos de ensino ao afirmar que:

Recursos de ensino-aprendizagem são componentes do ambiente da aprendizagem que dão origem a estimulação para o aluno que, quando usados de maneira adequada, colaboram para: motivar e despertar o interesse; favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação; aproximar o aluno da realidade; visualizar ou concretizar os conteúdos da aprendizagem; ilustrar noções abstractas e desenvolver a experiência concreta.

Recursos de ensino são meios que se utilizam para facilitar uma aprendizagem mais concretizadora do conteúdo de ensino-aprendizagem.

E o jornal como recurso de ensino possibilita o acesso à informação e aos acontecimentos de forma quase instantânea, contribui para uma aproximação do conteúdo trabalhado em sala de aula com a realidade social.

Sobre essa relação Flecha e Tortajada (2000), destacam que "a educação na sociedade da informação deve basear-se na utilização de habilidades comunicativas, de tal modo que nos permita participar mais activamente e de forma mais crítica e reflexiva na sociedade".

Quer dizer que a experiência em manipular, manusear, tomar contacto, leva o leitor a uma conexão com o escrito, por isso credibilizando esta informação e garantindo que o "trabalho com textos jornalísticos coopera para diminuir dificuldades enfrentadas no processo de aprendizagem, ao relacionar os acontecimentos sociais no contexto escolar tornando o ensino atractivo e significativo para o aluno" Ostrovski (2009). O jornal é um recurso pedagógico de acesso à informação que favorece a contextualização do conteúdo, mostrando a realidade social. Pois é uma fonte de informação, e para a escola, esta informação pode ser matéria-prima para auxiliar na aprendizagem do conteúdo escolar.

Segundo Machado (2004), "O texto jornalístico articula informações, estabelecendo relações e construindo o significado da mensagem que veicula". Portanto, o jornal como recurso aproxima o conteúdo à realidade do aluno, informando-o sobre o mundo, possibilitando acesso a outras culturas. É importante destacar que os jornais também contêm ideologias, posicionamento, não é uma fonte de informação neutra.

O USO DO JORNAL NO QUOTIDIANO ESCOLAR

Ao usar o jornal no cotidiano escolar o professor deve procurar sempre tornar essa utilização atractiva e eficaz. As actividades realizadas com o jornal devem permitir segundo Grubler (2012), “a livre opinião e expressão dos alunos, exposição dos conhecimentos e ideias, além de oportunizar o esclarecimento das dúvidas do mesmo”. Levar o jornal para escola está relacionado com o facto de jornais/revistas como recursos mediáticos abrirem possibilidades de contacto com o mundo, uma vez que estes são mediadores reais entre a escola e o mundo. Este facto é relevante, pois hoje somos bombardeados por um grande número de informações. Infelizmente as nossas escolas, apesar dos avanços sociais, culturais e tecnológicos dos séculos, ainda são instituições muito fechadas em si mesmas, com programas menos actualizados e voltados apenas para os conteúdos escolares e, muitas vezes, desassociados do mundo externo a elas.

Um dos pontos mais positivos da utilização do jornal impresso no cotidiano escolar é o facto do mesmo permitir a interacção e a troca de informações de forma fácil e possível. Conforme Grubler (2012), o jornal é uma ferramenta que promove a troca de informações, é uma ferramenta diversificada, visto que, para além da leitura é possível, através do jornal, conversarmos sobre actualidade ou acontecimento actuais, fazendo que haja mais envolvimento dos alunos na aula. Também proporciona uma interacção pais e alunos, pois os alunos podem levar o jornal para casa, onde ocorre também a leitura da família.

Viana (2002), afirma que o jornal apresenta a dinâmica social, expõe a vida acontecendo e como tal nos aproxima dos assuntos do momento. Ignorar essa explosão quotidiana de actualidades, especialmente na escola do Ensino Geral, é optar por uma estratégia temerária.

A utilização do jornal permite actualizar o material didáctico, fazendo com que as aulas sejam mais dinâmicas e interessantes; além de contribuir para que haja uma variedade de textos relacionados aos temas abordados. As notícias jornalísticas são utilizadas para o desenvolvimento do conteúdo programático, juntamente com livros didácticos e paradidácticos.

A UTILIZAÇÃO DO JORNAL EM SALA DE AULA COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR

O jornal impresso é um recurso que permite fazer uma relação entre os conteúdos trabalhados em sala de aula com as questões relacionadas ao dia-a-dia do aluno, de uma forma interdisciplinar faz com que os alunos se interessem e procurem se informar sobre vários temas, tais como: desporto, política, economia, saúde, geografia, história, moda, profissão, etc.

Desta feita, segundo Grubler (2012), o jornal aparece como um importante recurso de fontes de informação, pois além de ser um material de baixo custo, aborda os mais diversos assuntos, o que possibilita um trabalho rico em detalhes e bem diversificado, produzido nas mais diversas linguagens, relacionando os conteúdos com suas aplicações e implicações, contribuindo assim para que os conteúdos explorados adquiram significado. O jornal impresso possibilita de forma fácil que cada área de conhecimento seja permeada com um tipo particular de reportagem dentro de uma única edição de jornal. A utilização do jornal na escola se faz necessária como medida de amostra da realidade em que se vive a fim de tornar o aluno suficientemente capaz de mudá-la para melhor.

Em aulas de Geografia por exemplo, através de algumas páginas do jornal que retratem sobre a sociedade actual, os alunos podem fazer a comparação entre o tema em estudo e actualidade vivida em suas sociedades. São muitos benefícios que a utilização do jornal pode garantir para os alunos, pois seu conteúdo é interdisciplinar o que favorece seu uso em todas as disciplinas do currículo escolar. “O bom educador deve estimular a diversidade, trabalhando para que seus alunos tenham suas próprias ideias. E, mais do que isso, tenham a coragem de defendê-las, devidamente baseadas, em situações reais e produtivas” Grubler (2012). E o jornal pela gama de informação e diversidade de matérias que carrega torna-se num potencial recurso pedagógico que incentiva a construção de ideias próprias por parte dos alunos.

O JORNAL NA SALA DE AULA: UM RECURSO DIDÁCTICO POTENCIALIZADOR DOS TEMAS TRANSVERSAIS

Uma maneira de fomentar o desenvolvimento da educação seria levar para dentro da sala de aula o jornal. Meio de comunicação versátil e actual. A mídia impressa diária é uma maneira de aproximar os alunos da realidade. Assim, encurtamos a lacuna que existe entre os livros didácticos, as apostilas e outros recursos usuais, que demoram ao menos um ano para serem renovados, da realidade à nossa volta.

Não que o jornal seja um instrumento perfeito. Ele contém em suas edições, independente do tamanho (seja em número de exemplares ou área de abrangência), importância ou grau de penetração, informações tendenciosas, falhas de gramática e às vezes até mesmo erros de concordância, além de uma série de outros defeitos Antas (2017, p. 1-2).

Entende-se que, é até positivo que isso seja exposto aos futuros cidadãos, pois, através de sua leitura diária, eles vão poder entender o que estes veículos, e até mesmo outros, carregam defeitos e vícios que eles encontrarão no mundo à sua volta, em suas relações individuais e colectivas ao longo de suas vidas.

A CONTRIBUIÇÃO DO USO DO JORNAL COMO RECURSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA UM ENSINO CRÍTICO

Enquanto educador, o ideal é favorecer a interação do aluno com a realidade social. Sendo o jornal considerado uma das fontes para atingir tal objectivo, o jornal coloca o aluno na vivência e reflexão da actualidade, tornando um ser activo e consequentemente participativo da realidade social. Promover práticas educativas significativas que contribuam para que os nossos aprendizes actuem, de forma crítica e participativa, diante das possíveis mudanças e influências ocorridas na sociedade.

Freinet (1976), afirmava que o jornal é um utensílio, uma técnica que faz com que os alunos desenvolvam um senso crítico, construindo e cultivando conhecimentos e interesses necessários ao desenvolvimento de seu pensamento e de sua cultura. Na Pedagogia Inclusiva proposta por (Freire e Faundez, 1998), privilegia-se a pergunta como o ponto de partida para o aprender a aprender. E o noticiário diário está recheado de temas e assuntos do mundo à volta do aluno. O jornal aproxima a realidade à sala de aula, apresentando ao aluno o mundo conforme ele é. O jornal torna qualquer aula mais significativa uma vez que reflecte o meio real do aluno.

Razera, (2004) diz que: "Deve constituir-se ferramenta ao serviço do processo de ensino-aprendizagem e instrumento que propicia resolver problemas e desenvolver projectos, favorecendo a articulação entre diversas áreas do conhecimento e proporcionando a produção de novos conhecimentos".

Partindo destas proposições, pensamos ser possível a construção de conhecimento a partir da utilização do jornal na sala de aula. Não apenas isso, mas também dar sentido à construção da cidadania a todos os alunos, independentemente de suas condições socioeconómicas e culturais. É verdade que alguns professores não tenham clara a noção de que o uso dos jornais em sala de aula, torna a aula mais participativa. Pois os alunos de hoje são mais activos e participativos. Bencini (2002), "Ouvem rádio, vêm novelas, noticiários e programas de auditório e sabem operar computadores melhor do que muitos adultos. Na sala de aula, participam mais, se agitam, conversam, dão palpites. Tudo por que têm opinião-resultado da facilidade de acesso à informação".

Os jornais, constituem um instrumento de fácil acesso, atraente, de grande actualidade e com uma cobertura rica de assuntos actuais. Dentro da vertente cognitiva, o jornal acompanha o desenrolar dos acontecimentos do dia, trazendo possibilidades de actualização de conhecimentos, novos posicionamentos, análise e crítica. O jornal estimula a curiosidade e a vontade de aprofundar os factos. Para que isso ocorra é necessário que as escolas assumem o desafio de facilitarem o acesso aos jornais. Assim, acredita-se ser necessário ampliar-se as discussões sobre os usos dos jornais em sala de aula em qualquer disciplina como prática docente de um ensino de melhor qualidade. O uso do jornal em sala de aula, estimula a participação do aluno na construção do seu próprio conhecimento.

O IMPACTO DA UTILIZAÇÃO DO JORNAL COMO RECURSO DE ENSINO NA SALA DE AULA

Na prática do ensino, os professores buscam inúmeras formas e técnicas de trabalhar um determinado conteúdo, com a finalidade de facilitar o conhecimento para o aluno, propiciando um conhecimento ideal para a formação intelectual e cognitiva do mesmo.

Para Kenski (2007), a utilização do jornal como recurso de ensino na sala de aula incentiva o aluno a questionar o quotidiano à sua volta a fim de conhecer a realidade mais de perto e interagir de forma consciente com os fenómenos à escala local, nacional, regional, continental e mundial. A importância do uso periódico do jornal é no sentido da necessidade do professor em reconhecer os reais atributos que esse material oferece. É um material bastante rico e oferece uma visão ampla e actualizada desde que seja utilizado com sabedoria e principalmente planificado.

A utilização do jornal na sala de aula é uma técnica já reconhecida em algumas localidades. Auxilia na aquisição da linguagem, na ampliação do vocabulário e na própria inserção do aluno, como cidadão na sociedade. A ideia de utilizar o jornal como um instrumento pedagógico e levá-lo para dentro da sala de aula transforma-o em uma ferramenta prática para a motivação do ensino. O estudo e a leitura do jornal dentro de um contexto pedagógico do conteúdo, em alguns casos, é muito mais bem-sucedido do que o simples uso do livro didático visto que, o jornal origina uma leitura mais crítica, esclarece ao aluno a realidade dos problemas sociais, propicia o desenvolvimento do raciocínio, aumenta a capacidade de questionamento e abrange o conteúdo cultural.

O jornal reflecte os valores, a ética, a cidadania, através dos mais variados temas e se torna assim um aparelho importante para o educando se colocar e se inserir na vida social, por meio dessa ferramenta. O uso do jornal na escola atende a proposta dos Programas Curriculares, pois as matérias tratadas servem de base para o desenvolvimento dos temas transversais, trabalhando-se, por exemplo, a questão da ética e da cidadania nos enfoques e tendências, que dão aos factos e notícias.

Segundo Pimenta (2002), a finalidade da educação escolar na sociedade tecnológica e multimídia é de possibilitar aos alunos o acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los e reconstruí-los com criticidade. O que implica analisá-los, confrontá-los, contextualizá-los, o que exige os articular em totalidades que permitam aos educandos irem construindo a noção de cidadania mundial. Porém, como ensinar e gerar conhecimentos nessa nova sociedade marcada pela transformação tecnológica e pela presença das mídias, na qual os meios de comunicação circulam livremente interferindo na formação de crianças, jovens e adultos?

Numa outra visão, segundo Gomes (2002), somente a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e das informações midiáticas na escola não garante mudanças na qualidade da educação. Urge repensar os modelos existentes para a adopção de novas práticas, que contribuam efectivamente para a formação de cidadãos capazes de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Kenski (2007), acredita que não há dúvidas de que o uso dos jornais em sala de aula trazem mudanças positivas para a educação por conter informações actualizadas, imagens, sites educacionais, etc., os quais transformam a realidade da aula tradicional, dinamizando o espaço de ensino-aprendizagem, onde anteriormente, predominava o quadro, o giz, o livro e a voz do professor. Diante dessa situação, não basta apenas os educadores utilizarem os jornais. Urge saber usar de forma pedagogicamente correcta o jornal escolhido para não cair no chamado tecnicismo.

Freinet (1976), afirmava que o jornal é um utensílio, uma técnica que faz com que os alunos desenvolvam um senso crítico, construindo e cultivando conhecimentos e interesses necessários ao desenvolvimento de seu pensamento e de sua cultura.

Ao passo que, Ferreira (2007) critica a forma como os jornais são trabalhados por alguns professores, porque os trabalhos realizados pelos alunos envolvendo pesquisas em jornais constituem actividades mecânicas, quando os alunos recortam textos, gravuras, espalham na cartolina e colam. As informações selecionadas, em sua grande maioria, não são lidas pelos alunos, não são comentados pelos professores, nem com os outros alunos da sala para gerar uma discussão prévia para introduzir um conteúdo escolar.

O jornal é um recurso importante para o aluno se colocar e se inserir na vida social. É um recurso de ensino que promove a motivação e o interesse nos alunos. Cabe aos professores formar seus alunos para o uso crítico e activo dos jornais como recursos de ensino-aprendizagem.





Fonte: Faria (2016).

A CONSTRUÇÃO DO JORNAL ESCOLAR

É nossa intenção ajudar os professores e alunos a construírem o jornal escolar nas suas instituições de ensino.

Grubler (2012), afirma que não se pretende formar uma regra específica para a construção de jornais pelas escolas, mas sim, apontar ideias que estão em desenvolvimento e podem ser útil para nortear instituições de ensino interessadas na criação de um jornal interno, visto que a elaboração de um jornal interno da escola pode trazer grandes benefícios na formação dos alunos.

Ainda, Grubler (2012), defende que o jornal escolar deve ser construído pelos alunos com a intervenção do professor visto que "Não se pode pensar na produção do jornal escolar apenas como um "fazer". O potencial da mídia escolar é muito grande para ser realizado sem um pensamento que o oriente". O jornal escolar promove os direitos humanos e democráticos em toda sua extensão; ele veicula uma visão de respeito às diferenças culturais, de gêneros, sexuais, étnicas, religiosas e outras.

Os conteúdos do jornal escolar podem conter utilidades como:

- Representar a direcção da escola;
- Representar as propostas dos alunos;
- Abordar temas originais como a actualidade, as temáticas locais ou gerais, ou assuntos da escola, relatando a escola e a comunidade;
- Debater temas como a sexualidade, ideologia religiosa, educação financeira, preconceito racial, político, emocional, etc.;
- Promover o respeito pela diferença, a descoberta de dons e talentos, o entretenimento e a diversão.

Estes são apenas alguns exemplos de conteúdos e utilidades que os jornais escolares podem trazer, nada impede que as escolas construam jornais com conteúdos e utilidades diferentes dos citados. É igualmente de carácter relevante elaborar um bom projecto gráfico para que o jornal venha criar forma. Que de acordo com Grubler (2012), obedece os seguintes passos:

- Analisar os projectos gráficos de outros jornais em busca de um modelo próprio para o âmbito escolar;
- Criar a identidade visual do jornal, ou seja, escolher o tipo das letras para os títulos, textos e legendas, o uso ou não de cores e quais; o uso ou não de ilustrações etc.;
- Decidir a ordem das secções permanentes, ou seja, as colunas que permanecerão no mesmo local;
- Citar no jornal o nome de todos os colaboradores na produção do mesmo como forma de incentivo para a produção.

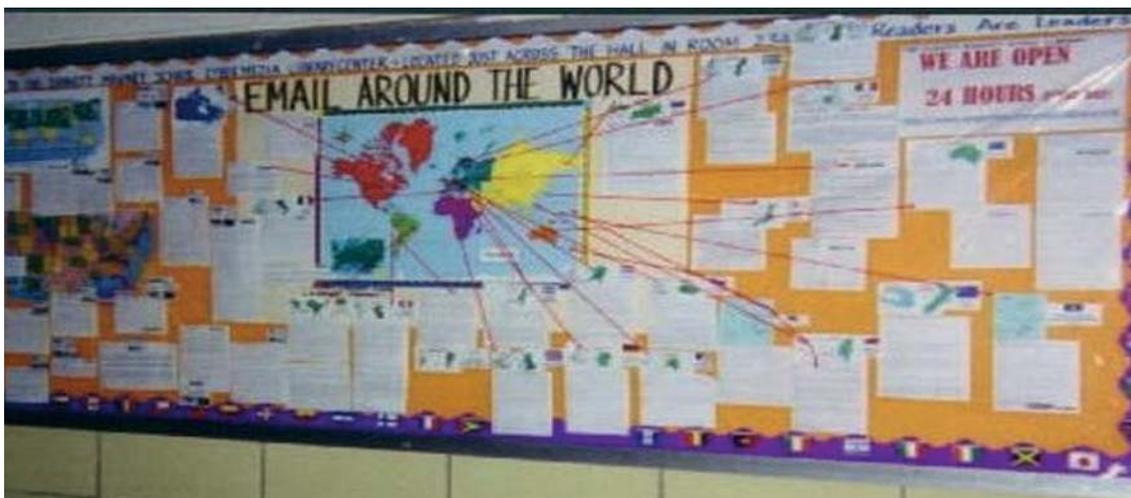
Segundo Grubler (2012), durante esta etapa da produção do jornal escolar, os produtores (alunos) devem evitar:

- Transformar o jornal em uma apostila escolar, visto que o jornal escolar deve ter um modelo próprio;

- Utilizar uma linguagem jornalística sem a personalidade do escritor;
- Manter os mesmos assuntos por longos prazos, visto que o público almeja assuntos actuais.

É importante que o professor estimule os alunos a valorizarem a linguagem jornalística, uma vez que, o aluno sente a necessidade de escrever, exactamente porque sabe que seu texto, se for escolhido, será publicado no jornal escolar e lido por seus pais e pelos correspondentes; por isso sente a necessidade de expandir o seu pensamento por meio de uma forma e de uma expressão que constituem a sua exaltação.

Após todas essas abordagens a respeito da inserção do jornal impresso em sala de aula, os professores que ainda não aderiram a essa metodologia por falta de conhecimento, terão um referencial para que possam aproveitar os grandes benefícios trazidos por esse meio de ensino.



Fonte: Faria (2016).

CRITÉRIOS E PRINCÍPIOS PARA A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Na escola actual, o material didáctico, mais do que ilustrar, tem por fim levar o aluno a trabalhar, a investigar, a descobrir e construir o seu próprio conhecimento. Assumindo desta feita um aspecto funcional e dinâmico que propicie a oportunidade de enriquecer a experiência do aluno, aproximando-o da realidade e oferecendo-lhe oportunidade de actuação. Como afirma (Piletti, 2000, p.282). "Os recursos didácticos devem adequar-se ao nível dos alunos, à realidade da escola e ao assunto a ser exposto".

No entanto, ao seleccionar um meio de ensino deve-se ter em vista os objectivos a serem alcançados. Nunca se deve utilizar um meio só porque está na moda.

Para Piletti (2000), quanto a utilização deve-se observar os seguintes aspectos ou critérios:

- »A utilização dos recursos deve ser planejada, desenvolvendo-se acompanhada de actividades;
- »Sempre que possível, usar o recurso didáctico de forma colectiva, para provocar observações, comentários e para que os alunos tirem conclusões;
- »Deve ser levado em conta o recurso a ser empregado com o assunto e a faixa etária dos alunos, quanto às suas características socioculturais e individuais;
- »O recurso didáctico empregado deve activar os recursos mentais e conduzir ao raciocínio;
- »A selecção dos recursos Dependem dos conteúdos específicos de cada disciplina;
- »Na escolha dos meios deve-se levar em conta a natureza da matéria a ser ensinada; Algumas matérias exigem maior utilização de meios audiovisuais que outras. Ciências, por exemplo exigem mais audiovisuais do que matemática;
- »A eficácia depende também das características dos próprios meios com relação as funções que podem exercer no processo de aprendizagem. A função de um jornal, por exemplo, é diferente da do álbum seriado;
- »A eficácia dos recursos de ensino dependerá da interacção entre recursos e os alunos. Isto é, o

professor deve estimular nos alunos certos comportamentos que aumentam a sua receptividade, tais como a atenção, a percepção, etc;.

»O tempo disponível é outro elemento importante que se deve ter em consideração, porque a preparação e utilização dos recursos exige determinado tempo e, muitas vezes, o professor não dispõe deste tempo. Por isso, deverá buscar outras alternativas tais como: utilizar recursos que exigem menos tempo, solicitar a ajuda dos alunos para preparar os recursos e solicitar a ajuda de outros profissionais. Desta feita, torna-se imprescindível que o professor tenha em consideração os critérios que melhor poderão lhe orientar no momento em que estiver a seleccionar os recursos pedagógicos a serem usados na sua aula e não fazê-lo de forma espontâneo como pretexto de simples cumprimento de regras da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscou-se compreender de que maneira o jornal como um recurso de ensino-aprendizagem interdisciplinar pode ser usado na sala de aulas. Sendo o jornal um recurso de ensino bastante valioso que promove a motivação e o interesse nos alunos e que pode ser muito bem explorado como recurso de ensino em qualquer disciplina mas que, infelizmente é muito menos usado sobretudo na nossa realidade angolana pelo facto de muitos dos professores ainda desconhecem o quão valioso é este recurso de ensino que pode ser usado em qualquer disciplina independentemente do tema/ assunto ou classe. Infelizmente temos notado vários professores com dificuldades em adquirir materiais como cartolinas entre outros a fim de elaborarem recursos de ensino para as suas aulas e como consequência, muitas aulas são dadas sem a utilização de recurso de ensino tornando-as menos atractivas, passivas, abstractas e com pouca possibilidade de garantir aprendizagem ao aluno. E esquecem-se do jornal que além de ser de custo baixo em adquirir a exemplo do Jornal de Angola é um importante recurso de ensino-aprendizagem com grandes potencialidades educativas pois ele é uma fonte de dados informativos sobre os mais variados temas que o professor pode aproveitar trabalhar com o mesmo em qualquer disciplina de forma que os alunos assimilem tirem lições valiosos e venham fazer aplicação nas situações atuais. O docente precisa também beneficiar a interacção do educando com a realidade social quotidiana. E o jornal é o recurso de ensino que bem permite essa interacção com a realidade social quotidiana pois, o jornal reflecte os valores, a ética, a cidadania, através dos mais variados temas e se torna assim um aparelho importante para o educando se colocar e se inserir na vida social, por meio dessa ferramenta que também permite ao professor trabalhar os temas transversais pela abrangência dos conteúdos que este recurso de ensino carrega.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GRUBLE, L. C. *A utilização do Jornal como um importante recurso pedagógico nas escolas*. Porto Alegre: UFRGS, 2012.
- FREINET, C. *O Jornal Escolar*. S. Paulo: Editora Estampa, 1976.
- FREIRE, P. e FAUNDEZ A. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1998.
- FERREIRA, A. P. *Leitura de jornais em famílias de estudantes de escola pública de Ensino Fundamental*. (Dissertação de Mestrado: Faculdade de Filosofia e Ciências. UNESP Marília, 2007.
- LIBÂNEO, J. C. Algumas abordagens contemporâneas de temas da educação e repercussão na didáctica. In: *Anais do VIII ENDIPE*, Vol. II, Florianópolis, 1996.
- LOZZA, C. *Escritos sobre jornal e educação: olhares de longe e de perto*. São Paulo: Global, 2009.
- MACHADO, N. J. *Ensaio transversais: cidadania e Educação*. São Paulo: Escrituras. 4ª edição, Editora, 2004.
- Diário da República*, I Serie – Nº 170, Lei nº 17/16, de 07 de Outubro de 2016.
- OSTROVSKI, C. S. *Interdisciplinaridade e o uso do jornal digital*. Curitiba: Protexoto, 2009.
- PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. (org.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.
- GOMES, N. G. Computador na escola: novas tecnologias e inovações educacionais. In: BELLONI, M. L. (org). *A formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BENCINI, R. *Da informação ao conhecimento*. Nova escola. Abril Cultural, 2002.
- PILETTI, C. *Didáctica Geral*. 23 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- PILETTI, C., *Didáctica especial*. SP-Brasil: Ática, 2000.
- RAZERA, J.C.C. A utilização de recursos telemáticos em projetos de aprendizagem: possibilidades e limites de execução. *EduTec - Revista Electrónica de Tecnologia Educativa*. Num. 18, novembro, 2004. Disponível em: http://www.uib.es/depart/gte/edutec-e/revelec18/razera_18.htm. Data de acesso: 09 de Maio de 2017.

VIANA, F. V. e SILVA, Y. J. O jornal e a prática pedagógica. In: CHIAPPINI, L., **Aprender e ensinar com textos não escolares**. 5 ed., São Paulo: Ed. Cortez, v. 3, 2002.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala**. 5ª Ed. Contexto. 2016.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papyrus, 2007.

TORTAJARA, I. Desafios e saídas educativas na entrada do século. IN: IMBERNÓN, F. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. (21-36), Porto Alegre: Artmed, 2000.



Luís Venâncio

Licenciado em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) Luanda, na opção de Pedagogia. Mestrando em Ciências da Educação na Especialidade de Administração Educacional. Docente. Fundador da AEPEx - Academia de Excelência Profissional e Exclusividade, exercendo o cargo de Coordenador Geral. Membro da Comissão Nacional de Jovens Voluntários de Angola. Palestrante em matérias de Gestão Escolar e Aperfeiçoamento Profissional. Acompanhante de Crianças com Dificuldades na Aprendizagem.
luisvenanciovenancio332@gmail.com



EBERHARD/FABER

Viel Glück

Starburst

WINNER 20

3

4

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA INFÂNCIA

MARTA BATISTA JUSTINO CAETANO

RESUMO: Este artigo apresenta análises sobre a influência dos contos de fadas no universo infantil e sua importância para a educação, tendo como objetivo compreender as práticas educativas através dessas narrativas no desenvolvimento e aprendizagem da Educação. Para compreender como a aprendizagem pode ser influenciada pela contação de histórias, analisou-se como desenvolver os aspectos cognitivos e emocionais. Desta forma, o próprio processo de ensino-aprendizagem é permeado pelas questões do desenvolvimento, a construção do sujeito e abordou-se também a história do início desse gênero textual. Serão apresentadas reflexões dessas histórias no contexto educacional, com o intuito de estimular a aprendizagem.

Palavras-chave: Literatura infantil. Ensino-aprendizagem. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender como a literatura infantil, principalmente os contos de fadas, podem influenciar o processo de ensino-aprendizagem das crianças.

Esse tipo de conto pode ser utilizado como recurso didático por educadores durante a formação escolar da criança, para alimentar e estimular os recursos de que as crianças necessitam para lidar com os problemas interiores.

Mesmo com tantos avanços tecnológicos, brinquedos de última geração, computadores e celulares, ainda há espaço e necessidade da fantasia. Assim, esse gênero literário encanta independentemente da idade, e mesmo que a tecnologia mude nosso mundo, a essência das histórias permanece.

Diferente de outra literatura, esses textos auxiliam as crianças a descobrir a sua própria identidade, assim se torna um exercício para desenvolver o caráter, já que retratam aspectos do mundo, dos homens, dos mitos, dos sentimentos, das emoções e das questões existenciais, tendo sempre um ponto de fantástico e mágico.

Buscamos com esta pesquisa entender como a literatura infantil contribui com o processo ensino-aprendizagem e sua importância para o desenvolvimento infantil. Assim, para que o leitor tenha um melhor entendimento sobre o assunto abordado, dividimos esta pesquisa em subtítulos. No primeiro serão abordados os aspectos relacionados ao surgimento dos mesmos e suas características como literatura. No segundo, falaremos sobre o desenvolvimento do aspecto cognitivo da criança e no terceiro, descreveremos como o lado emocional da criança pode ser trabalhado.

O SURGIMENTO DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas surgiram há vários séculos, começaram a se propagar de maneira oral e o objetivo não era atender ao público infantil, até porque nessa época ainda não se tinha muita preocupação com essa fase da vida. Alguns autores acreditam que ele são de origem celta e surgiram primeiro como poemas.

A primeira coletânea surgiu na França, no século XVII, direcionada para os adultos. Com o passar do tempo essa literatura despertou menos interesse nos adultos e começou a ser usada para fazer as crianças compreenderem a vida, mostrando os caminhos tortuosos (COELHO, 2003).

Essa situação deve ter ocorrido devido ao fato de que inicialmente os contos eram voltados para dar lições de moral ressaltando a ideologia e os valores da sociedade da época. A partir do momento

que começaram a escrever para o público infantil, as questões trabalhadas nos textos mudaram, havendo assim o desinteresse por parte dos adultos. Outra questão que deve ter contribuído para isso pode ser o fato de que com o passar do tempo outros tipos de literatura foram surgindo e atraindo mais o público adulto.

Os contos se transformaram quando passaram a ter como objetivo atingir o público infantil, passando a ser contados de maneira lúdica a fim de cativar e encantar.

Assim houve a necessidade de adaptar ou reformular as histórias para que pudesse ser compreendida pelo seu público-alvo, surgindo então a literatura infantil.

Coelho (2003, s/p.) afirma que

Em meio à imensa massa de textos que lhes servia de estudos linguísticos, Os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas, que, selecionadas entre centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil.

Esses contos foram formulados para a literatura infantil durante a Idade Média e Moderna. Esses contos foram recontados pelos escritores: Perault, La Fontaine, e os irmãos Grimm, que reformularam e criaram as histórias que conhecemos hoje.

O ASPECTO COGNITIVO ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL

As narrativas estão sempre presentes na vida das crianças, desde quando são pequenas, em canções de ninar, cantigas de roda, entre outros. O interesse da criança pelas histórias é perceptível através do bater das palmas, sorrisos, etc. Assim, as narrativas são essenciais para a formação e o desenvolvimento da criança e, por esse motivo, são usadas como recursos na Educação Infantil.

Os pais geralmente são os responsáveis pelo primeiro contato de seu filho com um texto quando é iniciado o processo de contar diferentes histórias. Durante esse processo é possível verificar alguns aspectos: primeiro os pais escolhem as histórias. Conforme o tempo vai passando, a criança analisa, adquire autonomia e passa a escolher as histórias que mais gosta (SOARES, 2008).

Desse modo, o desenvolvimento pode acontecer através das histórias, que permitem que a criança construa a identidade, podendo facilitar também a relação familiar e social (Farias e Rubio, 2012).

De acordo com Dias (2005), o trabalho com lúdico, o mexer com a imaginação através desse gênero literário, auxilia o andamento da aprendizagem, pois isso estimula o criar, o recriar, o escrever, o ler e o pensar.

Mesmo quando a criança ainda não domina a leitura e a escrita, trabalhar a literatura, além de ser prazeroso, pode iniciar o desenvolvimento cognitivo por meio de imagens, cores, formas, enredo do conto e as características das personagens (LUIZATO, 2003).

O hábito da leitura, mostrando que é algo divertido, favorece o desenvolvimento da aprendizagem. Sendo assim, as histórias infantis devem ser contadas para que a criança possa desenvolver sua imaginação, percepção, um elo entre o mundo da fantasia e o mundo real (CASSIANO, 2009).

Bettelheim afirma que:

É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela seria incapaz de descobrir por si só de modo tão verdadeiro (BETTELHEIM, 2007, p. 14).

No contexto da Educação Infantil, por exemplo o desenvolvimento da imaginação é fundamental, assim como outras competências e habilidades que devem ser desenvolvidas e levadas para a vida toda. Ainda, vem a contribuir com o enriquecimento do vocabulário e o desenvolvimento de diferentes linguagens junto as crianças.

O ASPECTO EMOCIONAL E OS CONTOS DE FADAS

Esse gênero literário auxilia no desenvolvimento emocional, pois ensinam que a luta contra as dificuldades é inevitável, é parte interior ao ser humano e, quando tudo termina, a personagem alcança a vitória.

Corso e Corso (2006) diz que eles dão oportunidade às crianças de observarem e vivenciarem de certa forma suas histórias de vida, oportunizando condições para que as crianças consigam se ver dentro da história, identificando e podendo lidar com seus problemas.

Para Von Franz (2003), esse tipo específico de história mostra e aborda aspectos do mundo, dos mitos, os sentimentos, as emoções e das questões existenciais, tendo sempre um ponto de fantástico e mágico.

Essas narrativas são compostas de adversidades para que a criança possa compreender de maneira mais simples e clara que é possível enfrentar o medo.

Pode-se verificar isso em:

- “Branca de Neve e os Sete Anões” - a presença da carência afetiva;
- “Cinderela” - há uma rivalidade entre mães e filhas, carência e também é possível ver que não há perfeição na maneira de amar;
- “João e Maria” - percebe-se a pobreza e a inveja;
- “O Pequeno Polegar” - mostra os limites do amor materno.

Para solucionar esses conflitos, surgem os personagens “mágicos”, como fadas, anões e bruxas. Quando a história termina com a volta à realidade, onde todos terminam felizes, os heróis se casam ou retornam ao lar (ressurreição, 2005).

Punir, nesse caso, não é só uma inibição do crime, pois fica claro que quem faz o mal se dá mal. Não é só o final feliz que importa, mas sim a percepção do conflito e a solução do mesmo.

A criança encontra muito significado nessas histórias, pois, ao mesmo tempo que estimula e desenvolve as capacidades, dá sequência aos fatos, esclarece pensamentos, amplia o vocabulário, cria o hábito da leitura e desenvolve a linguagem oral e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa teve por objetivo analisar a importância dos contos de fadas para a aprendizagem significativa das crianças. Eles estão no imaginário da criança e, como tal, ao serem utilizados no contexto educacional, contribuem para leitura, desenvolvimento psicomotor, cognitivo e, além disso, o desenvolvimento da própria personalidade.

É possível trabalhar o lado emocional com contos, a criança compreende, podendo se identificar com as personagens e interpretar o texto.

Desta forma, esse tipo de literatura fornece um importante material que, ao ser trabalhado, ajuda na promoção do desenvolvimento integral da criança, contemplando as esferas intelectuais e emocionais, que pode gerar um indivíduo consciente, reflexivo e capaz.

Possuem vocabulário e cenário acessível, podendo o professor trabalhar com o imaginário dos estudantes, neste caso de acordo com o planejamento da aula, sendo que eles poderão aprender a contar, separar, nomear, classificar, compreender as pistas, as diferenças entre bem e mal, de uma forma dinâmica e atrativa, bem como as informações passam a ser melhor processadas e adquiridas.

O trabalho com esse gênero literário pode oferecer um desenvolvimento de forma global, no qual busca-se trabalhar o crescimento emocional e cognitivo, não apenas questões de leitura ou escrita, mas os pontos fundamentais da criança em desenvolvimento como, por exemplo, o narcisismo (presente na Branca de Neve), as relações sociais (Cinderela), a sedução (Chapeuzinho Vermelho), entre outros. A leitura pode ser beneficiada também, possibilitando que a criança tenha a curiosidade aguçada e adquira o prazer pela leitura.

Verifica-se, então, que esse tipo de história serve de estímulo para a imaginação e a fantasia, tanto nos assuntos considerados universais, como nas situações cotidianas, de relacionamento pessoal e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, B. A *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CASSIANO, A.A. *O prazer de ler: o incentivo da leitura na Educação Infantil*. Londrina, 2009. Disponível em < <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ADRIANA%20APARECIDA%20CASSIANO.pdf> > Acesso em: 25 jan. 2022.

-
- COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.
- CORSO, D. L. e CORSO, M. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DIAS, A.F.A. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil. *Revista Pátio Educação Infantil*. São Paulo, ano III, n.7, maio/junho 2005.
- FARIAS, F.R.A. de; RUBIO, J.A.S. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, v. 3, n.1, 2012. Disponível em: <https://www.facsaooroque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francy.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- GÓES, L.P. (1991). *Introdução à Literatura Infantil e Juvenil*. (2ª edição). São Paulo: Pioneira.
- LOPES, JOSIANE. (2001) A lógica própria da criança como base do ensino. In: *Revista do Professor - Nova Escola*; ano XVI Nº 139, Janeiro de 2001.
- LUIZATO, C. Contexto de letramento: é possível trabalhar com produção de texto na Educação Infantil. *Leopoldianum - revista de estudo e comunicação*, v. 28, n. 78, p. 71- 73, jun. 2003.
- RESSURREIÇÃO, J.B. da. *A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação*. 2005. Disponível em: <<http://www.facos.edu.br/old/galeria/129102010020851.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- SOARES, M. *Alfabetização e Letramento*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- VON-FRANZ, M.L. (2003) *A interpretação dos contos de fada*. (M.E.S. Barbosa, trad.) (4ª edição). São Paulo: Paulus.
- ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Globo, 2003.



MARTA BATISTA JUSTINO CAETANO

Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Guarulhos (UNG); especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Bagozzi; Pós-graduação Latu Senso em Profissão e Formação Docente pela Faculdade de Ciências e Tecnologia Paulistana (FACITEP), e também possui Latu senso em Dificuldades de Aprendizagem pela Faculdade XV de Agosto (FAQ XV). Educadora aposentada do Estado de São Paulo. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

A ARTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

VANDA DE LIMA RODRIGUES

RESUMO: Por meio da Arte, procurou-se demonstrar que a música, o som, ritmo e melodia são elementos básicos que podem na plenitude da expressão musical facilitar o aprendizado das crianças e reforçar a sensibilidade, provocando nelas reações de cordialidade e entusiasmos, prender sua atenção e estimular sua vontade. Justifica-se a escolha do tema acreditando que a música seja um dos recursos contribuintes ao desenvolvimento humano, a qual possibilita a criatividade do pensamento, o que não deixa de ser arte, além de auxiliar nos fatores de aprendizagem. Questiona-se a música de modo generalizado já que a mesma produz um efeito que pode ser mental ou corporal. Se trabalhada de forma criativa a música resultaria em respostas positivas na aprendizagem das crianças? Objetiva-se investigar a importância da música no desenvolvimento humano na infância, compreendendo a faixa etária entre os 4 a 6 anos no intuito de propor um estudo que busque melhorar a qualidade do ensino e desenvolvimento das crianças. Pretende-se ainda compreender a música como importante fator de contribuição no desenvolvimento infantil. A metodologia desenvolvida na pesquisa foi a revisão bibliográfica por meio de livros, artigos e teses que possuem textos analiticamente processados pelos seus autores sem a necessidade de ir a campo.

Palavras-chave: Aprendizagens. Arte. Desenvolvimento. Educação. Influência negra. Música.

INTRODUÇÃO

A pesquisa se detém na música, como um dos meios de estimulação à aprendizagem já que a mesma é importante para o desenvolvimento intelecto humano. Justifica-se a escolha do tema sobre a Arte na Educação Infantil, especificamente com relação ao trabalho com crianças de 4 a 6 anos, acreditando que a música seja um dos recursos contribuintes ao desenvolvimento humano, a qual possibilita a criatividade do pensamento, o que não deixa de ser arte, além de auxiliar nos fatores de aprendizagem.

Objetivou-se investigar a importância da música no desenvolvimento humano desde a sua infância nesta faixa etária no intuito de propor um estudo que busca melhorar a qualidade do ensino e desenvolvimento da criança. Pretende-se ainda compreender a música como importante fator de contribuição no desenvolvimento infantil.

Como problema se questiona se a arte pode atingir de forma integral o ser humano, e se a música de modo generalizado produz um efeito que pode ser mental ou corporal. Assim, se trabalhada de forma criativa, a música resultaria em respostas positivas na aprendizagem das crianças?

Por hipótese acredita-se que a arte musical seja de total importância e influência no desenvolvimento humano, visto que desde cedo as crianças já se acostumam com a música ouvindo canções de ninar e a partir daí se desenvolvem acompanhando diferentes estilos e ritmos musicais. A metodologia desenvolvida neste trabalho foi à pesquisa bibliográfica, exploratória de análise qualitativa.

O desenvolvimento da pesquisa iniciou-se discorrendo sobre o Referencial Curricular da Educação Infantil e o conceito de musicalização no qual os parâmetros curriculares destacam a história e influência da música na criança. Posteriormente, destaca-se a arte e a musicalização na Educação Infantil como influenciadores no desenvolvimento social e coletivo sintetizando o trabalho com música realizado pelo professor.

Em seguida aborda-se o fazer musical, destacando seus objetivos e conteúdos, enfatizando o trabalho musical como atividade lúdica. Essa pesquisa possibilitou compreender a musicalidade e sua importância no desenvolvimento do ser humano por meio da arte.

A HISTÓRIA DA MÚSICA E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A CRIANÇA

Desde o século XVI, aqui no Brasil, os jesuítas já se utilizavam da música como atrativo para atrair as crianças indígenas para os seus ideais de catequização nas escolas. Durante a segunda metade do século, aproximadamente 1.550, foram trazidos para o Brasil vários órfãos para serem criados pelos padres da Companhia de Jesus. Quando cantavam, geralmente em coro, chamavam a atenção dos curumins que se encantavam e demonstravam interesse em aprender a cantar e participar do coro que era formado pelos órfãos.

Os jesuítas aproveitavam esse interesse e formavam corais mistos de crianças portuguesas e indígenas ou, só de indígenas, para cantarem hinos e músicas sacras que serviam para adornar as missas e cerimônias religiosas. As músicas cantadas também serviam para aprimorar a aprendizagem. Através de suas letras eram transmitidos conceitos e valores cristãos para as crianças.

No contexto da Educação Infantil, ao longo de sua história, a música atende a vários objetivos, desde suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamento a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo realizados no dia da árvore, do soldado, das mães, etc (CORSARO e MOLINARI, 2005).

Dessa forma se percebem que tais atividades reforçam o aspecto mecânico e a imitação, deixando pouco ou nenhum espaço às atividades de criação ou às questões ligadas à percepção ou conhecimento das possibilidades e qualidades expressivas dos sons (GAINZA, 1998).

Nos dias atuais, a música está em um segundo ou terceiro plano nas unidades escolares. Quando se pode ensinar por meio da música, a mesma pode servir de grande ferramenta no aprimoramento da coordenação motora das crianças, desde a Educação Infantil, pois, demanda a apreensão de ritmos e limites que se impõem pela própria harmonia musical e pela construção da percepção de cada compasso (HORTÉLIO, 2007).

Além disso, pode funcionar como meio de socialização na utilização de canções para se cantar em duetos, quartetos, quintetos, conjuntos, etc. Utilizando-se de letras populares, pode-se ensinar música na Educação Infantil como meio para desenvolver a expressão, o equilíbrio, a auto-estima e o autoconhecimento, além de ser um poderoso meio de integração social. A música em si é um grande veículo de aprendizado cultural, dos mais primitivos aos mais eruditos (GENARO, 2009).

Através da música, a criança de certa forma reproduz a própria história do desenvolvimento de sua espécie: ela cresce em seu conhecimento descobrindo sons e ritmos, desenhando, garatujando, experimentando instrumentos musicais, confeccionando-os, descobrindo novos sons, entre outros.

A MÚSICA E INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO

A música é uma poderosa aliada educacional já que estimula diferentes áreas cerebrais além de facilitar o aprendizado. Quem trabalha com a Educação Infantil, sabe que durante o desenvolvimento infantil diversas janelas são abertas e fechadas. Essas janelas correspondem a determinado período em que dada parte do cérebro encontra-se mais ativa, o que facilita o desenvolvimento de determinadas áreas de conhecimento.

No caso da janela musical, a mesma começa a se abrir aos três anos, fechando-se aos dez. Nesse meio tempo a criança consegue desenvolver esse tipo de habilidade ao máximo. Depois que termina essa fase, pode-se aprender música, porém com certa dificuldade, não chegando aos resultados de quem aprendeu naquela faixa etária. Por isso, utilizar a música para desenvolver as crianças é de suma importância não só para sensibilizá-las, mas para estimular outras regiões cerebrais também (CORSARO e MOLINARI, 2005).

Sabemos que a região do cérebro responsável pela música é próxima do raciocínio lógico-matemático. A música estimula potencialmente o cérebro, ajudando no desenvolvimento da comunicação a partir dos diferentes sons e aprimorando diferentes habilidades motoras.

O termo interdisciplinaridade surge associada ao desenvolvimento de certos traços da personalidade, tais como a flexibilidade, confiança, paciência, pensamento divergente, capacidade de captação, sensibilidade com relação às demais pessoas, aceitação de riscos, aprender a agir nas adversidades, aceitar novos papéis etc.

Ainda, a mesma fundamenta-se em uma filosofia de trabalho que entra em ação na hora de enfrentar os problemas e questões que preocupam cada sociedade. O objetivo da Interdisciplinaridade nunca é completamente alcançado e por isso deve ser permanentemente buscado (KISHIMOTO, 2010).

O ensino baseado na interdisciplinaridade tem um grande poder estruturador, pois os conceitos, contextos teóricos, procedimentos enfrentados pelos educandos encontram-se organizados em torno de unidades mais globais de estruturas conceituais e metodologias compartilhadas por várias disciplinas. Permite que educandos possam se adaptar a uma inevitável mobilidade nos futuros empregos ou adquirir alguma nova destreza ou conhecimento sem que isto possa significar que os conhecimentos adquiridos até o momento tenham representado uma perda de tempo (BARBOSA, 2008).

A interdisciplinaridade pode ser colocada em prática, utilizando-se como ferramenta a letra de uma música fazendo com que os educadores percebam a facilidade de se trabalhar com música em várias disciplinas, como, por exemplo, em Língua Portuguesa podendo-se trabalhar: Aleitura, escrita, interpretação e gramática.

Em Arte, pode-se trabalhar com: canto, desenho, pintura, cores, formas geométricas, coreografias e etc. Em Geografia pode-se trabalhar: Os meios de transportes, orientação e localização, tempo, espaço e fenômenos meteorológicos. Em Matemática pode-se trabalhar: As formas geométricas, números naturais, tempos, dias, semanas, mês e anos. Em Ciências pode-se trabalhar: O meio ambiente e animais. Em educação física pode-se trabalhar: A expressão corporal e ginástica. Em história, pode-se trabalhar: Os tipos de casas e descobrimento. Ou seja, integrar a música na Educação Infantil implica que o professor deve assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem (BUORO, 2004).

Considerando-se que boa parte dos educadores da Educação Infantil não tem formação científica em música sugere-se que cada educador faça um contínuo trabalho pessoal consigo mesmo no sentido de sensibilizar-se em relação às questões inerentes a música; reconhecer a música como linguagem cujo conhecimento pode ser construído; entender e respeitar como a criança se expressa musicalmente em cada fase, a partir daí, fornecer os meios necessários ao desenvolvimento de sua capacidade expressiva (HOHL, 2003).

O FAZER MUSICAL E O ENSINO DE ARTE

O ensino de Arte pode ser realizado de diferentes formas e metodologias. Dentre os temas, o trabalho com música pode contribuir para que as crianças se expressem artisticamente e desenvolvam a capacidade de criar a partir do fazer musical.

Segundo a Secretaria de Educação Fundamental, na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Arte tem uma função tão importante quanto a das outras áreas de conhecimento no processo de ensino e aprendizagem:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 2001, p. 15).

O conhecimento da Arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: "A arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender" (BRASIL, 2001, p. 19).

Ao abordar a caracterização da área de Arte, o PCN destaca que o ser humano que não conhece a mesma tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida.

Quando trata da Arte como objeto de conhecimento, os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que, o universo da arte caracteriza um tipo particular de conhecimento que o ser humano produz a partir das perguntas fundamentais que desde sempre se fez com relação ao seu lugar no mundo? (BRASIL, 2001, p. 26).

Entende-se que a manifestação artística tem em comum com o conhecimento científico, técnico ou filosófico seu caráter de criação e inovação. Essencialmente, o ato criador, em qualquer dessas formas de conhecimento, estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, num constante processo de transformação do homem e da realidade circundante.

O produto da ação criadora, a inovação, é resultante do acréscimo de novos elementos estruturais ou da modificação de outros. Regido pela necessidade básica de ordenação, o espírito humano cria, continuamente, sua consciência de existir através de manifestações diversas.

Assim, a aprendizagem artística envolve, dessa forma, um conjunto de conhecimentos, que visam a criação de significações, exercitando fundamentalmente a constante possibilidade de transformação do ser humano.

A criatividade está presente em cada um de nós. Todos têm a mesma capacidade criadora, mas essa capacidade é potencializada ou minimizada segundo nossas interações com o meio cultural, o qual pode ou não oferecer estímulos às atitudes e aos atos criativos. O autor complementa ainda que, o que potencializa a criatividade são as nossas vivências (HAETINGER, 2005).

Ainda, ao considerar o trabalho e o desenvolvimento da criatividade infantil, discute que:

Esta afirmação determina duas coisas: a primeira, que é preciso trabalhar a criatividade desde cedo para ampliar sua ação no pensamento humano. A segunda, que o jovem criativo que tenha verdadeiramente desenvolvido o seu senso crítico poderá manter sua criatividade crescendo mesmo na idade adulta (HAETINGER, 2005, p. 15).

Assim, noutra reflexão:

É neste tipo de atividade que a criança se expressa espontaneamente. Por meio do jogo dramático, ela inventa, pensa, lembra, ousa, experimenta, comprova, relaxa e faz relações com o mundo que a cerca (HAETINGER, 2005, p. 58).

Se nos perguntarmos quando devemos iniciar as atividades artísticas na educação, veremos que a criança já as realiza desde que nasce: quando bem pequena; porém podemos perceber que a arte é parte integrante de cada instante do seu cotidiano:

A arte pode ser considerada uma expressão do universo cognitivo e afetivo de cada um, pois revelamos o que sentimos e pensamos, quando trabalhamos com ela. A arte pode ser uma reelaboração da realidade, pois cada pessoa vê uma mesma coisa de maneira diferente e reconstrói usando formas, ritmos, linguagens e elementos diversos. Toda obra de arte é filha do seu tempo, e muitas vezes, mãe de nossos sentimentos. Cada época de uma civilização cria uma arte que lhe é própria e que jamais se verá renascer? (KANDINSKY, 1990 apud BUORO, 2004, p. 24).

Na educação, a arte além de ser uma ferramenta importante para o desenvolvimento da criança é um meio de o educador poder conhecer e compreender melhor o seu aluno e ajudá-lo no seu percurso.

Nas diretrizes norteadoras do Ensino Fundamental descritas no Plano Nacional de Educação encontramos as atividades artísticas relacionadas às intenções de futura ampliação do atendimento em tempo integral, oportunizando orientação no cumprimento dos deveres escolares, prática de esportes, desenvolvimento de atividades artísticas e alimentação adequada. Ou se não nas preocupações com possíveis adaptações adequadas a estudantes com deficiências, até os espaços especializados de atividades artísticas culturais, esportivas, recreativas e a adequação de equipamentos (BRASIL, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso dar desde a Educação Infantil, uma orientação adequada, com materiais, meios e suportes diversificados, além de garantir um diálogo constante sobre a importância das artes, dos artistas e do papel que a mesma exerceu e exerce na construção do conhecimento, a fim de formar adultos que se relacionem com o fazer artístico e evidentemente produtores e consumidores de bens culturais.

Deve-se desenvolver com as crianças estratégias de ensino que explorem as paisagens sonoras ampliando o repertório delas, pois estas adquirirão novos conhecimentos musicais e desenvolvendo seus potenciais artísticos.

É preciso como plano inicial, criar estratégias, selecionando com objetividade o repertório que será apresentado às crianças. Com isso a escolha dos diferentes gêneros musicais é muito significativa, pois poderemos desenvolver em nossas crianças, a sensibilidade, a criatividade e o potencial artístico.

Sabe-se que a música pode ser restituída aos currículos escolares de diferentes formas e, para que isso ocorra, requer investimento em projetos inovadores, materiais didáticos e formação acadêmica para professores que desejam trabalhar em música.

A música na escola pode aumentar a alegria dos alunos e dos que com eles convivem. Conclui-se que a música pode contribuir de várias maneiras, ajudando a conectar experiências perceptivas e emocionais. Tocar um instrumento musical leva a criança especial a ativar sua sensorialidade, sua afetividade, suas capacidades motoras e mentais, ajudando no processo de conscientização da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, A.M.T.B. (Org.). *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BUORO, A. B. *O Olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- CORSARO, W; MOLINARI, L. Entrando e observando nos mundos da criança. In: CHRISTENSEN, P; JAMES, A. *Investigação com crianças: perspectivas e práticas*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005.
- GAINZA, V.H. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Summus, 1998.
- GENARO, C. *Trabalhando com música*. 2009. Disponível em: <http://camilagenaro.blogspot.com.br/2009/06/jogo-e-brincadeiras.html>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- HAETINGER, M.G. *O universo criativo da criança na educação*. [s.l.]: Instituto Criar, 2005.
- HOHL, T. *Desenvolvimento da criatividade infantil*. 2003. Disponível em: <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=193&rv=Literatura>. Acesso em 12 dez. 2018.
- HORTÉLIO, L. Curso de Formação de Educadores Brincantes. In: **PROJETO PROTEÍNAS TERPSI**. Porto Alegre: 2007, p. 22-24.
- KISHIMOTO, T.M. *Jogo, brinquedo e a educação*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.



Vanda de Lima Rodrigues

Licenciatura Plena em Pedagogia, pelo Centro Universitário Hermínio Hometto, licenciada pela UNICAMP; com Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Faculdade Mozarteum de São Paulo (FAMOSP); Pós-Graduação em Psicomotricidade, pela Faculdade Escola Superior de Administração (HSM); Pós-Graduação em Arte Educação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia Paulistana (FACITEP). Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).



O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

VILMA MARIA DA SILVA

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva. Geralmente, por volta dos dois ou três anos de idade, período em que a criança está estabelecendo suas relações sociais, envolvendo-se com pessoas fora do seu convívio familiar e frequentando diferentes espaços, como é o caso da Educação Infantil. É importante lembrar a grande variabilidade na apresentação dos TEA, no que diz respeito tanto aos prejuízos em interação social, comportamento e comunicação quanto ao grau de eventual comprometimento intelectual. Assim, a metodologia do presente artigo está baseada em levantamento bibliográfico sobre o tema em questão, levantando quais as dificuldades enfrentadas pelos docentes na Educação Infantil para que o processo de inclusão aconteça.

Palavras-chave: Acessibilidade. Autismo. Aprendizagens. Educação Especial. Inclusão.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está relacionada a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita com relação aos interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva (KHOURY et al., 2014).

Historicamente, o vocábulo foi utilizado pela primeira vez em 1911, a partir das pesquisas de Bleuler, compreendendo o problema como uma característica da esquizofrenia. Em 1943, através dos estudos de Kanner, o autismo passou a apresentar uma definição clínica específica, não mais sendo julgado como um tipo de esquizofrenia.

Em 1944, Asperger publicou o trabalho intitulado "Autistic psychopathy in childhood" em "Autism and Asperger Syndrome" com base nos pacientes que ele cuidava relacionando características mais amplas que as observadas por Kanner, incluindo casos envolvendo comprometimento orgânico. Asperger chamou a atenção para as peculiaridades dos gestos que eram carentes de significado e caracterizados por estereotípias, da fala sem erros gramaticais, porém considerada monótona e a forma de se aproximar das pessoas. Ainda, em determinados casos, o pesquisador percebeu a ausência de contato visual e de problemas na interação social entre portadores do transtorno em suas relações familiares (BOSA et al., 2012).

Assim, historicamente, diversos foram os conceitos apresentados para o autismo, variando conforme a área de pesquisa. Ao longo do tempo, surgiram conceitos com aplicação de termos relacionando a psicose e a esquizofrenia ao autismo, aplicados por Kanner e Asperger, além do Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID) pela psicologia e do Transtorno global de desenvolvimento (TGD) pela psiquiatria. Atualmente a área da Neurociência classifica o autismo como uma patologia neurológica utilizando o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nela se inclui o autismo propriamente dito, a Síndrome de Asperger e a Síndrome de Rett (CONSENZA e GUERRA, 2011).

A mais recente classificação do CID-11, publicada em 2022, unificou todos os diagnósticos relacionados a essa condição em um único código, o , trazendo apenas como. A ideia foi contribuir para o diagnóstico a fim de facilitar o atendimento na área da saúde

Esse transtorno está relacionado a uma série de características, com diferentes níveis de severidade e conexão com outros tipos de transtornos fazendo com que cada indivíduo apresente uma atenção individualizada tanto para a família, como para os profissionais clínicos e docentes.

No caso do Brasil, apesar da carência de estudos epidemiológicos que possam melhor computar os dados nacionais, uma pesquisa realizada nos últimos anos indicou que os índices de acometimento pelo autismo são de 27,2 casos para cada 10.000 habitantes (LEVENSON, 2015).

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO NO BRASIL

No Brasil até meados do século XVIII, ocorria movimentos de exclusão, pois, as pessoas com deficiência eram retiradas do convívio social, não tendo seus direitos preservados e nem eram aceitos pela sociedade. No século seguinte, verificam-se registros de movimentos de segregação parcial para os indivíduos considerados em risco social, possuindo acesso a instituições específicas, como a APAE, voltadas para o atendimento desse público em especial recebendo tratamento, educação e formação para o trabalho, de acordo com suas capacidades.

A implementação de leis voltadas para a inclusão no país, provocou transformações importantíssimas na concepção de inclusão para a sociedade. Os investimentos do Estado sobre as Políticas Públicas, a Educação e a participação social destas pessoas, foram estruturados aos desejos das pessoas com deficiências e suas famílias. Pensando no processo educativo: “O simples fato de o aluno frequentar a escola, tendo a oportunidade de conviver com os demais colegas e professores, justificaria sua permanência em sala de aula. Negligencia-se a construção do conhecimento em prol da socialização do sujeito” (HATTGE e KLAUS, 2014, p. 329).

Sobre essa problemática, o processo de inclusão não deve priorizar somente a participação desses estudantes em sala, mas sim, oportunizar a aprendizagem para todos os estudantes. A escola deve ter o compromisso com o desenvolvimento de todos os estudantes, por isso, nos processos inclusivos para uma grande preocupação com relação aos materiais e a implementação de metodologias de ensino que possam significar uma aprendizagem para todos, levando-se em consideração as necessidades específicas e potencialidades de cada estudante. O que se vê muitas vezes é uma grande preocupação centrada nas metodologias de ensino. Assim, ainda de acordo com os autores, a inclusão ainda é vista como algo natural que acontece de forma isolada do restante do processo.

É preciso considerar que diferentes estratégias são fundamentais para desenvolver a todos:

Criar e organizar estratégias que percebam as questões individuais e de grupo, que permeiam o processo de aprendizagem, e utilizá-las a seu favor, seja como pistas para estudo e pesquisa, seja como produção de práticas pedagógicas que tencionem permanentemente os processos de ensino e aprendizagem implementados em sala de aula (HATTGE e KLAUS, 2014, p. 330).

As informações recebidas geralmente não são transformadas totalmente em conhecimento e é aí que o docente deve reconhecer as diferenças de cada estudante, já que todos não estão ali somente para a socialização, mas também para aprenderem.

Orrú (2012) ressalta que uma das características mais marcantes em relação ao desenvolvimento da maioria das crianças autistas, percebidas na escola, são os déficits de comunicação e linguagem, a ausência de linguagem verbal e o seu desenvolvimento tardio.

Essas dificuldades observadas no autista são significadas erroneamente pelo grupo social em que elas estão inseridas, onde o baixo investimento nos processos de socialização e educação está pautado em uma visão que considera seu nível de desenvolvimento inferior à de outras crianças. Assim: “[...] cabe exatamente ao processo educacional destas pessoas a tentativa de desenvolvimento dessas insuficiências através do que são capazes de realizar investindo no processo de interação com o grupo social” (CRUZ, 2014, p. 60).

Ainda, no caso da Educação Infantil, esta representa integralmente um dos principais objetivos da escola, que é promover a socialização de todas as crianças, uma vez que é o primeiro momento em que elas começam a se socializar de maneira direta com outras pessoas que não fazem parte do seu convívio diário e familiar. A escola nesse caso se torna um ambiente fundamental para todas as crianças.

É preciso também que as habilidades do estudante sejam levadas em consideração para que ela consiga se desenvolver de forma plena: “No caso do autista, o que está em jogo são as habilidades. É

nelas que se deve investir para, assim, desenvolver as inabilidades (...). Isso reafirma a necessidade de não se esperar um comportamento dado, ao que a maioria dos indivíduos do espectro autista não corresponde” (BASÍLIO e MOREIRA, 2014 p. s/n).

O docente pode contribuir para o desenvolvimento social da criança autista através da: “utilização de todos os recursos disponíveis relacionados à socialização, aquisição de linguagem e comunicação, e adequação de comportamentos” (SILVA et al., 2012, p. 158).

Deve-se exercitar a tolerância, a paciência, a amizade, a solidariedade e a confiança, para que o estudante se sinta amparado e acolhido, tanto pelo docente quanto pelos colegas de classe: “[...] para que ocorra a educação para uma criança autista, alguns fatores devem ser levados em consideração, por exemplo: a dificuldade de comunicação do autista e as alterações repentinas de humor dessas crianças” (PEREIRA, et al., 2013, p. 65).

Porém, é preciso observar que no Brasil, as lacunas na formação docente quanto a inclusão são bem acentuadas. Azevedo (2017) traz uma revisão bibliográfica baseada em práticas pedagógicas desenvolvidas com educandos autistas em escolas do ensino comum. A conclusão do autor foi a de que menos de 20% dos profissionais da educação possuem formação específica ou continuada nessa área, não sendo encontrado registro de capacitação específica para se trabalhar com TEA.

Para muitos docentes, a inclusão ainda é uma realidade preocupante. As especificidades de educandos com diferentes características, como no caso do TEA, aliado ao desenvolvimento de uma prática pedagógica não direcionada, dificulta o trabalho de intervenção adequado para os mesmos, resultando em insegurança por parte dos docentes (MATOS e MENDES, 2014).

Os docentes ao perceberem uma criança com dificuldade de se desenvolver, muitas vezes, têm receio de conversar com os pais e responsáveis sobre as suas observações, pois muitos não aceitam inicialmente que a criança possui alguma deficiência, o que pode vir a dificultar o diálogo entre docentes e responsáveis sobre o assunto (BRASIL, 2003).

Ou seja, em alguns casos: “A criança autista apresenta uma aderência inflexível a rotina ou rituais reagindo com intensa ansiedade a mudanças imprevistas no ambiente” (SURIAN, 2010, s/p.); assim cabe ao docente utilizar metodologia eficaz para todos a fim de amenizar todo o “estresse” causado pela rotina escolar. Compreender e detectar o modo peculiar como todos se situam no mundo com suas características individuais permite ao docente desenvolver sua prática auxiliando o desenvolvimento infantil em consonância com os objetivos dessa fase.

Assim, a participação da família junto a esses educandos também contribui para definir o sucesso ou fracasso do processo de inclusão de todos no ambiente escolar. Não só o papel do docente é importante no processo mediador, mas também o apoio que a família dá e recebe é essencial.

O TEA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo diferentes autores referenciados no tema em questão, a metodologia de ensino utilizada muitas vezes com a criança com TEA, em vez de auxiliá-la, acaba criando obstáculos na busca por melhores formas de intervenção, levando a comprometimentos no aprendizado. Determinadas situações presentes na Educação Infantil fazem com que as diferenças intelectuais se sobressaiam em relação ao grupo, resultando muitas vezes no fracasso escolar observado ao longo do processo de escolarização (PEREIRA e SCHMITT, 2016).

Assim, deve-se buscar modos de ressignificação para enfrentar as dificuldades enfrentadas pelo docente da Educação Infantil no trabalho de inclusão com todos. Para isso, é preciso ressignificar o trabalho não só do ponto de vista dessa condição, mas considerar a criança enquanto sujeito de direitos que devem ser observados, respeitados e cumpridos.

Ou seja, a intenção é refletir sobre o TEA e a inclusão da criança na Educação Infantil, bem como o enfrentamento dos desafios encontrados pelos docentes tendo em vista o desenvolvimento e a inclusão escolar dessas crianças especificamente.

O docente deve saber como o estudante está aprendendo e se desenvolvendo; as dificuldades enfrentadas na Educação Infantil parta que o processo de inclusão aconteça de forma efetiva e os processos educacionais que contribuem para acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem das mesmas, priorizando o relacionamento das famílias com profissionais da educação e saúde (CHICON et al., 2014).

Klein (2010) traz que a palavra inclusão tem sido utilizada de forma equivocada na área da educação delimitando práticas que gostaríamos que fossem mais justas, democráticas e solidárias. Porém, a inclusão vai além de uma mera inserção, havendo a necessidade de tonar a criança parte de um todo, para que o mesmo não seja excluído por apresentar comportamentos e características diferenciadas.

Para que a escola promova inicialmente o desenvolvimento, no caso da Educação Infantil, e posteriormente a aprendizagem é necessário que ela possua uma prática pedagógica coletiva na qual deixe bem claro a importância do envolvimento familiar com a escola, além de mudanças de caráter estrutural e metodológico, privilegiando metodologias de ensino que se adéquem as reais necessidades de cada criança:

As escolas, de modo geral, têm conhecimento da existência das leis acerca da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais no ambiente escolar e da obrigatoriedade da garantia de vaga para estas. As equipes diretivas respeitam e garantem a entrada destes alunos, mostrando-se favoráveis à política de inclusão, mas apontam alguns entraves pelo fato de não haver a sustentação necessária, como por exemplo, a ausência de definições mais estruturais acerca da educação especial e dos suportes necessários a sua implementação (PAULON *et al.*, 2005, p. 25-26).

De acordo com Mousinho *et al.* (2010), as crianças autistas apresentam dificuldades de comportamento e socialização, sendo vistas geralmente como excêntricas pelos demais colegas, tornando difícil e complexo o papel do docente diante dos desafios de ensinar e incluir simultaneamente. Desta forma, a rigidez em determinadas situações gera dificuldades em aceitar mudanças, tornando-as mais vulneráveis e ansiosas.

Ainda, de acordo com o autor, as crianças querem fazer parte do mundo social e ter amigos. O papel docente nessa perspectiva é a de facilitar essa socialização em sala de aula e adequar a sua metodologia para atender as necessidades de cada criança. Muitas vezes, alguma criança fica à margem do conhecimento não participando de atividades grupais, fato que exige do docente muita sensibilidade a fim de incluí-lo no convívio com o meio, visto que é através da socialização que se constitui o desenvolvimento e aprendizagem.

Para isso, o docente deve ser capaz de observar as dificuldades existentes e investigar o nível de desenvolvimento de cada educando para que ele saiba quais aspectos devem ser trabalhados com a criança.

Porém, o que se tem observado na realidade das escolas, é que a formação docente não oferece base sólida nos aspectos teóricos e práticos, de modo que poucos possuem formação básica centrada nos aspectos inclusivos ou específicos para o autismo, implicando a falta de compreensão acerca das necessidades diferenciadas e conhecimentos necessários para ensinar a criança com autismo, o que reflete nas dificuldades observadas não só na Educação Infantil, mas como um todo ao longo da Educação Básica (MOURA e NETO, 2012).

Por fim, considera-se relevante a discussão e pesquisa sobre esta temática, uma vez que possibilita ampliar as discussões já encontradas na literatura compreendendo o Autismo e suas características, permitindo-se repensar sobre a inclusão escolar e os desafios enfrentados pelos docentes para consolidá-la garantindo a progressão das aprendizagens das crianças no contexto da Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil já tem em sua natureza o trabalho com a transversalidade e a oferta de propostas inúmeras que abrangem aos diversos interesses apresentados por todos e por cada um.

O trabalho com as crianças com TEA na Educação Infantil deve considerar a identificação de quais meios o docente utiliza para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças nessa etapa em específico; a avaliação das aprendizagens; a capacidade de desenvolvimento das crianças a partir das várias perspectivas de intervenção existentes; e a identificação dos critérios de escolha dos docentes sobre os meios utilizados para acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem das mesmas.

Ainda, é preciso que o sucesso dessas práticas envolvam o desenvolvimento de uma escola que traga um ambiente de formação tanto para os educadores quanto para os responsáveis, aproximando as famílias a fim de trocar informações tanto pedagógicas quanto relacionais, favorecendo um

fortalecimento desse processo. Isso contribuirá para tornar as famílias protagonistas, auxiliando os educadores na transformação de um ambiente de aprendizagem que resulte em equidade.

Incluir o estudante em sala de aula faz com que ela se desenvolva de forma plena, como todas as outras buscando alternativas coerentes, contribuindo ainda com o desenvolvimento das mesmas e auxiliando o trabalho docente é essencial dentro do processo de inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, M.O. **Práticas pedagógicas desenvolvidas com alunos com transtorno do espectro autista na escola regular**: uma revisão integrativa da literatura. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017, 153 p.
- BOSA, C.A.; SIFUENTES, M.; SEMENSATO, M.R. Coparentalidade e autismo: Contribuições teóricas e metodológicas. In Piccinini, C. A. & Alvarenga, P. (Orgs.), **Maternidade e Paternidade – A parentalidade em diferentes contextos**, São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2012, pp. 269-293.
- BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão**: dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, 2003. 64p.
- CHICON, J.; SÁ, M.; FONTES, A. **Natação, Ludicidade e Mediação: a Inclusão da Criança Autista na Aula**. *Revista da Sobama*, Marília, v. 15, n. 1, p. 15-20, Jan./Jun., 2014.
- CONSENZA, R.M.; GUERRA, L.B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto alegre, Artmed, 2011.
- CRUZ, T. **Autismo e Inclusão**: experiências no ensino regular. Jundiaí: Paco editorial, 2014.
- HATTGE, M.D.; KLAUS, V. A Importância da Pedagogia nos Processos Inclusivos. *Revista Educação*. Especial | v. 27 | n. 49 | p. 327-340 | maio/ago. 2014 Santa Maria. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X7641>. Acesso em: 07 dez. 2021.
- KLEIN, R.R. A escola inclusiva e alguns desdobramentos curriculares. In: KLEIN, R. R.; HATTGE, M. D (Org.). **Inclusão escolar**: implicações para o currículo. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2010.
- KHOURY, L.P.; TEIXEIRA, M.C.T.V.; CARREIRO, L.R.R.; SCHWARTZMAN, J.S.; RIBEIRO, A.F.; CANTIEIRI, C.N. **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar**: guia de orientação a professores [livro eletrônico]. -- São Paulo: Memnon, 2014, 54 p.
- MATOS, S.N.; MENDES, E.G. **A proposta de inclusão escolar no contexto nacional de implementações das políticas educacionais**. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 10, n. 16, p. 35-59, Jan./Jun., 2014.
- MOURA, S. M.; NETO, E. A. P. O papel do professor de apoio permanente para alunos com necessidades educativas especiais: reflexões sobre as políticas públicas e suas ações educativas nas salas de Ensino regular. In: **Semana da Educação**, 2012, Londrina. Anais...Londrina: UEL, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/educacaoespecial/opapeldeprofessorde.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- MOUSINHO, R. et al. Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo: Associação Brasileira de Psicopedagogia, v. 27, n. 82, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862010000100010&script=sci_abstract. Acesso em: 12 dez. 2021.
- ORRÚ, E.S. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- PAULON, S.M.; FREITAS, L.B.L.; PINHO, G.S. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: MEC, SEESP, 2005. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaeinclusao.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- OGUIZA, A.G. Our experience with the a etiological diagnosis of global developmental delay and intellectual disability: 2006-2010. *Neurologia*. 2014; 29(7):402-7.
- SILVA, A.B.B; GAIATO, M.B.; REVELES, L.T. **Mundo singular: entenda o autismo**. Editora Fontana, 2012.
- SURIAN, L. **Autismo**: Informações essenciais para familiares, educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Paulinas, 2010.



Vilma Maria da Silva

Formada em Pedagogia, Letras/Inglês, História, Artes e com especializações na área de Educação Especial, Inclusiva e Alfabetização e Letramento. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo. Participa da comissão editorial da Edições: Livro Alternativo desde 2016 promovendo ações educacionais e investindo na evolução dos educadores.
vilmamedrado@gmail.com
www.primeiraevolucao.com.br



NÃO CUSTA NADA HOMENAGEAR UM PROFESSOR/A ESPECIAL

Envie sua homenagem com algumas fotos para:
primeiraevolucao@gmail.com

JUNTOS SOMOS MA
ORTES
na Maria da Silva

Muito obrigado, pró!



PANDEMIA, PANDELATE, PANDECANTA

Temos vivido tempos novos
diferentes, inusitados.

Nos separamos,
nos isolamos
e sozinhos sentimos o "ficar distante".

Pudemos ter uma consciência
e sentirmos com uma intensidade maior
os sentimentos advindos dessa situação.
O real valor e energia de um abraço.
O prazer que é poder tocar a quem amamos,
quem nos cerca.
Toda a gama de sentimentos bons, que somos
despertados,
ao ouvir a voz de pessoas queridas.
A atenção, o canto,
as palavras, o choro, o perfume...
Tudo!

Sejamos gratos
e sigamos com mais consciência
das coisas e valores
que o dinheiro não compra.

Vivamos!

Elias Alves

EMEF Armando Cridey Righetti

ALMA ATREVIDA

Certa feita,
Quiseram me enterrar.
E qual não foi a surpresa
Quando viram a beleza
Da semente que sou germinar.

Não satisfeitos,
Tiraram o meu chão.
Aquilo que me sustentava,
Buscaram arrancar
Doce ilusão
Eu já sabia voar.

Insistentes,
Quiseram me aprisionar
Uma gaiola construíram,
Minhas asas cortaram,
Tentaram me podar.
Em volta de mim
Colocaram barreiras.
Mas, para minha alma atrevida
Não existem fronteiras.

J. Wilton

(EMEF Armando Cridey Righetti)

OLHARES SÚBITOS

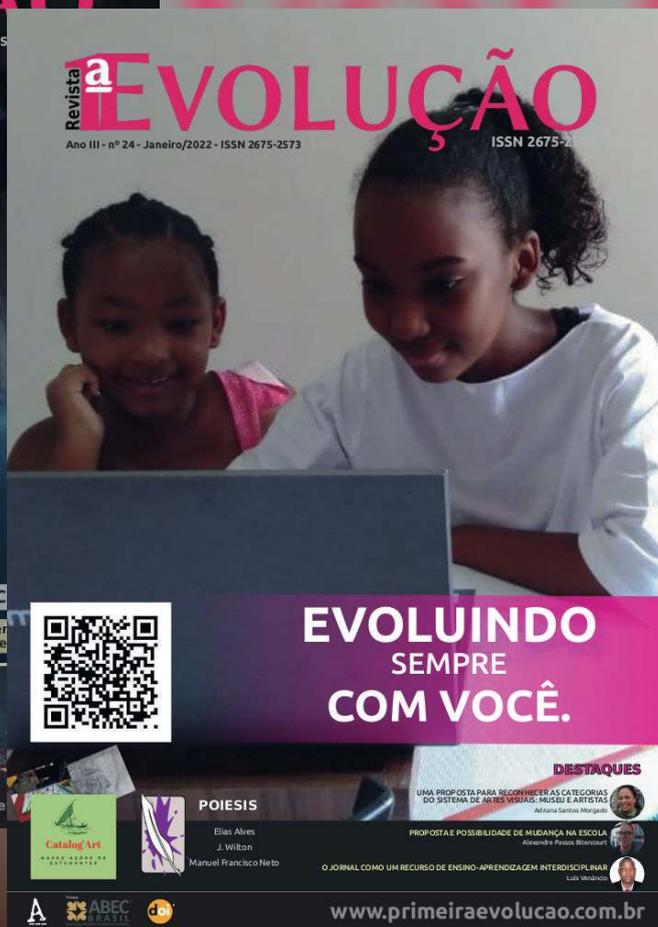
Olhares de espantos
Olhares de superioridades
Olhares de subestimações
Ora em ruas semipovoadas
Ora em labirintos semidescabidos
Olhares emergentes de seres humanos alegres
Olhares fustigados de seres humanos tristes
Olhares súbitos
Perante aquela figura ridícula e que nem sempre
o hábito faz o monge
Olhares súbitos sobre aquela maquete semi
construída mesmo no centro daquela vila
histórica
Olhares súbitos
Olhares regozijantes nas faces daqueles
semialimentados
O estranho reapareceu com novos ares de
personalidade cívica
Evidentemente, novos pensamentos, naquela
identidade, mas os olhares prosseguiram ser
súbitos
Quem ele é?
Que individualidade?
Ora em ruas semipovoadas
Ora em labirintos semidescabidos
Seres humanos alegres
Seres humanos tristes
Nada de arbitrariedades!
Nada de ilusões!
São os olhares súbitos daquela gentada
Olhares fixos mesmo sobre o insólito daquela
fase da vida
Olhares violentos
Olhares ressequidos
Olhares frustrados
Não importa, meus amigos benevolentes;
Não liguês;
Tolera,
Sei da tua paciência
Sei da tua calma
Ainda mais sei das tuas afinidades
Ainda mais sei das tuas aptidões
Ainda mais sei dos teus afazeres
A destreza dos olhares súbitos pois tornar-se-ão
fantasias
Pois torna-se-ão louvores
Pois torna-se-ão reflexões

Dr. Manuel Francisco Neto

escritor, poeta

Alexandrov-Rússia 17/07/1993

EVOLUÇÃO



AUTORES(AS):

- Adelina Ursula Correia de Lima
- Adriana Santos Morgado
- Alexandre Passos Bitencourt
- Diego Daniel Duarte dos Santos
- Elaine Cristina Reis de Lemos
- Evelice de Souza Evangelista
- Juliana Aparecida Pinheiro de Araujo
- Luís Venâncio
- Marta Batista Justino Caetano
- Vanda de Lima Rodrigues
- Vilma Maria da Silva

ORGANIZAÇÃO:

- Andreia Fernandes de Souza
- Manuel Francisco Neto
- Vilma Maria da Silva



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.24>

www.primeiraevolucao.com.br

Filiada à:

